

TATIANA SALGUEIRO CALDEIRA

REDE DE HISTÓRIAS:

***IDENTIDADE (s) E MEMÓRIA (s) NO ROMANCE DOIS IRMÃOS,
DE MILTON HATOUM***

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Estudos Literários.

Área de concentração: Teoria Literária

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras

Belo Horizonte
2004

BELO HORIZONTE, 17 DE MAIO DE 2004. Dissertação aprovada pela

Banca examinadora constituída pelos seguintes professores/as:

Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen – FALE/UFMG
Orientador

Prof^ª Dr^ª Gláucia Renate Gonçalves – FALE/UFMG
Titular

Prof^ª Dr^ª Maria Zilda Cury - UFMG
Titular

DEDICATÓRIA

Aos meus pais,
Anna e José.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Elcio Loureiro Cornelsen, pela orientação, sabedoria e cuidado na revisão de todo o trabalho.

À professora Gláucia Gonçalves, pelo carinho, incentivo e apoio nesse difícil caminho.

À professora Maria Zilda Cury, pela confiança e ajuda.

Aos meus pais Anna e José e irmãos Gabriela e Frederico, pela compreensão, paciência, suporte e incentivo em todo o processo.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro, sem o qual não seria possível o desenvolvimento desse trabalho em tempo hábil.

Ao programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, pela concessão de recursos para o desenvolvimento de pesquisa em Centros de Documentação nas cidades de Campinas e São Paulo.

À amiga Vivien Gonzaga, pelos estudos, dedicação e ajuda no processo de formulação do Projeto de Dissertação e nas revisões de textos.

À amiga Denia Diniz Freitas, pela presteza e cuidadosa revisão bibliográfica.

Aos meus amigos e amigas, colegas do Curso de Mestrado, pelo privilégio de compartilhar momentos agradáveis e ricos em discussões teóricas e estudos coletivos.

Às secretárias do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Letícia, Meire, Marta e Rosana pela disponibilidade, atenção e presteza

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT	8
1-INTRODUÇÃO	10
2-CULTURA BRASILEIRA, INTERAÇÕES CULTURAIS	20
2.1 Brasil, a miscigenação e a formação identitária	21
2.2 Identidade (s) e reconstrução (ões)	34
2.3 O imigrante: diversidade da nação	44
3- RELAÇÕES ESPACIAIS E DISCURSIVAS: TRADIÇÃO E CULTURA	54
3.1 Manaus território do múltiplo e do atemporal	55
3.2 Memória: heterogeneidade da linguagem	71
3.3 O narrador: olhar em trânsito	78
4- MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: A TEIA NARRATIVA	88
4.1 Era uma vez uma história: reconstituição de fragmentos	89
4.2 Produção de memória, paradoxo, amnésia	99
4.3 Cacos: ruínas da memória	105
4.4 Memória: articulação de espaços, tempos e tradições	109
5- CONCLUSÃO	119
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo fazer um estudo sobre os aspectos relacionados à questão da memória, uma vez que ela funciona como base fundamental, como elemento de sustentação da estrutura narrativa na obra *Dois irmãos*, de Milton Hatoum.

Ao apresentar a experiência e história particular de um indivíduo assujeitado, juntamente com a de uma família de descendentes de sírio-libaneses que se forma nos arredores de Manaus, no início do século XX, *Dois irmãos* traz à cena a coexistência e convivência de grupos étnicos e a interação e integração de diferentes tradições, a partir de processos de traduções culturais.

A abordagem teórica deste trabalho se desenvolveu a partir de considerações feitas acerca do estudo da memória por críticos pós-modernos, como Andreas Huyssen, Fausto Colombo, Ricardo Piglia. Este estudo aborda, também, diversas questões como polifonia e a heterogeneidade da linguagem, a hibridez, o multiculturalismo a partir de teóricos como Homi Bhabha, Nestor Garcia Canclini, Peter Burke e Mikhail Bakhtin.

Assim sendo, este estudo procurou mostrar como Milton Hatoum discute e usa a memória como veículo de representação de identidade(s), e como culturas e tradições distintas podem ser identificadas a partir do emprego dessa memória. Demonstra, ainda, por essa base mnemônica, como o multicultural e o híbrido estão intrinsecamente relacionados no processo de formação da Região Norte, devido à imigração e à miscigenação recorrentes, em específico, na cidade de Manaus. Verificou-se, nas

histórias narradas por Nael, a voz de uma coletividade, apresentada pelo uso da polifonia textual. Verificou-se, ainda, por trás dessas múltiplas vozes, que é possível reconstruir uma tradição ou várias tradições. A memória do narrador é reconstituída por fragmentos e pelo resgate dessas múltiplas vozes que, de certa forma, possibilitaram a reconstrução de identidades plurais e individualizadas.

ABSTRACT

The aim of this master's thesis is to study certain elements related to the concept of memory, which serves as the basic element in the narrative structure of Milton Hatoum's novel *Dois irmãos*. Through an account of his own life story, Nael, the narrator/protagonist, also weaves the story of a family of Lebanese immigrants and their descendants. The novel is set in the city of Manaus in the beginning of the twentieth century, and it gradually unveils the interaction and exchange between different ethnic groups, whose traditions are in a constant process of a cultural translation.

The theoretical support used in the discussion of memory in Hatoum's novel is study carried out by postmodern critics Andreas Huyssen, Fausto Colombo, and Ricardo Piglia. Moreover, this thesis also takes into account the issues related to heterogeneity, hybridity and multiculturalism, as discussed by theoreticians Homi Bhabha, Nestor Garcia Canclini, Peter Burke, and Mikhail Bakhtin. The present work shows how Milton Hatoum uses memory as a way of representing identity (ies), and how different cultures and traditions problematize the concepts of essence and of origin. In addition to this, the memory device makes it possible to understand how multicultural elements are intertwined and a hybrid product is constructed. In the episodes narrated by Nael, one can single out the voices that represent certain communities in the textual polyphony, and, despite not reaching a pure origin, these multiple voices clearly indicate the presence of various cultural traditions. The narrator's memory is then reconstructed by means of fragments from the past, thus recovering multiple cultural voices in the construction of Northern Brazil.

1.

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

O mundo moderno, segundo teóricos atuais, está passando por turbulentas e importantes transformações em todos os seus âmbitos, o que faz com que antigos conceitos prefixados se mostrem carentes de redefinições, como é o caso da idéia de nação, de identidade subjetiva e cultural e de história. Movimentos constantes garantem que, neste novo contexto sócio-histórico, nada será predefinido e estabelecido, favorecendo, então, a formação de novas visões e análises a partir da inter-relação desses elementos, do intercâmbio e da interação.

Nesse sentido, observamos que, pelo fato de o tempo não ser mais visto como história linear, da mesma forma, o sujeito não é mais resultado de um processo histórico, ou seja, a sua singularidade e individualidade não lhe garante estabilidade e permanência em um espaço e tempo delimitados como na visão histórica clássica.

Assim, a falta de densidade e de estabilidade que a idéia de tempo traz na modernidade faz com que o sujeito, visto como agente da história, se torne fragmentado e, por isso, lacunar na sua essência. Assinalamos, ainda nessa perspectiva, o caráter transitório tanto do meio social como da história. Por tudo isso, os fatos históricos não são mais contados de forma linear, mas evocados, nas narrativas contemporâneas, a partir de fragmentos, ou seja, são apresentados *flashes* de cenas do passado, apreendidas pela memória.

Em consequência desse novo tratamento tanto da história como da memória, nas narrativas atuais, encontramos, em muitos escritores contemporâneos, o uso de uma estrutura memorialística fragmentada, não linear, pois a falta de elementos dispostos

linearmente no tempo não só revela uma nova forma de se trabalhar com a memória, como também permite que a estrutura mnemônica seja configurada a partir de novas perspectivas.

Vemos, dessa forma, que o caráter transitório e provisório da descontinuidade mnemônica e historiográfica junto à instabilidade do sujeito no seu meio social, no qual se enraíza, faz com que, na modernidade, as narrativas sejam lacunares, fragmentadas, calcadas na falta.

Do ponto de vista temático, observamos que, atualmente, o conceito de identidade nacional constitui um importante tema na ficção contemporânea, uma vez que podemos encontrar esse fenômeno teórico moderno sendo discutido e debatido no interior de algumas obras literárias.

A identidade nacional é, assim, na contemporaneidade, forjada com base na identificação étnica e cultural, constituídas em torno dos conceitos de miscigenação e mestiçagem, respectivamente, e traduzidas na linguagem de uma identidade e de uma cultura nacional brasileira mestiça.

Dessa forma, o universo fragmentado das narrativas atuais inquieta e desafia. Por esse motivo, para o estudo dessa ficção, propomos a leitura do romance *Dois irmãos*, do escritor amazonense Milton Hatoum, uma vez que ele se fundamenta na estrutura fragmentada da memória.

Assim, o autor, ao apresentar a experiência particular de um sujeito assujeitado, que narra e ao mesmo tempo é condicionado pela própria narrativa juntamente com histórias e vivências coletivas de outros, recupera a memória pelo resgate dessas múltiplas vozes que, de certa forma, possibilitam a reconstrução de identidades plurais e individualizadas e, ao mesmo tempo, individuais, na medida em que o destino coletivo é

representado individualmente a partir da representação ficcional dos membros de uma família de imigrantes sírio-libaneses e seus agregados.

Nosso objetivo neste estudo consiste, então, em analisar de que forma Hatoum discute e utiliza a memória como veículo de representação de identidade(s) e como, a partir do emprego dessa memória, podemos identificar culturas e tradições distintas. Pretendemos, também, averiguar por essa base mnemônica, como o multiculturalismo e o hibridismo cultural estão, intrinsecamente, relacionados à formação da Região Norte, devido tanto à imigração como também à miscigenação.

A escolha de *Dois irmãos* se deve, assim, principalmente, ao interesse pela crise da fragmentação da identidade subjetiva e a formação heterogênea tanto da cultura como da linguagem encontrada nos discursos e na sociedade contemporânea e, ultimamente, discutida por teóricos como Nestor Garcia Canclini e Homi Bhabha, entre outros. Também parece-nos importante observar a turbulência de discursos calcados na memória, verificada por Andreas Huyssen, já que o romance reflete, de forma crítica e discursiva, sobre esses aspectos tão presentes na sociedade atual.

O fato de haver poucos teóricos que já escreveram sobre a questão da memória nas duas únicas obras de Hatoum - *Relato de um certo oriente* e *Dois irmãos* -, aponta para a relevância de nosso trabalho. Aliás, de acordo com o nosso levantamento, a fortuna crítica, que trata, de forma específica, o tema da memória se resume às contribuições de Maria Zilda Cury¹ para o entendimento da obra *Relato de um certo oriente*.

¹ CURY, Maria Zilda. De orientes e Relatos. In: SANTOS Luis Alberto e PEREIRA Maria Antonieta. *Trocas culturais na América Latina*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000.p.165-167.
CURY, Maria Zilda. Imigrantes e agregados: personagens femininas na ficção de Milton Hatoum. CD-ROM. (IX Seminário Nacional Mulher e Literatura). Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. p.1-8

Acreditamos, ainda, que este estudo é relevante, já que a obra em análise focaliza, em sua narrativa, elementos referentes a discussões atuais como multiculturalismo, identidade, hibridismo cultural, entre outros. Além do mais, apresenta questões referentes à imigração no Brasil, tema significativo, pois desde o período colonial vivemos sob influência de uma diversidade cultural advinda dessas imigrações.

Assim sendo, estamos continuamente sujeitos ao contato com uma multiplicidade de línguas e tradições, o que favorece o diálogo com a diferença. Nesse contexto, a obra *Dois irmãos* é bastante original ao abordar a imigração árabe, em especial a libanesa, na Região Norte, mais especificamente na cidade de Manaus. Por se tratar de uma região cujos dados históricos referentes à imigração árabe são escassos – diferente do que acontece com estudos de imigração sírio-libanesa em São Paulo e no Sul do Brasil – o estudo por nós proposto exige-nos a busca dos elementos relevantes para uma análise cultural no que se refere ao imigrante nessa região, garantindo, assim, seu caráter inédito.

Com efeito, o enredo do romance *Dois irmãos* tem como centro a história de dois irmãos gêmeos – Yaqub e Omar – e suas relações com o pai, Halim, e a mãe, Zana. Na casa em que vivem, moram, também, Rânia, a irmã; Domingas, a empregada, e seu filho Nael.

Assim, a narrativa de Hatoum, ao apoiar-se em um passado e na história familiar de imigrantes sírio-libaneses, constituída na cidade de Manaus, mostra a reconstrução de identidades a partir da convivência desses imigrantes com a população local, ao interagirem, simultaneamente, com suas tradições e bagagens culturais diversificadas. Resultam, desse envolvimento, a pluralidade de línguas e culturas que são

cultivadas por esses imigrantes e a inserção e representação de alguns ritos árabes nesse novo contexto amazônico.

A proposta de análise que aqui apresentamos procura verificar a importância e relevância do uso da memória como base fundamental da estrutura narrativa, ou seja, como elemento de sustentação, já que a partir do resgate mnemônico encontramos representações de identidades e de tradições culturais diversas e vinculadas a relatos e histórias de experiências coletivas e individuais.

Nesse sentido, nosso trabalho visa a enfatizar aspectos relacionados à representação da memória enquanto mola propulsora da narrativa e como representação de fragmentos de várias perspectivas espaço-temporais. Pretendemos, também, demonstrar que, nas histórias contadas pelo narrador Nael, podemos encontrar a voz de uma experiência individual, associada com a de uma coletividade e, por meio dessas múltiplas vozes, podemos reconstruir identidade(s) e tradição (ões) sob novos olhares e perspectivas distintas.

Ao retratar a história da saga de imigrantes que se fixam na Região Norte, na cidade de Manaus, no princípio do século XX, e a constituição desses grupos em novas famílias, nesse espaço, *Dois irmãos* traz à cena o convívio e o intercâmbio das tradições cultivadas pelos sírio-libaneses, migrantes, indígenas, nativos e outros imigrantes. Encontramos aí o relacionamento e o convívio contínuo entre essas etnias, a partir de diferentes códigos e linguagens.

Ainda nessa perspectiva, é possível pensarmos que estamos sob influência constante de diversos sistemas culturais. Estes, ao se interpenetrarem e se entrecruzarem, promovem uma heterogeneidade na linguagem e na cultura pela coexistência de vários

códigos simbólicos dentro de um grupo e até mesmo em um só sujeito. Promovem, também a formação de um território como o Norte brasileiro, a partir da diversidade.

Nesse contexto, analisaremos, entre outros fatores, a busca da identidade. Ao mergulhar no passado à procura da sua origem paterna, o narrador reconstrói, ora como testemunha, pois vivenciou os fatos, ora como quem os ouviu de outros e transformou-os em texto ficcional, as próprias recordações, mescladas com os relatos orais do avô - o imigrante Halim - e de sua mãe, a índia Domingas, empregada da casa.

Como se trata de um narrador gerado a partir do estupro de uma índia brasileira, cometido por um dos filhos descendentes de uma família de sírio-libaneses, averiguaremos a constituição da sua identidade como elemento híbrido. Consideraremos, também, nesse caso, o fato de o narrador ser produto e fruto da miscigenação recorrente em todo o processo de formação do Norte do Brasil, e, ao mesmo tempo, de uma relação marcada, de antemão, pela violência.

Trataremos, assim, do empreendimento da representação de uma memória estabelecida pelo distanciamento e mescla de uma ou várias memórias, fecundadas na multiplicidade de vivências e experiências.

O texto de Hatoum, ao apresentar-se como espaço de debate e ao desestabilizar o eurocentrismo e o ocidentalismo, marcados pela linearidade historiográfica e a hegemonia do discurso oficial, propõe novas abordagens, colocando, em confronto, antigas configurações da teoria literária, como, por exemplo, a questão da memória.

Em suma, nosso estudo propõe reconstruir, a partir de uma nova estrutura e da ficcionalização dos fatos, uma outra versão da história oficial da imigração sírio-libanesa, que deve ser contada e revelada. Ao ter em vista todos esses assuntos, no segundo capítulo, averiguaremos como foi a formação da identidade nacional brasileira, estabelecendo, para

isso, um contraponto entre o que se pensava no final do século XIX e o que se pensa hoje. Para esse fim, no segundo capítulo, tentaremos traçar um paralelo entre autores como Darcy Ribeiro, Thomas Skidmore e Elisa Larkin Nascimento.

Como dito anteriormente, Hatoum apresenta em *Dois irmãos* temas recorrentes na produção literária contemporânea, como a fragmentação da subjetividade, a perda da origem e a crise do sujeito. Nesse capítulo, tais temas também serão apresentados em uma dupla e relevante articulação, já que, para alguns teóricos como Fausto Colombo e Stuart Hall, a identidade subjetiva se estabelece a partir da experiência do sujeito como ser autóctone e coletivo, por estar sempre inserido num grupo social. Essas duas experiências são inseparáveis. Já para Homi Bhabha e Nestor Garcia Canclini, entre outros, essa perspectiva se torna impossível pela inexistência da origem, já que se torna algo inconcebível desde o momento em que se passa a observar a presença de trocas e mesclas culturais nas formações das primeiras civilizações. Portanto, a mistura de grupos étnicos e culturas em todo o processo civilizatório torna impossível a presença da origem na individualidade.

Em *Dois irmãos*, podemos encontrar, dessa forma, a configuração de uma identidade fragmentada, não mais preestabelecida com o nascimento do sujeito, mas sim, articulada por meio de sua permanência no tempo e no espaço devido às influências internas e externas. Como poderemos observar em toda a narrativa, essas influências convergem, transformam-se e se rearticulam a cada instante.

Devido aos constantes fluxos internos e externos, a cidade de Manaus é, nessa obra, apresentada como um espaço da floresta e do porto, que possibilita ouvir vozes e histórias de um presente/passado já não mais existente. É nesse emaranhado de culturas, épocas e tradições de imigrantes, que constituíram esse mundo híbrido e multicultural, que

se formou a Região Norte e, mais especificamente, Manaus. Por esses motivos, no terceiro capítulo, além de refletir sobre diferentes pontos de vista teóricos que dizem respeito a todas essas questões, analisaremos o discurso ficcional como representação da diversidade.

Segundo Maria Zilda Cury, nos últimos anos, tem sido relevante, na produção literária brasileira, a temática da imigração, sobretudo em textos que se assumem como vozes constituídas deste *entre-lugar*², como uma constituição discursiva (2000, p.165). Assim, na literatura brasileira atual, encontramos diversos autores, como Hatoum, que abordam, em suas obras, os temas da imigração e do multiculturalismo. Nesse sentido, citamos, entre outros, Moacyr Scliar, Raduan Nassar e Ana Miranda.

Ainda de acordo com Cury, os relatos construídos por esses imigrantes e seus descendentes revelam, dentro da produção literária brasileira, um distanciamento da memória da terra de origem, pois, pelas frestas e vazios que criam, abrem espaço para uma fala diferente, subjetiva e própria (2000, p.168). Tal contexto permite também o nascimento, segundo Homi Bhabha, de uma *narrativa nacional híbrida*, pois converte o passado nacional naturalizado com um tempo e espaço monumentalmente estruturado, em um presente histórico deslocável e aberto a novas enunciações (1998, p.235).

Porém, todas essas transformações ocorridas dentro das colônias no século XIX somente foram possíveis, de acordo com Edward Said, devido ao processo de formação de movimentos contra a hegemonia cultural, uma vez que contribuíram para a redefinição do termo cultura e para a formação de novas identidades culturais. Estas, por sua vez, desestabilizaram o eurocentrismo e o ocidentalismo, promovendo o aparecimento de novas tradições, vozes e histórias (1995, p. 33 a 98).

² SANTIAGO, Silvano. O entre-lugar do discurso Latino Americano. In: SANTIAGO, Silvano *Uma Literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p.11-28

Nesse contexto, enfocaremos, ainda, no terceiro capítulo, o fato de Manaus constituir-se como cidade multicultural devido à imigração e à presença de grupos étnicos diversificados. Assim, conforme retrata o romance, ela se torna um território rico em histórias, lendas, mitos e culturas, não só por causa das relações e combinações estabelecidas, simultaneamente, por meio de elementos peculiares e próprios da Região Norte, como também pelos elementos referenciais aos grupos étnicos ali presentes. Desse modo, encontramos em Manaus a criação de um mundo multiétnico e culturalmente híbrido.

Assim, o terceiro capítulo apresenta nossas reflexões sobre as questões de hibridismo, multiculturalismo e pluralidade cultural, entre outras, como elementos significativos de contribuição na constituição do Norte, mais especificamente, da cidade de Manaus. Discute, também, a função do narrador na narrativa em que se insere e a sua constituição nesse espaço multiétnico. Na reflexão sobre a formação cultural, as contribuições de Peter Burke e do próprio autor oferecerão dados capazes de enriquecer a nossa análise. A estes associaremos conceitos como polifonia e dialogismo segundo Bakhtin e linguagem heterogênea de acordo com Authier Revuz, que também serão importantes para o estudo da memória como veículo social, do narrador e de seu discurso.

Por fim, o uso da memória como estrutura fragmentada e não linear requer um estudo sobre as diferentes formas e abordagens vinculadas ao seu emprego nas narrativas e relatos históricos e ficcionais. Assim, no quarto capítulo, procuraremos, por meio de diferentes pontos de vista de teóricos como Andreas Huyssen, Edward Said, Fausto Colombo, entre outros, mapear o uso da memória na discussão teórica contemporânea, na qual ela aparece sob nova configuração, diretamente relacionada à idéia de releitura. Com

efeito, encontramos, nas novas narrativas, uma introjeção do passado no presente, constituindo, dessa maneira, relatos fragmentados e não-lineares.

Além disso, outros aspectos referentes à questão da memória, como a amnésia e a idéia de ruína, presentes na literatura contemporânea, também estarão presentes nesse último capítulo, já que a narrativa de Hatoum se insere nesse contexto e é constituída sob essas novas abordagens e perspectivas.

2

CULTURA BRASILEIRA, INTERAÇÕES CULTURAIS

2.1 Brasil: a miscigenação e a formação identitária

Como se sabe no Brasil, a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889) são fatores importantes no processo de sua formação nacional, pois trouxeram mudanças na tática de constituir a nação. A campanha abolicionista e a busca da emancipação política e econômica da Coroa Portuguesa foram fatores importantes no chamado movimento de caráter nacional.

Ao abolir a escravidão, o Brasil deixa sua condição de barbárie e ingressa no mundo civilizado, forçando, assim, um posicionamento da sociedade em relação à população negra. O fato de o negro deixar a sua condição de escravo e passar a ser cidadão na República, como averiguamos, e do povo brasileiro se constituir basicamente a partir da miscigenação fez com que, no Brasil, a política vigente procurasse evitar, no final do século XIX, a mestiçagem, ao buscar uma identidade nacional o mais branca possível.

Dessa forma, parece-nos fundamental considerar que o mestiço esteve sempre no centro da história da formação nacional brasileira. Observamos, pois, que a mescla de diversos povos com o branco europeu, com o negro africano e com o índio aborígine, foi a base e o produto da formação do nativo do nosso país. Não há dúvida de que, dessa mistura de etnias, nasça um tipo “indefinido”, híbrido, fruto da miscigenação. Portanto, a sociedade multiétnica brasileira é resultado dessas mesclas que tiveram o seu início no período colonial, como nos aponta Darcy Ribeiro.

Verificamos, também, que, com a abolição da escravatura, houve, no período republicano, a entrada de imigrantes, devido à grande oferta de trabalho no setor agrário,

contribuindo, assim, para a constituição do povo e da nacionalidade de nosso país. Porém, a essa entrada foram impostas questões que, de certa forma, buscavam a unificação, a construção de um povo nacionalmente integrado sob padrões culturais homogêneos, cuja eugenia, então, era baseada na necessidade da entrada de doses crescentes de *sangue* branco (NASCIMENTO, 2003, p.126).

Sustentamos, assim, que a busca de ideal de branqueamento racial, no período da imigração, se fundamenta na teoria determinista da *raça*, no darwinismo social, já que se visava a embranquecer a população de base mestiça. Como resultado desse processo, encontramos, no Brasil, a cultura ideológica do *embranquecimento*. Nesse sentido, a mestiçagem, de certa forma, foi retratada como fator positivo, já que garantia a fusão da cor por transformar o mestiço em *branco virtual* (NASCIMENTO, 2003, p.130).

Tal situação se explicitou, no alvorecer do século XX, segundo Thomas Skidmore, quando o Brasil exibiu um sistema multirracial como formação, que, não obstante, repousava em premissas com base na pureza das raças e implicitamente racistas (SKIDMORE, 1976, p.60). Por essa razão, nesse período, a política vigente, segundo Elisa Larkin Nascimento, postulava a fusão das raças no sentido de branquear para homogeneizar e criar, assim, a idéia da nação com base em uma unidade homogênea (NASCIMENTO, 2003, p.130). Contudo, cabe acentuar que essa política deixa de levar em conta que o indivíduo “branco”, que resultava da miscigenação, era fruto da mistura de um negro, índio ou caboclo, e constituía, portanto, o mestiço. Essa política contava, ainda de acordo com Elisa Larkin Nascimento, com duas pedras fundamentais: a imigração européia em massa, subsidiada pelo Estado sob legislação que excluía as *raças* não desejáveis; e o cultivo ideal

do *embranquecimento* com base na subordinação da mulher branca para manter a *pureza do estoque sangüíneo* e da *raça* (NASCIMENTO, 2003, p.126).

Concluimos, pois, que, foi devido à entrada de imigrantes europeus nos anos 70 do século XIX que se intensifica a política do branqueamento da população brasileira no período republicano. Observamos, também, que, em consequência da imigração e da miscigenação, que produziam naturalmente uma população mais clara, a *raça branca* foi permanente e inerentemente se tornando numericamente superior a todas as outras em todo o processo de formação nacional já nos princípios do século XX principalmente no Sul e Sudeste do Brasil (SKIDMORE, 1976).

Sendo assim, as diferenças raciais foram, de certa forma, apagadas, na opinião de Skidmore, pela fusão do branco e a relevância desta cor ante as outras. Averiguamos, contudo, que a supremacia da *raça branca* perante as outras era dada pela crença de que, por ser pura, depois de uma geração, originaria a pureza, eliminando-se, assim, a variedade híbrida existente até então (SKIDMORE, 1976, p.71).

Cabe acentuar que, em busca de um Brasil mais branco a partir do empreendimento de uma ideologia racial, a identidade nacional, em meados do século XX, segundo José Murilo Carvalho, encontrava-se concebida sob duas correntes divergentes. A primeira, com base no modelo europeu, via a mestiçagem como desvantagem ou mesmo como obstáculo intransponível ao progresso do país. Porém, para a segunda, a questão da *raça* não era considerada empecilho à constituição da nacionalidade; pelo contrário, era vista como fator de originalidade e vantagem (CARVALHO, 1998, p.251).

Nessa perspectiva, podemos afirmar que a nação brasileira, no princípio dos anos 20, se construiu como povo mestiço e mulato, pois somos fruto da miscigenação.

Entretanto, a fusão das raças e a ideologia do embranquecimento também fizeram parte da constituição da nação brasileira. Dessa forma, é fundamental considerar que, ao nos constituirmos como povo Brasileiro, nas palavras de Ribeiro “fazemos da diferença uma só nação” (RIBEIRO, 1996, p.201). De acordo com esse autor, tal fato acarreta o primeiro encontro do Brasil com a sua identidade. Afirma, ainda, o autor que é espantoso ver que um povo tão igual e, ao mesmo tempo, diferente tenha se mantido aglutinado numa só nação. Assim, ao fundirem-se, em algo mais complexo, índios, brancos e negros, nasce um novo gênero: o povo brasileiro. A formação identitária se estabelece, dessa maneira, no princípio do século XX, na junção representativa de uma cultura e de suas fronteiras nacionais (RIBEIRO, 1996, p.201).

Com o avanço tecnológico e o surgimento da globalização, ocorridos nas últimas décadas século XX e início do XXI, o termo identidade cultural se estabelece em relação à diferença totalizante específica a cada suposta nação. Portanto tal idéia pode ser compreendida pelo fato de que não existe nação contemporânea que seja composta de apenas uma cultura (valores e costumes) ou etnia, como nos alerta Bhabha (1998). Não há, assim, um conceito totalizador e essencialista de identidade como se pensava no início do século XX. Em Bhabha, por exemplo, encontramos a idéia de “Britishness” que caracterizaria a abordagem “*pedagógica*” da nação, no caso da Inglaterra. Entretanto, do ponto de vista “*performativo*”, ainda para esse autor, em lugar da nação, atualmente temos a “*dissemi-nação*”, isto é, espaços nacionais marcados pela heterogeneidade.

Por conseguinte, notamos que as identidades nacionais não podem mais se subordinar a todas as diferenças. Não é possível afirmar, dessa forma, que haja uma única identidade que caracterize uma nação; o que ocorre é a justaposição de várias identidades.

Nas palavras de Nestor Garcia Canclini,

[...] En un mundo tan fluidamente interconectado, las sedimentaciones identitarias organizadas en conjunto históricos más o menos estables (etnias, naciones, clases) se reestructuran en medio de conjuntos interétnicos, transclasistas y transnacionales [...] (2004, p.3).

Por esse motivo, a desarticulação da idéia de identidade cultural ligada a uma nação, à etnia, e a línguas estáveis possibilita novas articulações a cada momento, formando e redefinindo a nação a cada instante. Essa nova perspectiva faz com que muitos teóricos como Nestor Garcia Canclini e Homi Bhabha não trabalhem mais com a igualdade e sim com a diferença, com a heterogeneidade cultural.

Daí a identidade nacional ser apresentada, na contemporaneidade, como algo simbólico, uma vez que não é dada como inata, completa, e sim formada e transformada no interior de uma representação cultural, com suas peculiaridades, e composta de diferentes grupos étnicos com costumes e valores diferentes.

Vemos, também, que a noção de identidade nacional, anteriormente definida na superioridade e inferioridade das *raças*, passa a ser sustentada pela pretensa identidade étnica e cultural de um dado grupo específico. Deste modo, contamos mais uma vez a impossibilidade de trabalhar com uma dimensão mais categórica de totalidade, pois esta implica justamente a supressão de toda e qualquer diversidade dentro do discurso da nação.

Nessa perspectiva, notamos que as culturas nacionais, ao produzirem sentidos sobre a nação, com as quais podemos nos identificar como sujeitos, atuam também na construção de identidades individuais. Vemos, então, que as identidades individuais são constituídas no intercâmbio entre diferentes grupos e sociedades humanas das quais os grupos étnicos fazem parte.

Apoiando-nos nas teorias contemporâneas, diríamos que a identidade é um processo de construção, que não é compreensível fora da dinâmica que rege a vida de um grupo social e sua relação com outros grupos distintos. Percebemos, ainda, que é impossível pensar a identidade como algo permanente e estático, que é sempre igual a si mesmo, seja nos indivíduos, seja nas sociedades e culturas. Assim, é preciso pensarmos, desde já, que, como as sociedades são dinâmicas, da mesma forma a identidade cultural não é fixa, mas algo que resulta de um processo e de uma construção (MONTES, 1996, p.56).

Por essas razões, julgamos oportuna a afirmação de que é possível a existência de um imaginário nacional que se constrói em torno das diferenças, e que portanto não lança mão de categorias totalizantes ao contrário do que se pensava nos princípios do século XIX. Porém, devemos considerar que essas diferenças não são fundidas em uma mistura homogênea e sim em uma justaposição de grupos étnicos. Dessa forma, conforme assinala Zilá Bernd, as combinações híbridas nascem ao destacarmos e pensarmos a identidade como processo de construção e desconstrução, subvertendo os paradigmas homogêneos, até então, imperantes (BERND, 1998, p.17).

Essa nova forma de se abordar a identidade, além de desestabilizar a visão monolítica anterior, coloca em jogo múltiplas identidades que se afirmam e se reconstróem

mútua e continuamente a partir de elementos internos e externos. Tal fator também leva muitos teóricos contemporâneos, como Edward Said e Homi Bhabha, por exemplo, a trabalharem com a idéia de nação disseminada, híbrida, na qual a inclusão dos povos se dá de forma mútua e não totalizante apesar de o pensamento hegemônico tentar criar imagens preferenciais do “caráter nacional”.

Embora saibamos que as sociedades nacionais também possam mudar por fatores internos, por exemplo quando um grupo étnico passa a ser hegemônico e toma o poder, verificamos que as transformações do termo identidade e do termo nação foram possíveis à medida que as culturas nacionais se tornaram cada vez mais expostas a influências externas, impossibilitando conservar as identidades intactas ou impedir que elas se tornassem enfraquecidas por causa das infiltrações culturais. Vemos, dessa forma, que o termo hibridez permite uma nova avaliação desses conceitos, ao permitir que se averigüe, atualmente, a questão da identidade nacional como resultado das mesclas.

Nesse sentido, a experiência da hibridização, para Nestor Garcia Canclini, impede a pretensão de estabelecer identidades *puras* ou *autênticas*, uma vez que os incessantes processos de hibridização, como a abertura da economia ao mercado global, a imigração e migração dentro e fora da nação, por exemplo, levam a relativizar a noção de identidade nacional e a identificação de identidades locais autocontidas, partindo para a idéia de mistura como formação. A identidade nacional pensada dessa maneira propõe, segundo Garcia Canclini, seu estudo pelo viés da heterogeneidade, além de promover um trabalho democrático com as divergências (2004, p. 3).

Ainda para esse autor, somos ao mesmo tempo outros e com outros, sendo impraticável representar somente uma identidade cultural pensando nesse processo de

hibridização. Via de regra, as nações sofrem tal processo continuamente (GARCIA CANCLINI, 2004, p.5).

Encontramos, portanto, na atualidade, uma concepção de identidade que se estabelece por meio das negociações entre grupos que são, por sua vez, estabelecidas a partir do contato com outras várias culturas e tradições, como no caso específico do imigrante. Portanto, essas negociações não podem mais ser analisadas sob a perspectiva da criação de uma identidade nos parâmetros homogêneos, e sim como um elemento que promove o surgimento de uma nova forma a partir dos intercâmbios e cruzamentos, que têm na hibridez seu produto.

Dentro dessa nova perspectiva teórica, é possível pensar a coexistência de grupos que se agrupam e se articulam entre si e com os outros, impossibilitando-nos referir à nação como lugar da anulação das diferenças, como observamos em *Dois irmãos*.

Daí a identidade nacional e a pessoal serem incompletas e dinâmicas, permanecendo aberta a novas influências e transformações, modificando-se devido a fatores externos e internos, estando continuamente em formação.

Concluimos, pois, que a nação deixa, por tudo isso, de ser definida como limite homogeneizante de identidade e de pureza racial, ao passar a ser tratada como um espaço da diferença. Todavia permite, por um lado, as trocas culturais, a heterogeneidade de culturas e, por outro, provoca, também, a resistência e a luta pela afirmação de identidades locais que não aceitam a mistura, por considerá-la agente de impureza e contaminação.

Segundo Alfredo Bosi,

[...] não existe uma cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos. Ao contrário: a admissão

do seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um 'efeito de sentido', resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço.[...] (apud IGEL, 1997, p.132).

Vemos que, com um discurso social, Milton Hatoum constrói um território que, por mínimo que seja, se configura como um mundo de muitas culturas e que tem por base, em seu processo de formação, a miscigenação. Assim sendo, a Região Norte mais especificamente, a cidade de Manaus, é apresentada no livro como território multiétnico, no qual a mescla de vários grupos como o índio, o negro e o europeu foram, entretanto, a base fundamental no processo de sua formação identitária. Observamos, também, na narrativa de Hatoum, que as constantes trocas e relações interétnicas entre as várias culturas ali presentes como a espanhola, a portuguesa, a indígena, a africana, e a sírio-libanesa, ao se interagirem, resultaram no homem e na cultura amazônica.

Argumentamos, pois, que, ao reconstruir a Manaus dos anos 50, onde o tempo e o espaço são descentrados, Hatoum busca tecer a identidade amazônica sob uma nova perspectiva, ou seja, baseia-se na pluralidade e na heterogeneidade a partir das inter-relações estabelecidas pelos grupos étnicos ali presentes.

Verificamos também que, a partir do uso freqüente de digressões espaço-temporais, em toda a construção narrativa, o autor nos apresenta fragmentos de convivência de várias tradições e culturas milenares em tempos e espaços múltiplos. Ao representarem as vivências e relações desses grupos étnicos com o nativo, elas configuram na identidade cultural do Norte, mais especificamente da cidade de Manaus pautada na diferença.

A identidade cultural é, assim, retratada em *Dois irmãos*, fundada na diferença. Como apresentaremos a seguir, a narração marca os espaços do eu subjetivo e do outro, sem uma limitação espaço-temporal de maneira que a pluralidade étnica – por exemplo,

constituída a partir de imagens do Líbano e da tribo a qual pertencia Domingas – é transposta discursivamente para o espaço específico de Manaus em um espaço de reunião no qual o limite espaço-temporal é dissolvido e descentrado, possibilitando a pluralidade étnica.

Nessa perspectiva, é importante a afirmação, segundo Bhabha (1998), de que o lugar da formação cultural está mais relacionado ao local do que à história, na qual o processo linear temporal é condição *sine qua non* para se pensar a nação como lugar de fusão e totalização. No entanto, a representação e formação identitária, como processos disjuntivos e contrastivos, constituem a base fundamental para se repensar o discurso nacional centralizador e totalizante vigente no passado. Ainda, de acordo com esse autor, está presente, em todo o processo de formação nacional, a idéia de coexistência entre as diversas culturas e etnias e não mais a homogeneização totalizante como se pensava no início do século XX (BHABHA, 1998, p.201-202).

Nesse sentido observamos, em *Dois irmãos*, que o discurso de Nael é constituído tanto pelo processo de formação histórica da região, pela presença de elementos historiográficos referentes à imigração sírio-libanesa no Norte, como também pela bagagem cultural trazida através de tempos e espaços disjuntivos pelos migrantes e habitantes nativos como o índio e o nordestino. Esses povos, ao migrarem para essa região devido ao auge do ciclo da borracha, em um determinado período, não só fizeram parte dessa região como também contribuíram para a sua constituição. É, então, a partir de seu discurso que o território amazonense é reconstituído.

Nessa análise revelou-se, ainda, que Hatoum parte do *entre-lugar* discursivo, do espaço da margem - lugar no qual se encontra o discurso de Nael e muitos outros que

compõem a sua memória, recuperados pelas vozes dos próprios personagens, para questionar a visão pedagógica da nação. Tal idéia era calcada em um discurso ideológico que imperava no princípio do século XX e buscava a fusão e a homogeneização das raças e da nação em uma sociedade de base *multiétnica*.

Pois, ao por em diálogo vozes de imigrantes índios e mestiços - junto à do narrador -, Hatoum nos alerta para a formação cultural do Norte do Brasil como produto da pluralidade e do hibridismo. Assim, ao apresentar o discurso do narrador, acoplado ao dos nativos e ao dos imigrantes, nos revela que a miscigenação, realmente, foi base da formação dessa região e o mestiço, produto desse meio. Pois, nessas vozes de memórias alheias e experiências, como já foi dito, encontramos relatos e histórias que vão, de certa forma, configurar a formação multiétnica acentuando o seu caráter híbrido.

A identidade cultural, concebida em *Dois irmãos*, tem na hibridez sua fundamentação. Isso porque, como produto da mescla e do espaço multiétnico, o Norte tem, em todo seu processo de formação, a transculturação como fator e elemento responsável pela possibilidade de se conceber identidades múltiplas e constitutivas da mesma forma como nos coloca Hatoum. Nesse sentido, a identificação nacional não é mais marcada pela *pureza da raça*, como nos alertam Bhabha (1998) e Peter Burke (2003), e sim pelo hibridismo cultural.

Nossa análise nos permite afirmar, pois, que as relações inter-raciais são, assim, fruto de processos integrativos como a assimilação e a aculturação. Porém, a aculturação traz em sua significação a imanência da idéia de ganho enquanto a assimilação a de perda. Nesse sentido, a transculturação é que deve ser entendida, na obra de Hatoum, como resultado da transformação de uma cultura pelo contato com uma ou mais culturas e a

aquisição de traços culturais distintos. E a assimilação deve ser entendida como modificação de uma cultura pelo contato com uma ou mais culturas e aquisição ou troca de traços culturais.

Hatoum, em *Dois irmãos*, trabalha, como se observa, com esses dois conceitos já que a índia Domingas, com a morte da mãe na infância e a perda do pai na adolescência, é arrancada de forma violenta da sua tribo de origem e levada para um convento, lugar no qual será obrigada a aprender os ensinamentos religiosos, além de trabalhar “*feito escrava*” a serviço de Irmãs de caridade. Por essa razão, vemos que a índia, ao ser levada para o convento e catequizada pelas Irmãs, sofre o processo de assimilação, pois, ao aprender os costumes dos brancos, acaba perdendo suas referências culturais de seu grupo cultural de origem:

Na época em que abriram a loja, uma freira, Irmãzinha de Jesus, ofereceu-lhes uma órfã, já batizada e alfabetizada. Domingas uma beleza de cunhantã [...] (HATOUM, 2000, p.64).

[...] Domingas, a cunhantã mirrada, meio escrava, meio ama, “louca para se ver livre”, como ela me disse certa vez, cansada, derrotada, entregue ao feitiço da família [de Halim], não muito diferente das outras empregadas da vizinhança, alfabetizadas, educadas pelas religiosas das missões [...] (HATOUM, 2000, p.67).

Ao relatar a vinda de imigrantes sírio-libaneses para a cidade de Manaus e a sua integração na nova terra, Hatoum adota a estratégia da transculturação como forma de adaptação, pois vemos que os imigrantes aprendem, por exemplo, a nova língua como meio de sobrevivência. Entretanto, encontramos no texto a presença de elementos como o uso de condimentos na preparação da alimentação, o jogo de gamão e outros rituais que são bagagens culturais, tradições, dos sírio-libaneses:

Aos poucos, Zana me contou coisas que talvez poucos soubessem: o nome dela de batismo em Biblos era Zeina. No Brasil, ainda

criança, ela aprendeu português e mudou de nome (HATOUM, 2000, p.250).

“Não toquem no corpo dele [Halim], nem chorem perto daqui”, repetiu Talib, três vezes (HATOUM, 2000, p.218).

Talib murmurou uma oração em árabe, minha mãe [Domingas] ajoelhou diante do pequeno altar. Não conseguiu rezar [...] (HATOUM, 2000, p.218).

A identidade cultural é, como afirma Hatoum, uma escolha, onde na verdade em certos casos a assimilação de diferenças, provoca a abertura para outras culturas distintas (HATOUM, 1996a, p.10). Dessa forma, com assinala Maria Lúcia Montes, podemos pensar que a identidade não existe senão contextualizada, como um processo de construção, ao pressupor o reconhecimento da alteridade para a sua afirmação. Ela é assim um conceito relacional, contrastivo e resultado de processos de negociações do imigrante (1996 p.57).

Orientando-nos pelo ponto de vista de Silva Mozart, o Brasil, historicamente, se constitui como um espaço do encontro de culturas. Daí, pensar em um grupo específico é ler a partir dele a troca simbólica que caracteriza o grande mosaico das culturas imigradas no Brasil (KEMEL, 2000, p. 10). Ainda de acordo com o seu ponto de vista, a identidade sírio-libanesa se firma na sua especificidade, sem, no entanto, deixar de fazer concessão à cultura do outro (KEMEL, 2000, p.10).

2.2 Identidade (s) e reconstrução (ões)

[...] identidades são coisas difusas e plurais [...]

A identidade é uma busca que se perde no labirinto de vivências e experiências mediada pelo aparato da linguagem.

É nessa busca (de passado feito presente que através de um estilo) que residem senhas de identidade.

Minha identidade passeia entre essas reminiscências, ela é ao mesmo tempo a busca de um estilo e de um rosto que, no espelho do passado revela-se através de múltiplas faces.

Milton Hatoum

Ao analisarmos o mundo contemporâneo ocidental, no final do século XX e início do XXI, encontramos importantes transformações em todos os âmbitos. Entre os vários aspectos que estão em debate, averiguamos uma mudança significativa no modelo social de representação do conceito de identidade. Nesse sentido, aspectos que apontam para a redefinição desse termo vêm sendo discutidos em novos estudos e teorias, fazendo com que, na contemporaneidade, nos deparemos com uma nova concepção acerca desse conceito que considera a articulação dialética - do eu e do outro - sua base constitutiva.

Como nos explica Stuart Hall (2001), a perda do *sentido de si*, estável como sujeito integrado, vem ocasionando o deslocamento e a descentralização do indivíduo. Conseqüentemente, na modernidade, notamos uma mudança significativa no conceito de identidade e subjetividade. Argumenta-se, nesse sentido, que, desde a virada do século XIX, o ser humano vem assistindo ao lento processo de fragmentação e fragilização da sua subjetividade, de que é o sujeito de si mesmo e da sua história. Como resultado dessas transformações assistimos ao descentramento das chamadas identidades modernas, pois o

sujeito deixa de ser visto como uno e homogêneo, passando a ser plural e heterogêneo. Tal fato ocasiona o que se convencionou chamar de *a crise do sujeito contemporâneo* (HALL, 2001).

Dessa forma encontramos, atualmente, uma descentralização do homem em relação aos seus mecanismos de representação e de reconhecimento do mundo. Esse processo ocorre dada a dissolução do eu harmônico e cosmológico que caracterizava a visão clássica; em outras palavras, devido ao afastamento desse mesmo eu do centro cartesiano.

O argumento desse ponto de vista é que, na filosofia clássica, da era moderna, que vai do racionalismo de Descartes ao Iluminismo de Kant, a identidade, por se encontrar apoiada na essência do *sujeito-fundamento*, era estabelecida no ato do nascimento do indivíduo. Assim, ao emergir-se como tal, desenvolvia-se por meio de sua permanência em um tempo e em um espaço, mas sua essência não sofria modificações significativas. O sujeito centrado e dotado da capacidade de razão definia-se, pois, como humano, por meio da junção de sua essência e de sua individualidade. Assim, sua identidade era percebida como fixa, coerente, estável, pois se estabelecia por meio dessa essência imutável.

Teóricos como Freud, Nietzsche e Marx foram de extrema importância na transformação do conceito de identidade. Esses autores negaram a centralidade do sujeito no cosmo e afastaram o eu daquele centro do universo harmônico da Filosofia Clássica, estabelecendo, assim, novas relações e representações no campo da identidade (COLOMBO, 1991, p. 111).

Portanto a definição clássica de identidade foi relativizada a partir do desenvolvimento da idéia de inconsciente por Freud e do surgimento da estrutura

lingüística criada por Ferdinand de Saussure. Essas teorias foram, então, de grande significação para se repensar a questão identitária, uma vez que propunham uma lógica diferente da razão constituída pela filosofia clássica, não havendo, portanto, possibilidade da existência de uma identidade fixa e unificada.

Devido a essas turbulentas transformações, Stuart Hall afirma que “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (2001, p.13). Encontramos, assim, a consolidação de um eu que se forma e se modifica ao dialogar com o espaço e o tempo no qual se encontra arraigado. Ainda dentro dessa perspectiva “A identidade, então costura [...] o sujeito à estrutura” (2001, p.12). De acordo com Hall, a identidade encontra-se vinculada a uma estrutura social e cultural estabelecida em um espaço e um tempo determinado (HALL, 2001, p.12).

Hall acrescenta, ainda, que o sujeito contemporâneo apresenta-se composto não de uma única, mas de várias identidades. Desse modo, ele é definido como um indivíduo que não possui uma identidade permanente, se considerarmos antigos valores, como definidores de uma unidade subjetiva, e sim uma multiplicidade de desconcertantes e cambiantes identidades possíveis, podendo-se com cada uma delas se identificar (HALL, 2001, p.12-13).

De acordo com esse enfoque, é possível pensarmos que somos submetidos continuamente a influências de diversos sistemas culturais que se interpenetram e se entrecruzam, promovendo uma heterogeneidade cultural pela convivência de vários códigos simbólicos dentro de um mesmo grupo e até mesmo em um só sujeito.

Cumpre-nos lembrar que a idéia de subjetividade estruturada se vê destituída ao pensarmos a sua articulação dialética como um reconhecimento do eu e do outro, um movimento aberto e permanente. Ainda nesse sentido, o processo de reconhecimento da subjetividade do sujeito somente é possível se o pensarmos como referente a um processo de identificação desarticulado, fragmentado e plural.

Dessa forma, vemos que a ação do homem moderno está condicionada a fatores que apontam não mais para um ser humano único, indivisível e senhor de sua identidade, mas sim para o homem múltiplo, fragmentado, que não sabe o que é. O sujeito unificado deixa, por tudo isso, de estar subordinado a seu próprio ser, passando a assumir diferentes identidades em momentos diversificados, identidades essas que não são unificadas ao redor de um eu coerente. Podemos, enfim, de acordo com Eneida Maria de Sousa, afirmar que não há essência de homem abrigada em cada sujeito individual (SOUSA, 1991, p.38).

Diante do exposto importa, pois, acentuarmos que a filosofia contemporânea, como aponta Fausto Colombo (1991), acredita no surgimento de uma nova concepção do termo, baseada na dissolução do eu e na representação da identidade como sendo simbólica. Essa nova concepção filosófica assinala, ainda, o próprio indivíduo como a forma específica da sua representação, já que não existe um núcleo estável a representar, sendo impossível a fixação de um sentido único.

Porém, em consequência dessa falta de representação distintiva e coerente, deparamo-nos com um novo problema na definição moderna da identidade, uma vez que não é possível buscar uma unidade dentro da diversidade (COLOMBO, 1991, p.111-112). Essas mudanças levam teóricos modernos como Homi Bhabha e Edward Said a repensarem

essa questão. Desse modo, ela passa a ser analisada e articulada a partir da influência de aspectos externos e internos a uma dada comunidade e, ainda assim, não se estrutura totalmente, mantendo-se sempre aberta, ou seja, sujeita a mudanças que ocorrem a cada momento, descentrando e deslocando valores anteriormente estabelecidos. Assim, esse novo quadro de abertura e de descentramento, no qual se encontra a questão identitária atual, nos sugere a problemática da instabilidade, tema ainda em discussão.

Stuart Hall, por sua vez, sublinha que a identidade também pode ser retratada como sendo as várias máscaras sociais e ideológicas que nos identificam como seres humanos em momentos distintos. Em suas palavras, “em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento” (2001, p. 39). No entanto para Homi Bhabha (1998), a questão da identidade não se estabelece somente no reconhecimento das diferenças com o outro. Segundo esse autor, essa questão é mais complexa e implica a representação do sujeito a partir da sua condição de diferente. Dessa forma, a construção de uma imagem do sujeito se estabelece na sua relação com um outro.

Para tal configuração, esse autor propõe um processo construtivo que consiste na existência do sujeito em relação a uma alteridade. Tal processo ocorre no reconhecimento desse sujeito em um lugar e *espaço de cisão*. E, finalmente, na produção de uma imagem de identidade como sujeito para um outro a partir desse lugar e espaço, o que ele mesmo define como *entre-lugar* (BHABHA, 1998, p.76).

No raciocínio de Hall, “Eu sei quem ‘eu’ sou em relação com ‘o outro’” (2001 p.40). De acordo com essa concepção, é necessária a interação do sujeito com uma coletividade uma vez que o eu individual somente se estabelecerá na sua relação com o outro. Da mesma forma, Colombo nos diz que a identidade “transforma-se em mera etiqueta externa para reconhecimento de um grupo, que se define com base [...] na própria diferença” (1991, p.118). A identidade é formada, como se observa, na relação estabelecida com o outro, mediador de regras e valores.

Por sua vez, segundo A. Melucci,

[...] a noção de identidade baseia-se em três elementos de recognoscibilidade: a) a permanência de um sujeito (ou de um objeto) no tempo; b) a unidade que permite distinguir aquele sujeito ou aquele objeto de todos os demais; c) a identidade no sentido exato do termo, ou seja, a relação entre dois elementos que permite reconhecê-los como idênticos.[...] (MELLUCI, apud COLOMBO, 1991, p.117).

Essa definição faz pressupor que a identidade de um sujeito se constitui a partir da experiência dele como indivíduo, como autônomo; e como ser coletivo, produto do meio por estar sempre inserido em um grupo social. E essas duas últimas experiências são inseparáveis.

Porem, para Bhabha, a questão da alteridade não é tão simples como apontam Hall, Colombo e Melucci. Por isso, ele a problematiza a partir da negação da origem e da pureza. Para ele, a pureza é algo inconcebível desde o momento em que passamos a observar a existência permanente de trocas e mesclas culturais na formação das primeiras civilizações. Assim, a mistura de etnias e culturas, como elementos constantes em todo processo civilizatório, como vimos, servem de fundamento teórico para Bhabha afirmar a existência de uma pluralidade *multicultural híbrida*.

Retomando, pois, nosso terreno de investigação, Hatoum nos apresenta na obra *Dois irmãos* a possibilidade da representação e da reconstrução de identidades a partir do resgate mnemônico. A memória é, portanto, retratada como elemento que permeia a articulação da identidade do narrador, já que funciona como fio condutor entre o sujeito e o seu permanecer no tempo e no espaço.

Podemos observar, então, que é por meio da sua memória que ele, sujeito, se rearticula nesse contexto, buscando construir sua própria história, sua identidade e sua origem. Ao mergulhar, porém, no passado em busca do pai, o narrador Nael reconstrói, também, as identidades daqueles que, de alguma forma, contribuíram para a sua formação como sujeito. Para isso, ele parte das interações culturais e do seu reconhecimento e constituição como diferente. Usando esse expediente, o narrador de *Dois irmãos* não só recupera a sua história, como também a de sua mãe, Domingas, a do patriarca Halim, a do professor Antenor Laval e a da Pau-Mulato, entre muitas outras.

Segundo Luís Costa Lima, o romance de Hatoum documenta a impossibilidade de uma narrativa linear, pois, assim como o homem que, na contemporaneidade, perdera sua centralidade, esse sujeito se constrói e, ao mesmo tempo, é constituído por sua memória que, da mesma forma, se constitui de modo descontínuo, lacunar e fragmentário (LIMA, 2002, p.312-313). Sendo assim, é Hatoum quem afirma que “Só posso pensar na minha identidade irmanada à memória” (HATOUM, 1994a, p.77).

Trata-se, então, de uma identidade que se configura como lacunar em essência, sendo, também, foco fragmentário e representação de um sujeito em crise. Dessa forma, a identidade subjetiva, em *Dois irmãos*, é construída sem negar as diferenças, já que se articula na relação entre o eu subjetivo e na alteridade. Em outras palavras, o narrador se

constitui a partir de marcas diferenciais providas dos outros. Portanto, notamos que, ao se desprender do eu cartesiano, o sujeito se forma e se desenvolve na superfície da linguagem, que é a narrativa que lemos. As identidades são, assim, restabelecidas por essas linguagens transfiguradas pela narração. Por esse motivo, a subjetividade é apreendida e projetada, então, em *Dois irmãos* na perspectiva da representação do diverso e da relação com o outro.

A identidade se fundamenta, também, nessa obra, na dinâmica entre a constituição do indivíduo e de seu meio social, sendo a unidade do sujeito sempre incompleta, não havendo, portanto, uma identidade contínua, mas sim um fluxo de identificações. Nesse processo, como nos adverte Elisa Larkin Nascimento, o indivíduo interioriza atitudes, comportamentos e costumes apreendidos no meio social (NASCIMENTO, 2003, p.32). Parece-nos fundamental considerar, ainda de acordo com essa autora, que a identidade subjetiva é retratada, atualmente, como uma espécie de encruzilhada existencial entre o indivíduo e a sociedade, em que ambos vão se formando mutuamente. Tal procedimento mostra que a identidade articula o conjunto de referências que, de certa forma, orientam o narrador na sua forma de agir e de mediar seu relacionamento com os outros e consigo mesmo. Tudo isso se realiza por meio da própria experiência de vida do sujeito e das representações da experiência coletiva de sua comunidade e sociedade, aprendidas na interação com os outros (NASCIMENTO, 2003, p.31). A identidade é, dessa forma, a continuidade das características do indivíduo através do tempo, enraizadas na memória, no hábito e nas formas de tradições comunitárias. É algo que se modifica de maneira lenta e imperceptível, por sofrer pequenas mudanças e variações em relação à sociedade a qual faz parte.

Ao pensarmos a identidade como característica do sujeito adquiridas através do tempo, nesse sentido observamos que o narrador Nael somente se percebe como indivíduo quando sua mãe, antes de morrer, lhe conta que era neto do patriarca Halim, e ao nascer, foi batizado com o nome de Nael a pedido do patriarca, que escolhera o nome do seu pai para dar ao neto. A construção da identidade pode ser lida como resultado de um processo histórico extremamente longo e complexo. A identidade é aqui configurada segundo nossa noção de individualidade e singularidade, a qual definimos como permanência subjetiva sócio-histórica. Nesse momento, Nael é apresentado como um ser com uma função social, por isso é nomeado. É o que ilustra essa passagem:

[...] “Me prometeu [Domingas] que ias estudar. Tu eras neto dele, não ia te deixar na rua. Ele foi ao teu batismo, só ele me acompanhou. Ele [Halim] ainda me pediu para escolher teu nome. Nael, ele me disse, o nome do pai dele”.[...] (HATOUM, 2000, p.241).

Nesse sentido, notamos que Milton Hatoum constrói a identidade do narrador a partir de duas perspectivas distintas. A primeira resulta do processo histórico, uma vez que lança mão de dados historiográficos referentes ao processo migratório no Norte do Brasil. O que define esse narrador, nesse caso, é a sua permanência através do tempo e sua própria experiência atrelada a outras vivências. Na segunda, a identidade é dada pela articulação de elementos subjetivos e coletivos que não se estruturam por completo, mantendo-se aberta e sujeita a mudanças que ocorrem a cada momento, descentrando e deslocando valores anteriormente estabelecidos. Nesse caso, não devemos falar mais de identidade, e sim de um processo identitário, no qual o indivíduo é reconhecido na sua relação com uma alteridade.

Hatoum utiliza essas duas perspectivas em sua obra para mostrar que, devido à crise do sujeito contemporâneo e a relativização e precariedade do termo identidade, na atualidade, o sujeito tende a se apoiar em definições que apontam para uma certa estabilidade, já que as definições são generalizantes e instáveis. Por tudo isso, o narrador de *Dois irmãos*, no final da narrativa, como vimos na passagem apresentada anteriormente, recebe um traço de identidade - o nome de Nael, - já que, com o silêncio da mãe a respeito da sua paternidade, busca, no batismo e na nomeação como sujeito, a sua origem e identificação.

2.3 O imigrante: diversidade da nação

Não se pode escrever inocentemente sobre a imigração e sobre os imigrados: não se pode escrever sem se perguntar o que é escrever sobre este objeto, ou o que dá no mesmo, sem se interrogar sobre o estatuto social e científico deste mesmo objeto. Objeto social e politicamente (nacionalmente) sobredeterminado, e duplamente sobredeterminado, na medida em que ele concerne uma população social e politicamente dominada.

Abdemalek Sayad

A história de todas as culturas é a história do empréstimo cultural.

Edward Said

Hoje, todas as culturas são culturas de fronteira.

Nestor Garcia Canclini

Pelo fato de ser a questão da alteridade, ampla pela própria constituição heterogênea da população no Brasil, muito complexa, observamos que a imigração ao colocar em debate a crença do que seja o ser brasileiro, enfatiza o estudo dessa questão. Notamos, portanto, que a heterogeneidade se torna importante ao permitir que repensemos a imagem da nação como fruto da mestiçagem entre povos e culturas diversas.

Nesse sentido, em nosso ponto de vista, parece-nos importante analisar o processo migratório, uma vez que ele permitiu a composição de elementos culturais que, na sua especificidade, acabaram modificando a nossa cultura e formando esse mosaico de culturas em espaço/tempos plurais - a nossa heterogeneidade cultural.

Dessa forma, podemos observar que, em todo o processo de formação nacional, de acordo com Mozart Linhares, o entrecruzar de várias concepções espaço-temporais concerne, de certo modo, a multiplicidades de culturas que compõem a diversidade cultural brasileira e a configuração do que é diferente. Assim, a composição plural da sociedade brasileira admite que pensemos essa sociedade porosa e aberta e, por isso, receptiva à diferença ou mesmo ao processo de assimilação (apud KEMEL, 2000, p.10).

É importante indagarmos, sobretudo, sobre o processo de construção do Estado nacional e da nacionalidade, das identidades que os processos imigratórios geraram e agregaram ao nosso país e das novas experiências, analisando de forma crítica o que a imigração realmente engendrou como forma de estratégias políticas ao nosso patrimônio enquanto nação brasileira. Nessa perspectiva, cabe, ainda, observar com aponto Carlos Vainer, foi devido ao fluxo migratório gerado nos finais do século XIX que o imigrante teve seu papel e importância ao contribuir, de forma significativa, no processo de formação da identidade nacional (VAINER, 1996, p.46).

Ainda de acordo com esse autor, pensar a situação atual a partir dessa nova perspectiva implica averiguar a condição do imigrante dentro do país receptor e sua importância na constituição da nacionalidade brasileira (VAINER, 1996, p.46).

É Sayad quem afirma que “o imigrado não existe para a sociedade que o nomeia como tal senão a partir do momento em que ele transpõe as fronteiras” (apud VAINER, 1996, p.40). Assim, no que concerne à sua construção como indivíduo, essa é distinta, já que é gerada no interior do país de origem, ou seja, antes da imigração. Assim, a

constituição subjetiva do imigrado antecede cronológica e logicamente a diáspora e a integração dele no novo país. Isso significa, que, ao chegar, o imigrante é considerado diferente a partir da sua diferença em relação ao meio totalizante.

É importante frisarmos, nessa linha de raciocínio, que a assimilação, a aculturação e a integração, põem em relevo a sua condição de estrangeiro e de emigrado. Afirmamos isso por notar que essa condição faz sentir ameaçada a sua bagagem cultural e identitária de origem. Por tudo isso, o imigrante traz consigo, desde a diáspora, a condição de não pertencer a lugar e tempo algum, de sentir-se um sujeito assujeitado à situação de “outro”, tanto social como politicamente.

Apesar disso, é importante enfatizarmos que as imigrações foram chaves importantes e imprescindíveis para a constituição étnica e cultural da nação brasileira. Notamos, também, que a transculturação produzida por essa confluência de povos e culturas distintas trouxe contribuições fundamentais para a formação social brasileira e sua configuração como Estado-nação.

Nesse sentido, Maria Lúcia Montes nos diz que a *raça*- entendida por nos como etnia - é o que garante a unidade e a diversidade dos homens e é ela que, também, estabelece os limites dentro dos quais poderemos identificar cada grupo, não apenas como parte da grande família humana, mas também com as características que lhes são próprias. Há, no entanto, a construção de um imaginário racial que se constrói em torno das diferenças (1996, p.53).

Notamos que, nos processos de imigração, os emigrantes não levam consigo na partida todos os elementos que os definem, nem os de sua cultura e experiência, nem tampouco seu sentido de pertença a uma sociedade e a uma cultura. Entretanto,

encontramos em certos grupos conjuntos de características étnicas e culturais, formas de valores sociais e costumes culturais que lhes são próprios. Isso nos permite pensá-las enquanto identidade coletiva.

Assim, os elementos culturais trazidos e compartilhados pelos grupos, no novo contexto, ao rearranjarem e (re)significarem nas vivências, práticas, costumes e valores, servem, também, de elementos de base para a construção identitária. A nova identidade, desse modo, é construída, nesse processo, pela relação com um outro, a partir do encontro com outras realidades sociais e outros sistemas de referências, ou seja, como hibridismo cultural, conforme definição de Peter Burke (2003).

Dessa forma, é pela afirmação e (re)significação das diferenças, pelos contrastes e oposições, que devemos entender a identidade de um grupo étnico na contemporaneidade. Esses grupos, no entanto, se identificam e são pelo outro identificado, ou seja, é nesse processo identitário que a sociedade atual inventa e reinventa as novas identidades a cada dia.

Vale lembrar aqui a colocação de Carlos Vainer de que o imigrante era pensado como elemento a ser assimilado e amalgamado pela totalidade como pressuposto da diferença (apud PATARRA, 1996, p.44). Assim, a origem geográfica e étnica da formação identitária segundo uma política racial de branqueamento europeia estabelecia os pilares da formação racial, de modo que se tentou apagar e até mesmo esmagar alguns grupos minoritários, como os índios e os africanos, do quadro identitário brasileiro. Ainda dentro dessa perspectiva, é importante ressaltar que grupos minoritários não-europeus, como, por exemplo, os chineses, japoneses e sírio-libaneses, também foram discriminados pela elite local por não se enquadrarem nos padrões identitários por eles disseminados.

No espaço ficcional de Milton Hatoum, habitado sobretudo por imigrantes sírio-libaneses, observamos, por se tratar de imigrantes não-europeus, que eles não eram vistos como desejáveis no quadro de formação nacional brasileira, que visava, no princípio do século XX, à homogeneização cultural. Para esse fim, foi permitida a entrada de imigrantes europeus *brancos*, por serem eles e seus descendentes elementos de base e fundamento para a formação da identidade nacional, cuja ideologia, pautada por uma política de estado, se assentava no branqueamento da nação.

Então, os sírio-libaneses, além da discriminação racial, pois eram identificados como turcos, sofreram dificuldades de adaptação, inter-relação e assimilação dada a convivência com diversos grupos aqui estabelecidos. Tais dificuldades surgem no contato com outros imigrantes também recém-chegados e com a população local.

Contudo, devemos lembrar que, de acordo com Jeffrey Lesser, os imigrantes sírio-libaneses criaram sua identidade étnica de forma hifenada, a partir de posicionamentos contrastantes. Assim, por um lado, atenderam aos objetivos da elite dominante através do êxito econômico, pois foram excelentes comerciantes e até mesmo contribuíram para a evolução das leis comerciais brasileiras. Por outro, não demonstraram nenhum interesse e aceitação plena da cultura euro-brasileira, marca da negociação intercultural, por ser o Brasil terra multicultural em constante processo de negociação das identidades culturais (LESSER, 2001, p.88-89).

Verificamos que, no caso desses imigrantes, a ocorrência de tais negociações pelos grupos sírio-libaneses se estabelece pela falta de reconhecimento de uma identidade nacional na origem. Isso ocorre uma vez que a existência de confrontos religiosos entre

etnias no Líbano, a diversidade de costumes e a multiplicidade de religiões, de acordo com Cecília Kemel, são fatores-chave que levam a afirmar que houve uma diversidade cultural na origem e, portanto, dificuldade de manter uma identidade cultural sírio-libanesa (KEMEL, 2000, p.33-34). Em consequência disso, houve um enfraquecimento do registro identificatório na diáspora, o que nos dá subsídio para afirmar que o rápido processo de assimilação da nova cultura e a integração desses imigrantes no novo contexto social, principalmente no campo econômico, são elementos fundamentais para compreendermos essas negociações como estratégias de manutenção e preservação no novo contexto.

Assim, nas palavras de Osvaldo Truzzi, “os imigrantes [sírio-libaneses] não necessariamente foram ‘assimilados’, mas constituíram relações sociais absolutamente originais como estratégias de sobrevivência na nova terra” (1997, p.228-229). Houve, no entanto, a necessidade de assimilar e integrar à sua própria cultura elementos da nova com o intuito de manter-se.

A opção pela atividade de mascateação, entre outras, cultivada por esses grupos, serviu, então, como elemento-base de formação de uma identidade cultural dentro das colônias estabelecidas nesses novos lugares. Sendo assim, a família, o idioma e a identificação com o comércio, como observamos, são, na opinião de Truzzi elementos formadores de uma identidade sírio-libanesa no Brasil. Ainda nessa perspectiva, esses elementos culturais referentes a esse grupo étnico podem também ser lidos de outra maneira, como indício de resistência e identificação intercomunitária (TRUZZI, 1997, p.100).

Assim sendo, deparamo-nos com a presença de determinadas regras e elementos culturais específicos que buscavam preservar a cultura e os costumes de seus

ancestrais pela reatualização da memória no novo contexto, como faziam os vários imigrantes que no Brasil se estabeleceram. Notamos, portanto, que as regras, ritos e costumes, da ascendência eram cumpridos, para garantir a conservação da lógica da *pureza do sangue* e a constituição de uma *nobiliarquia transmigrada*, e, ainda, para manter esses imigrantes e seus familiares e descendentes *protegidos* de uma sociedade em pleno processo de formação cultural (TRUZZI, 1997, p.100). Além disso, a busca pela conservação permite a criação da identidade étnica desse grupo na alteridade a partir dos laços de afinidade traçados dentro das comunidades aqui estabelecidas. Isso, como vimos, não era possível na saída do país de origem. Nas palavras de Truzzi:

[...] A pluralidade de combinações entre herança cultural e as interações mantidas entre esses grupos e subgrupos étnicos e a nova sociedade constitui um processo muito mais rico e contradiz a noção de um padrão dominante em direção ao qual esses grupos tenderiam a aproximar-se com o tempo [...] (1997, p.228).

Com efeito, ainda segundo esse autor, seria conveniente falar em metamorfose, em desaparecimento, reaparecimento, em uma contínua manipulação de identidades, já que a cultura original foi transformada. Dessa maneira, certos valores, ideologias e instituições de caráter étnico foram reprimidos ou reelaborados; contudo, critérios de distintividade foram usados para marcar a identidade étnica persistente, apesar da assimilação (TRUZZI, 1997, p.228-229).

No caso dos grupos de imigrantes sírio-libaneses, ao se estabelecerem nas regiões brasileiras, estes integraram e assimilaram valores vigentes na sociedade brasileira e ideologias do outro com o intuito de sobrevivência. Notamos, porém, que algumas características étnico-culturais persistiram como marca de uma identidade na alteridade. Podemos afirmar, dessa maneira, a existência de uma constante negociação e reconstrução

dessa identidade, ao promoverem novas representações e diversificar-se em contextos diferentes e conjunturas específicas.

No que nos interessa como apresentação das condições da imigração sírio-libanesa no Brasil e sua importância no contexto sociocultural nesse país, a obra *Dois irmãos*, em estudo, é bastante fiel a esse acontecimento. Trata-se de uma ficção atrelada ao eixo histórico referente à história desses imigrantes e à entrada desse grupo na cidade de Manaus devido a questões relacionadas com a religião, a Primeira Guerra Mundial e o auge do Ciclo da Borracha na Região Amazônica. A partir dessas questões, Hatoum mostra-nos uma parte importante desse processo, como a integração dos sírio-libaneses na formação do Norte do Brasil e a sua importância e representação no processo da nossa formação cultural.

Com efeito, a narrativa de Hatoum relata a saga desse grupo étnico para o Brasil e a reconstrução de suas vidas, ao constituir novas famílias, ao relacionar-se com esse novo contexto sociocultural e adaptar-se a ele, mas tentando preservar sua cultura. Vimos isso na história da formação nacional brasileira, a despeito da convivência de imigrantes com outros grupos, como índios, nativos, ribeirinhos e outros imigrantes que aqui se estabeleceram.

Assim, encontramos em *Dois irmãos* um enfraquecimento do uso da língua de origem. Assim sendo, podemos observar nessa obra que o árabe, a língua materna, vai perdendo terreno para a língua local, o português, dada a necessidade de integração e participação na vida social e sobrevivência no novo lugar. Assim, ao chegarem no Brasil, acabam aprendendo a língua para exercerem a atividade de mascateação. Verificamos também que foi imprescindível o aprendizado de elementos da nova cultura pelos

imigrantes libaneses, com a finalidade de constituição de novas relações sociais mediante o contato com o outro.

Daí a presença em *Dois irmãos* da pluralidade de combinações entre heranças culturais distintas, com a intenção de se criar uma ligação entre essas comunidades diversificadas e de manter a identidade étnico-cultural desses imigrantes, dentro da diversidade. Também observamos, dentro desses grupos, a existência de regras e costumes culturais referentes a seus ancestrais como símbolo de permanência de uma identidade e tradição específica.

Enfim, podemos afirmar que houve uma negociação cultural entre as etnias presentes na obra *Dois irmãos*, beneficiando a contínua negociação tanto da identidade de um grupo como da identidade nacional, principalmente por tratar-se de uma região multiétnica, como a define Hatoum.

Notamos, ainda, que, tanto na ficção como na história oficial, as relações interétnicas provocadas pela imigração são fruto de processos tradutórios o que produz a pluralidade discursiva por promover a interpretação dos sistemas culturais diversificados. Concluimos, dessa maneira, que a transculturação é fruto desses processos e fator básico de formação cultural do brasileiro que, em um primeiro momento, buscava no povo a homogeneidade da nação.

Portanto, a configuração da nação, na contemporaneidade, é, dessa forma, o resultado da coexistência de elementos temporais e espaciais do mesmo e do outro, ao pensarmos a imigração como elemento chave da formação cultural. Ela obriga-nos, também, a repensarmos os fundamentos da cidadania e a relação entre nação e nacionalidade, e a pensar coletivamente, mesmo que neste coletivo esteja implícita a

diversidade como elemento constituinte uma vez que a tendência homogeneizante mascara a diferença. Daí a presença, em *Dois irmãos*, de vozes de imigrantes e de pessoas da população local, o que provoca a desarmonia textual e permite-nos que trabalhemos com a diferença.

A concepção que temos de nação, que em um primeiro momento esteve sujeito a uma política de estado que buscava a homogeneidade da nação como lugar harmônico e unificado, torna-se, por tudo isso, limiar de significação, sendo marcada pelos discursos de minorias, pelas histórias e linguagens heterogêneas, enfim, pela diferença.

3

RELAÇÕES ESPACIAIS E DISCURSIVAS: TRADIÇÃO E CULTURA

3. 1 Manaus: território do múltiplo e do atemporal

É inegável reconhecer que os movimentos migratórios no Brasil, do início dos séculos XIX e XX, foram de grande importância no processo de formação nacional do país, devido ao grande impacto provocado na sua estrutura demográfica e socioeconômica. Afirma a respeito desses acontecimentos, Neide Patarra, que no Brasil dos últimos cem anos conviveram contingentes populacionais sucessivos e com características nacionais, culturais e étnicas distintas, que foram integrando e plasmando as configurações sociais, econômicas, culturais e políticas do país. Tal fato legitima a hipótese de que é por causa da vinda desses imigrantes que o Brasil nasceu e cresceu como povo novo e plural (PATARRA, 1996, p.vii-viii).

Dessa forma, é importante observamos que, no processo migratório brasileiro, comunidades de imigrantes originalmente bastante diferentes, ao se estabelecerem em distintas regiões no Brasil, tiveram que conviver lado a lado com novas culturas. Daí estabeleceram relações de classe, cultura e sociabilidade que se misturaram e se recombinaram em formas diferentes ao longo do tempo, contribuindo para a formação nacional. Assim, é nesse contexto que Milton Hatoum esboça um panorama referente à corrente migratória sírio-libanesa no passado brasileiro, mais especificamente na cidade portuária de Manaus, e apresenta repercussão nesse novo cenário cultural.

Ainda nessa perspectiva, achamos importante sublinhar que elementos étnico-culturais, referentes ao processo de imigração, aparecem representados no

romance *Dois irmãos*, tanto a partir da formação cultural do Norte, como também da própria cidade *Manauara* (HATOUM, 2002b, p.11).

Como vemos, no que se refere à reflexão e representação da imigração sírio-libanesa no Brasil e sua importância na formação sociocultural do Norte, encontramos na obra de Milton Hatoum um perfil que parece corresponder ao discurso histórico. Com efeito, ele retrata a vinda de imigrantes para a cidade de Manaus, mostrando, a partir da mescla de ficção e realidade, o processo da imigração, da integração, e da importância desses imigrantes na formação dessa região.

Como averiguamos na historiografia brasileira, o emigrante sírio-libanês teve, como elementos motivadores de sua saída, a precária situação econômica da terra de origem e a discriminação socioreligiosa dos cristãos, principalmente pelo fato de a sociedade de origem ser predominantemente islâmica. Como afirma Oswaldo Truzzi,

[...] A maior parte dos aqui chegados decidiu pela imigração, premida pela precária situação econômica da terra de origem e pela inferioridade sócio-religiosa dos cristãos (que de fato constituíram a grande maioria dos imigrantes) numa sociedade predominantemente islâmica, em uma região, à época, integrante do vasto império otomano (1997, p. 20).

Cabe apenas frisar que a derrocada do Império Otomano também foi fator importante para a saída desses imigrantes em busca de novas terras. E que esse processo, que tomou impulso em meados do século XIX, prolongou-se até o século XX.

Interessa salientar, dessa maneira, que, em *Dois irmãos*, os primeiros imigrantes, Galib e sua filha Zana, vieram para a cidade de Manaus fugindo da perseguição religiosa imposta pelos otomanos turcos aos cristãos sírio-libaneses,

conforme ilustra essa passagem: - “Deitados na rede, conversavam sobre Galib, a infância da Zana em Biblos, interrompida aos seis anos, quando ela e o pai embarcaram para o Brasil [...] visitavam amigos e conhecidos, cristãos intimidados e mesmo perseguidos pelos otomanos” (HATOUM, 2000, p. 62-63), vinham também para o Brasil em busca de trabalho. Além disso, ao chegarem aqui, junto com outros imigrantes, fundam às margens do Rio Negro uma comunidade árabe cristã maronita, - “As cristãs maronitas de Manaus, velhas e moças, não aceitavam a idéia de ver Zana casar-se com um muçulmano” (HATOUM, 2000, p.52).

Também é importante recordar que, da mesma forma que no discurso historiográfico oficial, referente à imigração sírio-libanesa no Brasil dos anos 20, em *Dois irmãos*, os imigrantes sírio-libaneses que se estabeleceram em Manaus optaram pelo comércio ou pela atividade de mascateação. O comerciante Galib, por exemplo, cozinheiro na sua Biblos natal, optou por um restaurante, passando a ser a gastronomia sua atividade de subsistência: “Por volta de 1914, Galib inaugurou o restaurante Biblos no térreo da casa” (HATOUM, 2000, p.47). Já Halim, muçulmano, ao chegar em Manaus, se estabelece como mascate:

[...] Ele [Halim] relia os gazais de Abbas no intervalo do trabalho. Às seis da manhã já estava vendendo seus badulaques nas ruas e praças de Manaus, nas estações e mesmo dentro dos bondes; só parava de mascatear por volta das oito da noite; [...] (HATOUM, 2000, p.49).

No que tange às características sociais, econômicas e culturais de formação, a cidade de Manaus é retratada em *Dois irmãos* como uma cidade multiétnica, por haver em seu processo de formação a presença de aventureiros e viajantes de todas as partes do interior do Brasil e do mundo, possibilitando, dessa

forma, a mescla, a mestiçagem e o multiculturalismo. Daí a presença do mestiço e de um hibridismo cultural como produto da mescla e dos múltiplos contatos culturais que acompanham o homem e seu grupo no trajeto histórico. Encontramos, dessa forma, uma Manaus híbrida, multicultural e mestiça, como nos revelam as seguintes passagens do romance:

[...] Desde a inauguração, o Biblos foi um ponto de encontro de emigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam. Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que cruzavam, vidas em trânsito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo: um naufrágio, a febre negra num povoado do rio Purus, uma trapaça, um incesto, lembranças remotas e o mais recente: uma dor ainda viva, uma paixão ainda acesa, a perda coberta de luto, a esperança de que os caloteiros saldassem as dívidas. Comiam, bebiam, fumavam, e as vozes prolongavam o ritual, adiando a sesta (HATOUM, 2000, p. 47- 48).

Galib convidou alguns amigos do porto da Catraia, das escadarias dos Remédios, pescadores e peixeiros que abasteciam o Biblos, e também compadres dos lagos da ilha do Careiro e do paraná do Cambixe. Uma mistura de gente, de línguas, de origens, trajas e aparências [...] (HATOUM, 2000, p.53).

Como podemos observar, na narrativa de Hatoum o Norte do Brasil aparece como uma região habitada por ribeirinhos, índios e viajantes com lendas, histórias e tradições orais diversificadas. A Amazônia, portanto, é vista como região sem fronteiras, pois representa, em sua formação, na transculturação, vozes e tradições que não existem mais, mas que, por sua vez, foram preservadas pela tradição oral por meio das tribos indígenas e pela população local:

[...] Estava ao lado do compadre Pacu, cercado de pescadores, peixeiros, barqueiros e mascateiros [...] (HATOUM, 2000, p.211).

Uma dessas histórias que desciam os rios, vinham dos beiradões mais distantes e renasciam em Manaus, com força de coisa veraz [...] (HATOUM, 2000, p.166).

[...] vozes de todos os cantos ricocheteando aqui e ali. Praga de palavras: cada um inventa duas e todos acreditam (HATOUM, 2000, p. 52).

Em *Dois irmãos*, a cidade de Manaus também é apresentada com um traçado urbano que remonta a “*belle Époque*” cabocla (HATOUM, 2002a p.8). Como observamos, na fisionomia urbana convivem as arquiteturas populares formadas de palafitas, que são as casas de madeira sobre pilotis à beira dos igarapés, juntamente com os sobrados de estilo neoclássico construídos nos anos prósperos da economia da borracha (HATOUM, 2002a, p. 8). Tal aspecto se explicita na seguinte passagem: “Com o fim da guerra, migraram para Manaus, onde ergueram palafitas à beira dos igarapés, nos barrancos e nos clarões da cidade. Manaus cresceu assim: no tumulto de quem chega primeiro” (HATOUM, 2000, p. 41).

O fato de Hatoum apresentar a Região Norte como lugar longínquo e território perdido, pois os amazonenses traziam em seu imaginário as lendas e os mitos indígenas, vozes dissonantes que narravam histórias e tradições perdidas e até mesmo apagadas pelo colonizador europeu, enfatiza a hipótese de que as culturas, constituem-se na interseção de diferentes espacialidades e temporalidades. Ao se encontrarem em um dado território, como o Norte, estabelecem um ponto de coexistência sincrônica. Tal contexto reforça a leitura de Hanania, que nos diz:

[...] os amazonenses que haviam migrado para a capital, traziam no imaginário as lendas e os mitos indígenas [...] as vozes desses nativos faziam contraponto às dos imigrantes orientais vozes dissonantes, que narravam histórias muito diferentes, mas que pareciam homenagear um tipo de saber citado por Benjamin: ‘o saber que vinha de longe [...]’ (HATOUM, 2002a, p.7).

Ao acompanhar o discurso de Hanania, Hatoum apresenta Manaus como um território rico em histórias, lendas, mitos e culturas, que se constituíram a partir das

relações de grupos culturais e de combinações estabelecidas por meio dos elementos peculiares e próprios da Região Norte, juntamente com os elementos referenciais e costumes dos imigrantes que se estabeleceram nesse território. Podemos verificar isso nas seguintes passagens:

[..] Halim passou a freqüentar o Biblos aos sábados, depois ia todas as manhãs, beliscava uma posta de peixe, uma berinjala recheada, um pedaço de macaxeira frita; tirava do bolso a garrafinha de arak e bebia [...] (HATOUM, 2000, p.48).

[...] Madrugaram [a família de imigrantes] na avenida para conseguir um lugar próximo a passagem das bandas e pelotões. Levaram chapéu de palha, suco de abacaxi e uma sacola cheia de tucumãs [...] (HATOUM, 2000, p.39).

É inegável, portanto, que é nessa mistura de grupos étnicos e culturais diversificados, presentes na migração de sírio-libaneses para o Norte, que encontramos a criação de mundos misturados e traços de uma tradição cultural do Oriente, junto com signos culturais da Amazônia. Mas devemos observar mais particularmente que essas diferentes culturas, apesar de se relacionarem umas com as outras, mantêm e preservam, cada uma delas, seus traços mais específicos ao se justaporem às demais, não podendo, pois, registrar uma relação de dominância e sim de convivência.

Conforme apontado anteriormente, nesse sentido, parece-nos importante ressaltar a presença de elementos culturais, como os ritos coletivos referentes a esses imigrantes, nas comunidades árabes estabelecidas no Brasil, como indício de resistência e fator de identificação intracomunitária. Segundo Cecília Kemel, a existência desses elementos culturais simbólicos e individuais, referentes às próprias comunidades de origem, serve de bagagem cultural, de arquivo, tanto pelo contraste como pela afirmação de uma identidade coletiva, já que esses elementos permeiam uma constante celebração da

memória histórica dessa etnia em outros espaços e tempos desvinculados dos de origem (KEMEL, 2000, p.15).

A presença desses elementos culturais, no entanto, representa uma tentativa de criação de uma identidade étnica *homogeneizada* nessas novas comunidades. Podemos observar mais especificamente esse aspecto quando Halim, ao recitar para Nael os Gazais de Abbas de forma inconsciente em árabe, busca celebrar um instante perdido do seu passado e de sua cultura nesse novo lugar.

Ainda nesse contexto é importante ressaltar que, para Oswaldo Truzzi, a célula familiar, a religião e o local da saída foram novamente estabelecidos nesse novo espaço, por servirem como subsídio, como elementos formadores de uma identidade sírio-libanesa, pois “A religião e a aldeia (ou cidade) definiram os laços básicos de lealdade entre os aqui chegados” (1997, p.26). Sendo assim, a família, o idioma, a afinidade com o comércio local, apresentados em *Dois irmãos*, podem ser lidos como elementos formadores de uma identidade sírio-libanesa na Região Amazônica.

Com efeito, no universo ficcional de Hatoum, da mesma forma que no discurso histórico, está clara a existência de elementos culturais definidores de uma identidade sírio-libanesa, como a religiosidade, mais especificamente, a devoção aos santos arraigada à fé e à comunidade de origem, como símbolo de resistência religiosa. Nesse sentido, o estudo da personagem Zana é fundamental, porque esta mantém sua fé arraigada a santidades e entidades religiosas de origem e profere as orações aprendidas em Biblos, sua terra natal. Vale a pena lembrar que não ocorre sincretismo religioso, mas sim convivência religiosa pacífica no âmbito da casa, ilustrada ficcionalmente pela

presença de dois altares distintos. Um dedicado aos santos de Zana e outro utilizado por Domingas para as suas orações.

A culinária árabe, constituída dentro dessas comunidades, também revela a reafirmação desse grupo dentro da nova sociedade e ao mesmo tempo reafirma os laços de origem e funciona como uma espécie de elo identitário entre os membros dos grupos de imigrantes que estão formando uma nova comunidade longe do seu espaço de origem.

No caso do romance em estudo, vemos essa troca cultural refletida nas estratégias estabelecidas por Galib, pai de Zana, na preparação da comida, como mostra esta passagem: “No restaurante manauara ele [Galib] preparava temperos fortes com a pimenta-de-caiena e a murupi, misturava-as com tucupi e jambu e regava o peixe com esse molho. Havia outros condimentos, hortelã e zatar [...]” (HATOUM, 2000, p.63), nas latas cheias de doces árabes, nas lentilhas, na carne de carneiro e no peixe com tabule.

Devemos, ainda, salientar que o matrimônio, a manutenção da tradição e da suposta identidade, dentro dessa linha de raciocínio, é um fator importante de identificação, pelo fato de se estabelecer somente entre os membros de uma mesma comunidade e por permitir a descendência *pura* dos grupos migratórios na primeira geração. Por outro lado, devemos acentuar que o matrimônio intracomunitário foi destituído por cair em desuso na segunda geração, quando se permitiu o casamento misto.

Embora fossem de comunidades religiosas diferentes, na obra, Zana, uma cristã maronita, apesar da resistência dentro da comunidade, se casa com Halim, um

imigrante muçulmano: “Zana foi falar com o pai [...] Fez a exigência ao Halim na frente do pai [...]: tinham de casar diante do altar de Nossa Senhora do Líbano, com a presença das maronitas e católicas de Manaus” (HATOUM, 2000, p. 53). Nota-se também uma negociação cultural intracomunitária, na medida em que Zana, uma cristã maronita, contrariando seu próprio grupo religioso, se casa com Halim, um imigrante muçumano. O fato, por um lado, relativiza o conflito religioso de origem e de outro suspende a alteridade intracomunitária em nome de uma alteridade em relação ao novo meio pautada pela situação de imigrantes.

Podemos observar, pois, que a heterogenia é favorecida pelas misturas das etnias, não sendo mais possível a sua pureza. A presença desses elementos pertencentes a lugares e espaços diversos, reunidos em um novo espaço e tempo, e a continuidade atemporal da tradição, uma vez praticada em contextos os que não são o de sua origem, reafirmam a importância e atemporalidade da tradição.

É claro, de antemão, que essa integração intercultural entre *manauaras*, sírio-libaneses e indígenas, constatada em *Dois irmãos*, somente foi possível por esses mundos não serem rigidamente separados e sim porosos, como diz Hatoum (HATOUM, 2000b, p.7). Convém acentuar, portanto, que a presença da hibridização cultural dessas trocas culturais estabelecidas entre as diversas culturas no Norte do Brasil, de certo modo, permitiu que houvesse um intercâmbio cultural entre grupos étnicos, ao possibilitar a coexistência e convivência de diversas línguas, culturas e tradições já retratadas.

Daí, instaura-se uma pluralidade de combinações entre heranças culturais distintas, com a intenção de se estabelecer um elo entre essas comunidades

diversificadas e de manter e estabelecer a identidade étnico-cultural desses imigrantes, dentro dessa diversidade. Isso favorece a formação plural e multicultural que encontramos na cultura brasileira.

O porto, às margens do Rio Negro, em *Dois irmãos*, é o lugar em que se espalham a diversidade e a pluralidade, por ser esse lugar o ponto de chegada e saída de diversos grupos e pessoas que transitam em Manaus, pelo fato dessa cidade haver sido abrigada por aventureiros de todas as partes do Brasil e do mundo, ela se tornou “[cheias de] pessoas que vão e vem, como é típico de uma vida portuária” (HATOUM apud PIZA, 2001, p. 4). Manaus, de acordo com Hatoum, é o lugar que abriga pessoas em trânsito e tal fator faz com que essa cidade seja configurada em sua obra como misturada e multicultural.

Destacamos nessa cidade misturada e multicultural as tradições que são transmitidas, em *Dois irmãos*, tanto pela oralidade, como pela presença de elementos de referencialidades culturais peculiares tanto aos índios quanto aos sírio-libaneses. No primeiro caso, tal fato ocorre dada à presença da população local de pescadores ribeirinhos, os quais a mantêm viva por estarem sempre recordando histórias e lendas do passado, rememorando, assim, as suas tradições. Em segundo lugar, a tradição também é transmitida nas descrições de substâncias feitas de ervas da própria região pelos índios. É o caso da mistura preparada por Domingas, de bálsamo de copaíba com ervas medicinais para curar a febre de Nael e por fim a comemoração da cerimônia religiosa do casamento de Zana com Halim, em uma igreja de católicas maronitas.

A questão da oralidade aparece, também, segundo Hatoum, na fofoca. Em suas palavras; “Em Manaus, a tradição da fofoca, que vem da oralidade é muito forte”

(HATOUM, 2003a, p.2). É, entretanto, a partir desse *burburinho*, da oralidade, que os mitos e ritos, coletivos e sagrados são registrados, recontados e rememorados pela população local e pelos habitantes que constituem esse território. Exemplo disso pode ser visto na passagem em que Nael nos conta a respeito da briga de Halim com Azaz. Apesar do distanciamento temporal, percebemos, na fala de Nael que esse fato se tornou um mito, algo próprio da região que perpassa através de tempos, ainda que distorcido nas versões fantasiadas por esses tempos e suas vozes.

Despertou-nos, ainda, a atenção neste livro o fato de que Hatoum, compondo uma Manaus *complexa e mestiça*, reescreve a história do Amazonas a partir de um cenário “*provinciano, festivo e autofágico*” de uma região que conjuga natureza e exotismo (HATOUM, 2003a). Para isso, lança mão de histórias de imigrantes, viajantes e nativos que, de certa forma, transitaram por esse território, possibilitando o reencontro de tempos, de espaços e de vozes diversificadas. São essas, ao trazerem histórias, anedotas, lendas e fábulas de mundos equidistantes, que enriqueceram culturalmente essa região.

E ao apresentar a Amazônia considerando seus elementos constituintes peculiares como a constante descrição da natureza, dos nativos, da fauna e flora, elementos esses recorrentes em toda narrativa, Hatoum busca reconstruir o perfil do Amazonense como um produto do meio e dos valores da terra ao lançar mão do recurso da referencialidade regional. Vejamos, pois, essas passagens: “[...] cheiros [...] o das folhas grandes da fruta-pão, semelhantes a abanos verdes; o do cupuaçu pesado e maduro, cofre de veludo ocre que protege a polpa prateada, fonte de raro perfume” (HATOUM, 2000, p.147). “[...] Esse gêmeo [Omar] tem olhão de boto; se deixar, ele todo mundo para o fundo do rio” (HATOUM, 2000, p.30).

Parece-nos importante ressaltar que muitas das histórias narradas por Nael, em *Dois irmãos*, são frutos da experiência do próprio autor, pois nasceu e viveu muito tempo em Manaus e desse modo tomou conhecimento de algumas delas pelos relatos orais da população local e de seus antepassados, e por ser filho de imigrantes sírio-libaneses. Nas suas palavras, “eu escutava alternadamente histórias do Oriente e da floresta Amazônica” (HATOUM, 1993c, p.165). Pois é desses emaranhados de vozes que, a partir da ficcionalidade, ele reconstruiu a vida desses imigrantes e dessa Manaus flutuante, do início dos anos 50.

Aliás, conforme nos adverte o autor, é a partir de “Um discurso que encerra símbolos emblemáticos, sob os quais o Outro começa a ser percebido e concebido” (HATOUM, 1993c, p.165), calcado na realidade cultural amazonense e ao imaginário amazônico e permeado de histórias de imigrantes e viajantes, que a história será narrada (HATOUM, 2003a, p.3).

No entanto, o fato de Manaus ser um lugar de cruzamentos de culturas díspares que coexistem nas inúmeras histórias das quais brotam vozes da tradição oral, cânticos de tribos perdidas e lendas amazônicas, permite que “Nesse espaço/tempo [...] [nasça] o sentimento que nós temos do Diverso: gênese do mundo exterior, percepção do Outro” (HATOUM, 1993c, p.165).

Assim sendo no romance, Manaus é retratada como um espaço constituído por uma malha cultural variada, repleta de lugares, cujas vozes e línguas, ao se encontrarem e se relacionarem no Manaus Harbour, do início do século XX,

possibilitam a reconstrução de um indivíduo e de uma cidade em processo de destruição.

Em *Dois irmãos*, Manaus também é descrita como a cidade da vida ribeirinha, do comércio, dos rios, da floresta, dos índios, dos caboclos e dos imigrantes. Enfim, “mundo em trânsito, entre a cidade e a floresta, com suas peculiaridades culturais e econômicas” (HATOUM, apud KASSAB, 2001, p.2).

Dessa forma, Hatoum recria a Região Norte com um novo olhar e perspectiva. Assim, ao apresentá-la ao leitor, descreve-a como território do diverso e do vasto, onde as várias línguas como a árabe e a espanhola, por exemplo, se interpenetraram em algumas regiões, misturando-se com a portuguesa e redefinindo-a como um território sem fronteiras (HATOUM, 2003a, p.9).

Por outro lado, ao apresentar Manaus como lugar de rompimento das fronteiras e das mesclas, a partir da criação de um espaço amazonense multicultural, Hatoum nos alerta para a questão da heterogenia como resultado desse processo. Nesse sentido ele propõe um debate a partir de novas perspectivas teóricas, como o hibridismo e o multiculturalismo. Tal empreendimento se confirma uma vez que, ao retratar a história da vinda desses imigrantes libaneses que se instalaram na região portuária de Manaus e mais tarde, constituíram família, essa obra admite a existência de grupos culturais étnicos distintos, além da interação e o cultivo de suas tradições em tempos e espaços múltiplos, redimensionando-os sob essas abordagens teóricas.

Dentro deste enfoque, é importante não esquecermos que estamos constantemente recebendo influências de diversos sistemas culturais que, ao se

encontrarem e se cruzarem, promovem uma heterogeneidade e, ao mesmo tempo, um diálogo entre vários códigos simbólicos.

Questionando um discurso historiográfico e um processo de formação nacional a partir da apresentação da imigração sírio-libanesa, Hatoum constrói seu discurso narrativo. Nesse sentido, assume o olhar de um sujeito que, ao perceber seu mundo, a realidade *manauara*, a retrata sob novas abordagens teóricas, em que a pluralidade tanto das línguas e culturas como das vozes e histórias são fatores e chaves importantes no redimensionamento desse espaço, por legitimar uma leitura diferente.

Tal situação nos leva à hipótese de que há a formação de um mosaico de grandes nações e tribos, misturadas e dispersas, na Região Amazônica. Isso nos possibilita afirmar que tanto a hibridez como a pluralidade nasceram dessas formas de intercâmbio entre os vários símbolos e modos culturais. Além do mais, tudo isso somente foi possível uma vez que a vivência dessas culturas levaram-nas a estabelecer contatos diretos e contínuos, ao se tocarem e se reconhecerem sem contudo se desfazer e se dissolver uma na outra. Devemos enfatizar que é dessa Manaus dos anos 50 que brotam e convergem os rios dos conflitos, das tradições orais, das histórias e das lendas presentes no romance (HATOUM, apud PIZA, 2001).

Verificamos também, em *Dois irmãos* que, a partir dessa Manaus multicultural e mestiça, o narrador tece a sua narrativa, utilizando a memória como veículo para contar a sua própria experiência atrelada às histórias de outras tradições e lugares por ele nunca percorridos. Assim, está evidente no texto que é pela voz desse narrador em trânsito – por *perambular* por esses espaços e lugares - e pela diversidade espaço-temporal, que o leitor toma conhecimento das lendas, como a do boto-vermelho,

a dos mitos contados pelo personagem Perna de sapo e das vozes de nativos e imigrantes que, em um tempo passado-presente, habitaram e contribuíram para a formação dessa região e, em especial, da cidade de Manaus.

Manaus é, no entanto, imaginada como uma cidade isolada e periférica, um ambiente de província situada às margens do Rio Negro. Dessa forma, observamos que Hatoum reconstrói esse espaço a partir de uma forma amazônica de sentir, agir e de ser mundo, uma forma flutuante; vê-a como ilha de sensação, à margem dos rios do tempo, em busca de um conteúdo historiográfico ainda não estruturado, como nos define João Loureiro (LOUREIRO, s.d). Assim, essa cidade é apresentada como uma personagem constituída de sentido histórico garantido pela própria referencialidade do discurso histórico oficial.

Nesse sentido, é importante ressaltar a presença de um discurso calcado na realidade cultural local amazonense com ênfase tanto na história da sua formação cultural como na dos movimentos de imigração nessa região. Cabe frisar, ainda, a importância desse espaço amazônico como cenário propício para a reflexão sobre as transformações por que passou a região no último século e também da passagem do tempo desde o auge do ciclo da borracha à sua decadência.

Ao estabelecer a cidade de Manaus como terra da adoção desses imigrantes, o que Hatoum faz é abrir o discurso para a diversidade e pluralidade. Para isso o autor dá vozes a nativos e imigrantes, possibilitando o convívio entre os grupos étnicos, o que leva às tocas culturais de linguagens, costumes e códigos distintos.

Tal contexto possibilita, ainda, a afirmação de que, segundo Maria Zilda Cury, da junção dessas vozes oriundas desse *entre-lugar* se estabelece a escrita da

suspensão, o que dá origem ao discurso do outro. Tal fato enfatiza a percepção de que é desse *entre-lugar* que Nael articula a diversidade espacial, temporal e cultural. A partir desse espaço de enunciação Nael promove o encontro com o outro e consigo mesmo, ao reconstruir, na busca da figura do pai, sua identidade vinculada à do outro (CURY, 2000, p.168).

3.2 Memória: heterogeneidade da linguagem

A experiência é a matéria da tradição, tanto na vida privada quanto na coletiva. Forma-se menos com dados isolados e rigorosamente fixados na memória do que com dados acumulados, e com frequência inconscientes, que afluem à memória.

Walter Benjamin

Segundo Pierre Nora,

A memória é a vida, sempre trazida pelos grupos vivos e, por esta razão, ela está em evolução permanente, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas as utilizações e manipulações, suscetível de longas latências e freqüentes revitalizações (apud SANTOS, 1986, p.12).

Em *Dois irmãos*, a memória como produto da linguagem, também é pensada como produção simbólica e parte integrante de um imaginário social. Nesse sentido, tanto a memória como a tradição são vistas como fruto de um tempo determinado e de um conjunto social dado, por poderem constituir-se elementos da história de mentalidades coletivas.

Ao utilizar a memória como elemento deslegitimador da história oficial, Hatoum deixa clara a percepção do emprego dela como veículo que permite a reconstituição de um tempo passado. Na obra em estudo, ela é alimentada por valores simbólicos distintos, como já vimos, pelo fato de se estabelecer na interseção de grupos étnicos plurais e em um tempo anterior, de forma bastante coerente e verossímil.

Dessa forma, a memória, ainda que por meio de uma experiência individual, pois quem reconta os fatos é Nael, faz com que vejamos os episódios a partir de um coletivo. Se assim os percebemos é por encontrarmos nela tanto uma trajetória histórica de indivíduos, como as experiências e acontecimentos históricos referentes a uma época, como foi o período da imigração na Região Norte, mais especificamente, na cidade de Manaus.

Frisamos, então, que a memória faz cruzar a história e a intimidade, por permitir que os acontecimentos públicos e os pessoais sejam nutridos de valores simbólicos vivenciados na encruzilhada da cultura e do desejo, oferecendo-nos, assim, focos e direções existenciais e sociais em meio às experiências vividas pelo sujeito. É inegável que a subjetividade, em *Dois irmãos*, é reconstruída nos interstícios e limiares das formas sociais e culturais de existência vividas pelo grupo e/ou indivíduo.

Encontramos, portanto, em *Dois irmãos*, uma memória atemporal que permite ao leitor o acesso às histórias, mitos, lendas de mundos distantes, saberes e épocas longínquas. Essas histórias que foram retidas pela experiência de outros e, por sua vez, foram percebidas por Nael pelo convívio e pela oralidade. A memória é, dessa maneira, constituída pelo distanciamento temporal do narrador em relação ao fato narrado e pela mescla de uma memória simultaneamente coletiva e individual, como já foi visto anteriormente. Portanto, ela se estabelece, nessa obra, por meio da multiplicidade de histórias nas quais as experiências do Oriente reaparecem, mescladas às do Ocidente, revelando-se nas crenças religiosas, comidas, línguas e hábitos sociais. Exemplo disso é encontrado na passagem em que Halim chama a atenção de Yaqub ao comer com as mãos e o *mijar* de frente para a parede em um bar em plena Cinelândia.

No que diz respeito ao uso de uma perspectiva social mnemônica, cabe-nos observar que a casa desses imigrantes, com seus objetos, e a cidade de Manaus, com sua vida urbana, são símbolos representação de fragmentos de experiências coletivas e/ou individuais. Esses símbolos, por vincularem o emprego de uma linguagem heterogênea, possibilitam o trabalho com diferentes grupos e vozes sociais. É o que podemos perceber no seguinte trecho: “Fechariam o restaurante [de Galib], porque todos aqueles clientes, com suas anedotas obscenas, histórias de naufrágios e seres encantados, lembravam-lhe [a Zana] o pai” (HATOUM, 2000, p.64).

Esse fato enfatiza a existência não só de uma memória atemporal, por ser ela produto da linguagem; sistema intemporal e veículo social que permeia a finitude e a pluralização do tempo. A heterogeneidade da linguagem também conduz à reafirmação dessas etnias, enquanto grupos plurais e heterogêneos, por permitir a vinculação da sua palavra.

Nessa perspectiva, devemos, ainda, ressaltar que os espaços da casa, do bairro e da cidade são retratados como lugares representativos da convivência, das trocas de experiências, das histórias, dos mitos, das lendas, das festas e dos jogos sociais. Hatoum faz uso de toda essa simbologia, como a culinária, a religiosidade e a casa da família, como elementos constitutivos de representação desse contexto sócio-histórico, apresentando, assim, a cidade de Manaus no início do século XX.

Essa simbologia é pertinente, uma vez que revela a importância e o uso da memória em *Dois irmãos*. Nessa obra é considerada produto de um tempo e de um

conjunto de regras sociais determinadas, e fruto de um imaginário social que foi a realidade amazonense no início dos anos 20.

Vemos, dessa forma, em *Dois irmãos*, o emprego da memória como elemento de composição de um imaginário sócio-histórico e como veículo legitimador de uma memória oficial, que expressa a imigração sírio-libanesa, nessa região, nesse período. Pois, nas palavras de Hatoum, “Muitos textos de ficção contêm resíduos da História” (apud GRAIEB, 1995).

Nessa circunstância, podemos afirmar, ainda, que a memória busca restaurar as lembranças e revitalizar dados do passado preservando-se assim, aquilo que não pode mais ser vivido. Desse modo, ao se enraizar no social como linguagem, a memória possibilita a reelaboração das experiências desses diversos grupos sociais, por permitir que elas se manifestem e vinculem-se através de um trabalho a diferentes vozes.

Concluimos que, a partir da existência do olhar observador do narrador, que capta as formas, as cores e os sabores, percorrendo lugares e épocas (passado-presente), Hatoum denuncia a passagem do tempo e a total destruição de uma Manaus do apogeu (época do auge da borracha) até a sua decadência e abandono. Por meio da criação de um espaço flutuante, onde velhas tradições culturais e religiosas, como a indígena e a sírio-libanesa se encontraram e se misturaram, Hatoum recria, mediante a memória, um espaço cultural híbrido. Tal espaço permite que essas várias culturas se encontrem e se recombinem, produzindo, nesse novo contexto, diferentes leituras e perspectivas de um discurso oficial do que foi realmente a imigração no Norte do Brasil.

É importante levarmos em conta, nesse sentido, que a cultura brasileira se vê, na contemporaneidade, constituída na interseção dessas diferentes especialidades e

temporalidades. Assim, ao se encontrarem em um determinado território, elas garantem a coexistência sincrônica entre diferentes grupos culturais ao possibilitar as relações interétnicas e as trocas recíprocas e ao produzir a *tradução* de uma cultura na outra, como nos coloca Peter Burke (BURKE, 2003, p.59-60).

Tal fato se evidencia em *Dois irmãos*, quando Hatoum, ao descrever a Região Norte, partindo da cidade de Manaus, faz referências à diversidade temporal e espacial mediante a descrição de seus mitos, ritos e histórias. Tudo isso, em tempos distanciados, fez parte desse território em convívio com tradições culturais trazidas pelos imigrantes ao se estabelecerem nessa cidade. Nas palavras do autor, “Manaus é assim, cheia de atemporalidades, atemporalidades traumáticas” (HATOUM, apud PIZA, 2001, p.4).

Sublinhamos, assim, que Hatoum, ao propor a revitalização de uma memória vulnerável e esgarçada, em *Dois irmãos*, preserva e mantém vivo o cultivo de tradições milenares e coletivas como a indígena e a sírio-libanesa, descritas, no romance, a partir da oralidade e das histórias próprias, como encontramos em toda a narrativa. Encontramos também em destaque a metamorfização dessas diferentes culturas produzidas, a partir do encontro em épocas e espaços longínquos.

Frisamos, ainda, que essas tradições são, por sua vez, conclamadas pela oralidade, por meio do olhar atento do narrador sobre esses mundos e culturas, possibilitando que elas sejam recordadas e relidas, impedindo, dessa forma, o seu total desaparecimento. É, assim, por meio da rememoração a partir do olhar subjetivo desse narrador, que nós leitores vimos a conhecer essa realidade.

Verificamos, dessa forma, que, nas histórias narradas por Nael, podemos encontrar tanto a voz de uma experiência individual, como a de uma coletividade e, por trás dessas múltiplas vozes, podemos reconstruir uma tradição ou várias tradições. Observamos, também, que é por meio desses relatos que temos acesso à tradição desses imigrantes e descendentes de libaneses em convivência com a tradição de outros grupos e culturas.

Como podemos observar, a memória, nessa narrativa, é fruto de um imaginário; porém, por estar atrelada a uma realidade amazonense, como se pode ver, também é retratada como elemento legitimador de uma história oficial. Tal contexto enfatiza a hipótese de que a memória funciona como produto histórico e conjunto social, por tentar preservar, de certa forma, fatos históricos e vivências de um passado distante e perdido e, de forma simultânea, restaurar lembranças e revitalizar dados desse passado, que não podem ser mais vividos. Sendo assim, a memória, em *Dois irmãos*, é uma forma de relato, um modo pelo qual o narrador reelabora sua experiência junto com a experiência do outro.

De acordo com Hatoum, a memória é vista como sinônimo de imaginação (HATOUM, 2000b, p.6). Concluímos, então, uma vez que os fatos retidos nas memórias individuais se contradizem, que a percebemos como produto da imaginação. Assim, os jogos com o tempo e com as vozes do presente/ passado reforçam tal leitura, por permitirem as muitas versões dos fatos, nessa narrativa, possibilitadas pelo vai e vem das experiências, do tempo e do espaço.

É, dessa forma, por meio da criação do espaço do mnemônico no âmbito da narrativa, espaço esse da convivência subjetiva do próprio sujeito com o outro, que temos acesso a essas vozes que testemunham uma época e um tempo sócio-histórico.

Constatamos, assim, que nessa Manaus, de onde brotam as vozes díspares filtradas pelo olhar e pela memória de Nael, encontramos o testemunho de um tempo histórico a partir do discurso do outro. Segundo Hatoum, essas vozes, ressurgidas na memória, contribuem para desenhar o rosto verdadeiro da nossa história (HATOUM, 1987). Vemos também que, dessa Manaus enquanto espaço da tensão e do intercâmbio de valores culturais, é que temos acesso a essa realidade-ficção sob um novo prisma – o da pluralidade e heterogenia.

3.3 O narrador: olhar em trânsito

Ingressar no seu labirinto de frases longas que nos fazem pensar que a nossa verdadeira selva é a linguagem?

O que mais me impressionou na obra de Borges, antes mesmo de me deslumbrar com o Oriente que ele comenta e inventa em seus ensaios e ficções, foi a linguagem, uma linguagem que combina imaginação e exatidão, ou exatidão na imaginação.

[...] As invenções verbais, que é a invenção de uma outra realidade.

Milton Hatoum

A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis é a autêntica polifonia de vozes plenivalentes.

Mikhail Bakhtin

É alguém que conta uma história na fronteira social e também simbólica, que tenta representar a si mesmo e também aos outros.

Milton Hatoum

Hatoum, em seu romance, como podemos observar, dá voz a um narrador em trânsito – entre os diversos espaços e tempos -, pois, ao representá-lo em um lugar instável, como a fronteira, busca enquadrá-lo em um lugar. É o caso de Nael, que tenta encontrar um lugar nessa história criando a sua narrativa e configurando-a a partir da própria memória. O elemento marginal, ao estabelecer um espaço de inserção dentro da história dessa família, por ser neto bastardo, pode transitar por mundos diversificados e ter

acesso a relatos alheios. Ora, essa rede de histórias entrelaçadas é a origem do seu próprio relato. Assim, é desse lugar de enunciação, das bordas, que esse passado vai se reconstituir.

Nesse ponto, merece destaque que por meio dessa narrativa “Nael encontra um lugar possível de inserção nessa sociedade, nessa casa, nessa cidade” (HATOUM, 2003). Para traduzir isso, esse autor opta pela construção de um passado o qual requer uma linguagem heterogênea, por conter várias histórias, e de uma memória. Esse autor usa desse expediente como meio para alcançar seus objetivos. Dessa forma, ele lança mão de uma forma narrativa diferente.

Essas marcas – memória subjetiva e linguagem heterogênea -, de certa forma, permitem que o drama vivido pelo narrador, por não saber sua origem paterna e pelo silêncio da mãe Domingas, empregada da casa, a respeito do seu nascimento seja desenvolvido por uma estrutura ramificada, como argumenta Pedro Nava, marcada pelo memorialismo (NAVA, apud PIZA, 2001, p. 2).

O narrador personagem, então, à margem tanto da família como da sociedade manauara da época, nos relata o que ouviu, vivenciou e presenciou desde um quatinho nos fundos da casa, seu lugar nessa história. Vemos, assim, que essa história é tecida a partir de um *entre-lugar* - fronteira simbólica e social. Ao dar voz a um narrador na fronteira entre o ser e o não ser, o eu e o tu, Hatoum cria um sujeito social que, ao ser colocado nesse *entre-lugar*, em convívio com o múltiplo e com a diferença, se manifesta como alteridade, diferente. Nessa perspectiva, parece-nos importante considerar que, conforme assinala Diana de Barros, o sujeito deixa de ser o centro, passando a estar não

mais no eu nem no tu, mas no espaço criado entre ambos, ou seja, no seu texto (BARROS, 1994, p.3).

Essa aproximação é pertinente já que essa fronteira, ao ser concebida como lugar de descentralização e dissolução do sujeito centrado, permite que outros códigos e referências sejam abertos, desconstruindo o discurso historicamente hegemônico e tecendo essas várias vozes e histórias pelo viés da diferença.

Notamos que, ao usar uma enunciação discursiva e dialógica, Hatoum recupera o princípio dialógico de Mikhail Bakhtin, ao trazer para o seu discurso a perspectiva de uma outra voz. A propósito, segundo esse teórico: “nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz” (BAKHTIN, apud BARROS, 1994, p.3). Nesse sentido, é inegável, portanto, reconhecer que, para deslocar a palavra do narrador e fazer ouvir a palavra do outro, é criado um *espaço da enunciação diferenciada*, a partir da voz de um outro. Isso se torna imprescindível, de acordo com Cury, por permitir que a linguagem seja enunciada pelo outro. É por meio desse espaço que a voz do outro diz o que, de certo modo, não poderia ser dito pelo narrador (CURY, 2001, p.1).

Enfatizamos, então, que pensar o redimensionamento da fronteira social e simbólica, como coloca Hatoum, nos leva a repensar a questão da pluralidade e da multiplicidade. Já por nós averiguadas, elas são importantes por transfigurarem como espaço da alteridade, da diferença e da polifonia, e por serem apresentadas e submetidas a debate, em *Dois irmãos*, como forma de discussão.

Nesse contexto, parece-nos importante, ainda, recordar que o narrador é um *curumim*, filho de uma índia e de um descendente de libanês, um mestiço, que opera a formação da sua subjetividade em um território marcado pela pluralidade e multiplicidade. Assim, percebemos que, ao transitar por esse território reconstruindo os episódios, ao

entrelaçá-los em tempos e espaços, Hatoum garante que tanto a formação cultural como a subjetiva seja posta em debate, configurando-as sob novas abordagens e perspectivas.

Observamos, também, que Nael transita por entre esses espaços étnico-culturais em busca de si mesmo: “[ele] perambula nas culturas e suas línguas em busca de uma identidade, já que Domingas, sua mãe, não lhe revela a figura do pai” (HATOUM, 2000a, p.c). Ele tece a sua história, mas, ainda de acordo com Hatoum, “essa [história] não é legitimada como propriedade, isto é, ela não é própria, não está fundada na origem certificada” (HATOUM, 2000a, p.c).

Porém, como podemos observar, pelo fato de o narrador estar em constante movimento e deslocamento por entre espaços e tempos múltiplos e desconhecidos, ele, muitas vezes, não tem o *verdadeiro* conhecimento dos fatos contados. Por isso, seu movimento por esses espaços e tempos é muitas vezes dissimulado.

Assim, quando Nael relata ao leitor a surra que o viúvo Talib recebera das duas filhas, podemos perceber essa idéia a partir dos seus ruídos e urros, escutados do outro lado do quarteirão. Reproduzindo as palavras de Nael, “[Talib] Apanhou das duas [filhas] feito um condenado, elas morriam de ciúme, não admitiam vê-lo perto de uma mulher” (HATOUM, 2000, p. 86). Há, portanto, uma pressuposição por parte de Nael numa junção entre ficção e oralidade que se vale de uma expressão coloquial para dimensionar a suposta surra que Talib levava das filhas ao afirmar que ele apanhara “feito um condenado”, pois, até onde escutou o acontecimento, não o havia presenciado o suficiente para constatar que a surra tinha sido tão forte como a descreve.

Recordemos, pois, que, segundo Piza, “A passagem do tempo traz o desfocamento da memória, mas a imaginação ajuda a recuperá-la” (PIZA, 2001, p.5).

Nesse sentido, cabe observar que Nael, em *Dois irmãos*, manipula a massa de lembranças, dando-lhe coerência interna ainda quando não tem certeza dos fatos (PIZA, 2001, p.5).

Notamos que, ao narrar as histórias, em alguns momentos, Nael sofre com elas ao expor seus sentimentos, por exemplo, quanto aos gêmeos. Como podemos ver:

[...] Numa das fotos, [Yaqub] posou com a farda do Exército; outra vez uma espada, só que agora a arma de dois gumes dava mais poder ao corpo do oficial da reserva. Durante anos, essa imagem do galã fardado me impressionou. [...] (HATOUM, 2000, p.61).

[...] Já Omar era presente de mais: seu corpo estava ali dormindo no alpendre. O corpo participava de um jogo entre a inércia da ressaca e a euforia da farra noturna. Durante a manhã ele se esquecia do mundo, era um ser imóvel, embrulhado na rede [...] (HATOUM, 2000, p.61).

Podemos observar nesses fragmentos que o narrador se envolve na trama, por encontrar-se no centro do conflito, sendo inevitável a sua implicação em alguns fatos.

É inegável, contudo, que a sua prática como narrador nasce estimulada e construída por Zana a partir dos fuxicos que relatava à patroa. Podemos verificar tal prática na seguinte passagem: “Na casa dos Reinoso era pior, Zana ficava sem fôlego, me pedia para contar tudinho” (HATOUM, 2000, p. 87).

De acordo com Cury, ressoam, na voz do narrador, o seu próprio fazer e o espaço de onde nasce essa memória. Nael se distancia da margem de sua história com a intenção de assimilar outras culturas, experiências e vivências sem, no entanto, perder o fio condutor de sua própria história. Trata-se, portanto, de um novelo de histórias que vão sendo fundamentadas nesse espaço – individual e coletivo – vinculadas a um fio condutor que é a memória (CURY, 2001, p. 5). É, assim, no espaço da ambigüidade e das oscilações que o narrador reconstrói a sua história, já que nós leitores buscamos tecê-la pela narrativa.

Ainda nesse sentido, o narrador reinventa histórias que, ao se entrecruzarem com outras por ele narradas, trazem, por meio da sua memória, experiências alheias de tempos e países distantes. É, assim, por meio das diversas vozes que ressurgem na sua memória que Nael compõe o tecido narrativo, juntando os fios partidos das experiências dos outros, recompondo-os pela linguagem.

Ao juntar, porém, os fragmentos desse passado, observado como fracasso, ao captar as formas, as cores, e os cheiros dos lugares e espaços por onde passa, esse narrador denuncia a passagem do tempo - da Manaus do apogeu à sua decadência:

[...] [Halim] Vendia de tudo um pouco aos moradores dos Educandos, um dos bairros mais populosos de Manaus, que crescera muito com a chegada dos soldados da borracha, vindos dos rios mais distantes da Amazônia.[...] (HATOUM, 2000, p.41)

[...] Manaus cresceu assim [...] [Halim] vendia sem prosperar muito, mas atento à ameaça da decadência, que um dia ele me garantiu ser um abismo [...] (HATOUM, 2000, p.41).

Contudo, vemos que, ao dar voz a um neto bastardo e ao fazer uso da polifonia, Hatoum nos relata o outro lado do discurso dominante - o da verdade única e incontestável -, pois, ao reconduzi-lo a partir de um discurso esgarçado e frágil, reformulou-o, retratando-o sob novos prismas e valores socioculturais.

Observamos, ainda, que, ao dar voz a um *eu* testemunho, Hatoum busca a verossimilhança dos acontecimentos apresentando a vivência desse sujeito que os descreve como personagem protagonista, como observador. Essa descrição é feita sob a perspectiva tanto interiorizada como exteriorizada. Observamos, então, que, por ser Nael personagem testemunho, narra os acontecimentos, em vários momentos, orientando-se na própria experiência. Mas, pelo fato de não conseguir saber o que se passa na cabeça dos outros, dada a sua condição de testemunho, apenas infere, lança hipóteses, servindo-se somente de

fatos que viu ou ouviu, mesmo que os *amente* pela imaginação. Os episódios são, portanto, descritos sempre a partir de sua perspectiva.

Convém observar mais particularmente que o recurso do testemunho do outro, na construção da própria história, possibilita o desejo da subjetividade de ir além de si mesmo, já que, o enfraquecimento dela pelo descentramento permite o reencontro consigo mesmo. Conseqüentemente, é a partir do encontro com o outro que Nael estabelece o encontro consigo mesmo. O outro é visto, portanto, na narrativa, como objeto de reconhecimento, e não como sujeito ativo do processo da construção da sua identidade.

Com um olhar que desperta em direção ao passado, Nael atravessa, incondicionalmente, o tempo e o espaço; a cultura e a vivência do outro são transfiguradas por esse sujeito observador. Tal procedimento expõe a existência da construção de um olhar observador errante, que percorre a cidade de Manaus. É um olhar subjetivo que transita e viaja por esse território, observando e descrevendo, sem perder a direção desse passado-presente, que constitui a própria narrativa. Encontramos, dessa forma, um olhar errante que, ao percorrer esses mundos, tempos e espaços, se torna conhecedor de outros territórios e linguagens.

Concluimos, pois, que, enquanto o olhar experimenta, a memória tece o que é vivenciado tanto no nível pessoal como coletivo. Ressaltamos, também, que, ao empregar a técnica do recuo e a do avanço, Hatoum torna a narrativa descontínua e fragmentada. Tal afirmação nos faz constatar, também, que, pelo fato de as recordações e experiências do narrador misturarem-se às dos outros, podemos trabalhar, em *Dois irmãos*, com o aqui e agora dos acontecimentos.

Digno de nota também no romance é o descentramento do eu que implica o aparecimento da polifonia, permitindo o surgimento e reconhecimento de outras vozes e

histórias, como, por exemplo, a do professor de francês Laval, a de Estelita, filha dos Reinosos, e a do viúvo Talib.

Entretanto, é pela voz única do narrador que, por conter em si todas as outras vozes e funcionar, assim, como veículo da palavra, tomamos conhecimento de palavras, transfiguradas pela linguagem na narração. O sujeito, nesse caso, perde o seu centro por ser ele mesmo constituído na confluência com outras vozes, que o fazem conhecedor de outros mundos e vivências.

Frisamos, então, que, ao criar um espaço de interação entre o eu e o outro, em *Dois irmãos*, Hatoum faz com que o eu subjetivo, ao encontrar-se descentrado, colabore, também, para que haja a sua suspensão, aprovando a criação do outro e do seu discurso, como presenciamos em toda a narrativa.

Cabe acentuar que, por ser a linguagem sempre dialógica, como nos colocou Bakhtin (BARROS, 1994, p.2-3), encontramos um dinamismo entre essas vozes. Elas, ao se justaporem e se contraporem, geram a confluência de um discurso múltiplo e diferenciado, como é a narrativa de Hatoum.

Outro aspecto que observamos em *Dois irmãos* é que o narrador, por não ter nome, ou melhor, por tê-lo revelado somente ao final da história, é apresentado como entidade, como, figura descentrada e até certo ponto “flutuante como o porto do Manaus Harbour” (HATOUM, 2003). Assim, um paralelismo pode ser estabelecido entre Nael e Manaus, já que o primeiro é produto, fruto desse meio, um mestiço. A cidade, também, é produto do entroncamento e interações entre as diferentes culturas que, em um determinado período histórico, se encontraram e, ao estabelecerem contatos, contribuíram, conseqüentemente, para a sua formação cultural com hábitos e costumes diferentes, e na sua identidade pelas misturas provocadas entre as diferentes etnias.

Tal contexto enfatiza a hipótese de que, ao representar, até certo ponto, uma visão de instabilidade, a partir da impossibilidade da construção de uma subjetividade fixa e estável, Hatoum questiona e põe em debate essa dúvida que, segundo ele, está projetada na sociedade contemporânea (HATOUM, 2003).

A nosso ver é interessante ressaltar, também, que é pela negação e desconstrução que Hatoum reforça o uso de um olhar observador que, ao percorrer espaços e tempos múltiplos, reflete sobre o passar do tempo. Nesse processo, os personagens averiguam, questionam e, às vezes, denunciam as transformações ocorridas na Região Norte desde a ascensão do Ciclo da Borracha até o seu declínio.

Ressaltamos, pois, que, em *Dois irmãos*, o trabalho com o texto literário possibilita a restauração da memória, pois encontramos nele ferramentas que nos permitem resgatar o vivido pelo testemunho oral e pela mediação das outras vozes. Através da sua narrativa, Hatoum deixa claro a impossibilidade da existência de uma identidade discursiva sem a presença do outro. A esse respeito, Eneida Souza comenta que se torna difícil pensá-la como categoria estanque ao notarmos que o indivíduo, como observamos em *Dois irmãos*, está cindido e fragmentado pelo outro que o habita, concentrando, assim, a sua identidade no múltiplo e na diferença (SOUZA, 1991, p.38).

Vemos, ainda, que o jogar com o tempo, destruindo qualquer possibilidade de lógica linear, nada mais é, segundo Luís Costa Lima (2002, p.312-313), que a construção de um sujeito em crise, cindido e traído pela memória, que permanece lacunar como a figura metafórica da restauração de um vaso que se rompeu. Argumenta o autor que esse vaso, ao constituir-se novamente, nunca terá a sua restauração por completo, já que as lacunas e fissuras estarão ali permanentes a atormentá-lo.

Da mesma forma, em *Dois irmãos*, Nael, ao jogar com o tempo e espaço, encontra-se destituído de qualquer lógica linear, configurando-o, assim, um sujeito a partir das fissuras e lacunas como a imagem metafórica do vaso aludida acima por Costa Lima. Vemos, portanto, a representação do mundo moderno a partir da apresentação de um sujeito em crise.

Ainda segundo Costa Lima, o tempo e a linguagem são, enquanto foco narrativo, os verdadeiros protagonistas em *Dois irmãos*, uma vez que os fragmentos dessas histórias fluíram sobre esse tempo voraz, configurando uma história própria, recomposta pelos fragmentos. E essa nova história será, por sua vez, assegurada pela linguagem que o norteia. O tempo, assim, encontra na linguagem o seu interlocutor (LIMA, 2002, p.313).

Para Costa Lima, o narrador de *Dois irmãos* não é um narrador protagonista em seu sentido estrito. Melhor dizendo: sua trajetória não ganha relevância, mesmo que ao final ele descubra a resposta que, aparentemente, o movera a vasculhar a memória e a tentar reconstruir a história da família de imigrantes como parte de sua própria história. Nael seria, aos olhos desse crítico, um mero artifício narrativo que executa a função de escrever o romance. Nas suas palavras: “[...] O narrador, o agregado da família, cumpre o seu recado: o romance que se lê” (LIMA, 2002, p. 321).

Contudo, Hatoum, ao criar um narrador com o olhar voltado para a Região Norte, busca, a partir da linguagem da Amazônia, pois Nael é um *curumim*, reconstruir um passado de negatividades, empregando vozes próprias e um idioma híbrido, que o denuncia pelo seu próprio falar.

4

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: A TEIA NARRATIVA

4.1 Era uma vez uma história: reconstituição de fragmentos

A memória participa do universo imaginário. Princípio de organização do todo a partir de um pequeno fragmento do vivido.

Memória enquanto discurso fragmentado

Milton Hatoum

Pensar, então, a configuração dos termos *relato* e *narração*, dentro de uma perspectiva mnemônica temporal, implica a afirmação de que a memória adquire, ao longo da história, grande importância no processo de criação literária, sendo, assim, utilizada por muitos escritores como artifício para desenvolver as narrativas de seus textos. Isso se deve ao fato de que esse recurso era e continua sendo, de certa forma, um veículo importante nesse processo.

Alguns estudos, ao tratarem da narrativa como possível espaço de inserção da memória, compreendem-na, em um primeiro momento, como a simples recorrência a elementos dispostos linearmente no tempo, servindo de fundamento para se relatar, no presente, um fato ocorrido no passado. Nesse sentido, Edward Said afirma:

A invocação do passado constituiu uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas.[...] (SAID, 1995, p.33)

Dessa forma, Said (1995) nos diz que a evocação do passado é um fator de extrema importância na interpretação do presente, uma vez que, a partir de sua existência e

de sua repercussão no presente, permite estabelecer estratégias para maior compreensão do que significa ou significou esse passado na história contemporânea.

De acordo com esse enfoque, notamos que, ao evocar o passado, o escritor está, de alguma forma, trabalhando com a tradição, pois, segundo a afirmação de T. S. Eliot, “o sentido histórico supõe uma percepção, não apenas do que é passado, como também daquilo que permanece dele;” (ELIOT, apud SAID, 1995, p. 34). Tal contexto nos permite argumentar que o sentido histórico, então, não só incentiva o homem a escrever sobre a sua própria geração, cultura e costumes, mas também a utilizá-lo como forma de preservar uma tradição. Vemos também que a história de um país é, tradicionalmente, contada e preservada por meio das narrativas literárias que retêm esses relatos como autênticos documentos históricos. A memória é, assim, compreendida pelos autores, de modo geral, como a ocorrência de elementos dispostos linearmente no tempo, servindo de fundamento para se relatar, no presente, um fato ocorrido no passado.

Nessa perspectiva, Edward Said acentua que, para se compreender o passado e reescrevê-lo, é necessário que o intelectual evoque o passado reinterpretando-o e analisando-o a partir de um olhar crítico, utilizando-o como subsídio para interpretar o presente, uma vez que “Ambos se modelam mutuamente, um inclui o outro [...]” (SAID, 1995, p. 34). Ainda na visão desse teórico, a história e a inserção do sujeito na mesma são pontos-chave para se compreender a origem e, assim, se interpretar o presente, pois o indivíduo, para que se constitua como sujeito, tem que, por sua vez, estar inserido em um contexto social e político, em um tempo e espaço.

Contudo, estudos mais recentes têm apontado novos contornos para as relações existentes entre o ato de narrar e a memória. Isso somente foi possível devido ao

desenvolvimento tecnológico e suas decorrências, sentidas especialmente a partir do princípio e meados do século XX, pois muitos autores - por exemplo, Marcel Proust e Ricardo Piglia - tiveram a necessidade de criar novas formas de lidar com a memória. Sendo assim, novas teorias surgiram a esse respeito.

Para enfatizar essa nova abordagem a respeito da memória, o teórico Andreas Huyssen nos chama a atenção para o fenômeno verificado nas últimas décadas, que é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais nas sociedades ocidentais. Segundo ele, esse fenômeno se caracteriza pela volta ao passado, contrastando-o com o futuro. Ainda de acordo com ele, isso ocorre principalmente a partir da década de 80, com o deslocamento do foco cultural e político “dos futuros presentes para os passados presentes” (HUYSSSEN, 2000, p.9).

Tal aproximação é pertinente, uma vez que revela que a memória, hoje, está diretamente relacionada à idéia de releitura, por encontrarmos nela uma introjeção do passado no presente. Observamos que, dessa maneira, grande parte da cultura contemporânea se caracteriza pela intensidade dos transbordantes discursos da memória, ou seja, pela multiplicidade de discursos produzidos a partir dela – tratando-se, muitas vezes, de restaurar, via narrativa, épocas, cidades e histórias do passado. Argumentamos, pois, que, sintonizados com esse propósito, novas técnicas foram desenvolvidas pelos escritores, e, na contemporaneidade, encontramos, sob a forma oral ou escrita, vários relatos constituídos por fragmentos não-lineares.

O escritor Marcel Proust evidencia essa nova proposta, como sublinha Jacy Seixas, ao nos alertar para a negação da idéia de uma memória linear e ao chamar-nos a atenção que a veja em tempos diversos e múltiplos. Nesse sentido, situa a descontinuidade

em primeiro plano, juntamente com o instante único e isolado que guarda latente a possibilidade da memória. Em razão dessa visão, a memória se movimenta para frente e para trás, sem obedecer qualquer sucessão necessária. Ela é, assim, a representação de tempos e espaços múltiplos e descontínuos. Por isso, ela não é uma simples representação da história como se pensava anteriormente. Ao contrário, a memória é atemporal, pois age tecendo os fios entre esses múltiplos espaços, tempos e acontecimentos (SEIXAS, 2001, p.49-50).

Isso posto, em *Dois irmãos*, como já afirmamos anteriormente, a construção romanesca é apresentada sob a forma memorialística, pois a representação de identidades culturais diversas é constituída a partir do resgate mnemônico. Tal afirmação se evidencia uma vez que o romance nos apresenta um tom memorialístico ao retratar a história de um sujeito construído através da sua memória e das histórias de outros, como já foi constatado. É, entretanto, a partir da recuperação da memória e do resgate dessas múltiplas vozes que encontramos a reconstrução de uma identidade plural e, ao mesmo tempo, individualizada.

Dentro dessa perspectiva, Hatoum enfoca aspectos relacionados à questão da memória vista enquanto motor da narrativa e como representação de fragmentos de espaços múltiplos e descontínuos. Assim, nas histórias narradas por Nael encontramos tanto a voz de uma experiência individual, como a de uma coletividade, como vimos, e, por trás dessas múltiplas vozes, é possível reconstruir uma tradição ou várias tradições. É, justamente, por meio desses relatos que o autor apresenta a tradição dos imigrantes e descendentes de libaneses em convivência com a tradição de outros grupos étnicos e de suas respectivas culturas.

Como observamos, a narrativa se guia pelo passado, pois, ao construí-la, o narrador Nael utiliza as experiências passadas daqueles que, de alguma forma, influenciaram a sua vida. Para isso, ele parte dos relatos orais do avô Halim - o patriota libanês - e da mãe Domingas, e de sua própria experiência e transforma esses fragmentos em narrativa. É por meio da recomposição desses fragmentos que a memória se reconstitui na narrativa: “eu gostava de ouvir as histórias. Hoje, a voz me chega aos ouvidos como sons de memória ardente” (HATOUM, 2000, p. 51). Assim, a história é reconstituída por meio da junção desses pedaços de histórias relatadas pela oralidade e retidas, muitas vezes, pelo ouvido de Nael. O narrador, então, reconta esses cacos com a intenção de manter vivas essas histórias e tradições deles advindas.

O sujeito do discurso percebe o mundo com uma multiplicidade de línguas e culturas, o que legitima o trânsito entre vozes diversas e garante a fragmentação e a polifonia do texto narrativo: “O caçula pensava que depois do baile dos Benemou a Lívia ia cheirar e morder o gogó dele e desfilar com ele nas matinês do Guarany e do Odeon” (HATOUM, 2000, p. 27). Vemos, portanto, que Nael fala em nome do outro, do caçula, porém, sua voz é expressa a partir do acesso à consciência do personagem, no caso, do pensamento do caçula, daí a polifonia em termos bakhtinianos. Nael, ao expressar os pensamentos do caçula, está de certo modo antecipando a memória desse personagem, o que a torna inverossímil já que, há uma suposição dos pensamentos do caçula e não o que realmente passava na consciência desse personagem.

Tal situação possibilita, também, a afirmação de que estamos sob influências constantes de diversos sistemas culturais que se interpenetram e se cruzam, promovendo a

heterogeneidade do discurso e, ao mesmo tempo, a coexistência de vários códigos simbólicos dentro de um grupo e em um só sujeito. Verificamos que a heterogeneidade em *Dois irmãos* é de ordem constitutiva, termo colocado por Authier-Revuz (1982), já que o discurso é marcado pelo interdiscurso, ou seja, ele é constituído pelo debate com a alteridade independentemente de toda marca visível de citação e alusão. O texto é, então, tecido pelas palavras dos outros (MAINGUENEAU, 2000, p. 79-80). Ainda nessa perspectiva, a subjetividade é construída nessa inter-relação com os demais discursos.

Notamos, também, que a história desses imigrantes é empregada como objeto de construção de um novo espaço, o qual “não é o tempo homogêneo e vazio mas um tempo saturados de ‘agoras’”, como afirma Walter Benjamin (1985, p. 229).

Portanto, é o uso da memória enquanto linguagem que permite o encontro e o cruzamento do passado com presente. Hatoum, ao optar pela multiplicidade temporal e espacial, fundamenta a idéia do uso da memória e das histórias relatadas por Nael, como veículo operacional das diferenças por permitir a recomposição desse tecido memorialístico pelo viés das diferenças culturais. Ela é, assim, um meio para a exploração do passado, contexto no qual se deu a vivência.

A memória é representada, assim, na(s) história(s) e na(s) experiência(s) coletiva(s) e individual(is) que compõem o texto fragmentado da reminiscência. Por esse motivo, a memória em *Dois irmãos* é gerada e construída em um espaço continuamente cruzado por uma multiplicidade de histórias e experiências, possibilitando que história e/ou histórias sejam recompostas a partir da descontinuidade fragmentária.

Nesse contexto, parece-nos importante assimilar que, usando como subsídio a trajetória dessa família, Nael reconstrói a sua própria história, sua origem conturbada, fruto da relação violenta de Domingas com Omar:

Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia [...] (HATOUM, 2000, p. 73).

Cabe-nos ainda ressaltar que, segundo Hatoum, o narrador joga com o tempo e os fatos, uma vez que não tem o conhecimento do desfecho (HATOUM, 2000b, p.6). Percebemos, pois, que é por meio do jogo de relatar e inventar a memória, que ele tenta reconstituir o passado, ora como testemunha, ora como quem o ouviu de outros, transformando em texto ficcional as próprias recordações, mescladas com relatos orais do avô Halim e de sua mãe Domingas:

Desta vez Halim parecia baqueado. Não bebeu, não queria falar. Contava esse e aquele caso dos gêmeos, de sua vida, de Zana, e eu juntava os cacos dispersos, tentando recompor a tela do passado. (HATOUM, 2000, p. 134)

Podemos observar, nessa passagem, que o passado é remetido a partir do uso metafórico de uma paisagem pictórica - uma pintura que representa a tela do passado - que, por sua vez, se compõe de fragmentos de pedaços de um quebra-cabeça. As lembranças da infância dos filhos gêmeos, juntamente com as da sua vida com Zana, são retratados, nessa passagem, como momentos que Halim tenta remontar ao recompor as peças do quebra-cabeça, que é sua própria vida.

Devemos assinalar, ainda, que esses *cacos* são a base de sustentação da narrativa, tecida com a intenção maior de manter viva uma ou várias tradições. Mas, quem reconstrói o texto ficcional, é um elemento marginal - o filho de Domingas

É interessante que o narrador reconta esses pedaços de histórias com o propósito de reconstruir a história da família de imigrantes e suas tradições, juntamente com histórias e tradições da cidade de Manaus, como já vimos. Cumpre-nos lembrar, ainda, que a história dessa família serve de pano de fundo para Nael buscar algo mais pessoal, que ele acredita ser sua identidade. Dessa forma, à medida que recupera as histórias da família do patriarca Halim, Nael reconstrói a sua própria história, moldada pela condição de neto bastardo.

O elemento marginal, assim, procura um espaço de inserção dentro da história dessa família tradicional de imigrantes e seus descendentes, uma vez que, de algum modo, faz parte dela. A memória, dessa forma, possibilita, no texto narrativo, a representação das histórias e das experiências passadas do próprio narrador, juntamente com as da família, já que elas são ecoadas a partir da memória pela linguagem. A construção romanesca se dá, portanto, pela evocação da memória, que permite o cruzamento e o encontro do passado com o presente.

Sublinhamos, dessa forma, que o narrador compõe o tecido narrativo, juntando os fios soltos da memória e de memórias. Tal fato legitima, assim, a reunião do passado e das memórias de outros em um ritual de rememoração e renovação.

Nesse contexto, devemos realçar a importância do trabalho do narrador ao reatar esses fios apesar das rupturas espaço-temporal, ao recompô-los e reconstruí-los em um novo tecido, agora composto pelas diferenças. O narrador é, portanto, portador de uma memória e de um passado, que são reconstruídos a partir da linguagem. É alguém que, segundo Hatoum, evoca o tempo presente trazendo, de longe, os dramas

para o momento da narração (HATOUM, 2003a, p.4). A narrativa é construída, então, a partir da percepção única do narrador que, ao filtrar esse passado, dos relatos que ouve ou do que vê, o transfigura pela linguagem em forma de narração.

Contudo, o recurso da estrutura fragmentada e polifônica em *Dois irmãos*, além de propiciar a aparição de diversas vozes e a composição de uma teia de histórias, possibilita que os episódios se entrelacem em tempos e espaços plurais. Tal situação se explicita em toda a narrativa, já que o passado, ao levantar a sua voz, aprova a reconstrução de um tempo perdido, possibilitando que o presente, ao entrar em suspensão, corrobore para que o passado se torne presente. Esse recurso, por sua vez, permite a presentificação do passado. O tempo se articula, desse modo, na forma discursiva do enredo.

4.2 Produção de memória, paradoxo, amnésia

A lembrança é uma espécie de significante de um conteúdo que é o olvido.

David Arriguci Jr.

A falta, as lacunas, algo que nunca se completa.

Ia de um para o outro, e essa alternância – jogo de lembranças e esquecimentos – que me dava prazer.

Milton Hatoum

A memória também aparece em *Dois irmãos* como algo oscilante, espontâneo e involuntário. É por meio dessa errância, da apropriação dos restos e fragmentos que Nael reconstrói e que nós, leitores, também reconstruímos essa memória. Vale lembrar que a produção mnemônica se estabelece, portanto, no movimento do ato de se lembrar e de se esquecer.

Nessa perspectiva, Huyssen (2000) e Colombo (1991) argumentam que a produção mnemônica contemporânea surge em detrimento do deslocamento da memória, individual ou coletiva, para os chamados arquivos sociais ou pessoais. O indivíduo busca reter essa memória devido ao medo de esquecer. Mas é devido a esse medo que, contraditoriamente, ele se lembra de algo. Ele esquece para lembrar. O que ativa a memória é, nesse caso, a lembrança. A memória apresenta, também, um caráter transitório, instável, falível e, por isso, não confiável e passível de esquecimento.

A memória, em *Dois irmãos*, apresenta, assim, a propriedade do narrador de guardar os dados fragmentados *dos passados* com o intuito de preservar os fatos

importantes que aconteceram e tiveram que ser guardados ou esquecidos. O constante movimento de ir e vir da memória do narrador torna a narrativa esgarçada e descontínua.

Nesse sentido, Hatoum propõe a construção da memória pelos momentos de lembrança do sujeito individual, ou das lembranças dos outros: “Isso Domingas me contou. Mas muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante” (HATOUM, 2000, p. 29).

Em razão dessa errância, em *Dois irmãos*, as lembranças residem na interseção desses dois níveis de arquivamento da memória, pois é por meio das recordações individuais e coletivas que a história de Nael é desvelada e revelada, constituindo uma estrutura fragmentada, como já foi mencionado. Aí as lembranças somem e aparecem arbitrariamente, sem que o narrador as possa organizar linearmente:

[...] Omissões, lacunas, esquecimentos. O desejo de esquecer. Mas eu me lembro, sempre tive sede de lembrança, de um passado desconhecido, jogado sei lá em que praia de rio (HATOUM, 2000, p. 90).

O que observamos, no entanto, é a exteriorização progressiva e fragmentada de uma memória ou várias histórias compostas de pedaços: “Ele [Halim] me fazia revelações em dias esparsos, aos pedaços, *como retalhos de um tecido*. Ouvi esses *retalhos*” (HATOUM, 2000, p. 51-52). O narrador tem dentro da sua própria narração o papel árduo de reescrever e recriar as histórias a partir dos relatos, tecendo, assim, a sua própria narrativa. Tal fato se explicita nesta passagem:

[...] Zana me mandava zarelhar pela vizinhança, eu cascavilhava tudo, roía os ossos apodrecidos dos vizinhos. Era cobra nisso. Memorizava as cenas, depois contava tudo para Zana, que se deliciava, os olhos saltando de tanta curiosidade: “Conta logo, menino, mas devagar... sem pressa”. Eu me esmerava nos detalhes, inventava, fazia uma pausa, absorto, como se me esforçasse para lembrar, até dar o estalo [...] (HATOUM, 2000, p. 86).

Observamos, pois, que se trata de um narrador em primeira pessoa, que observa atentamente os acontecimentos e os detalhes das cenas e depois as recontava devagar a Zana. Entretanto, a passagem acima, nos revela que o narrador não era fiel ao que relatava, pois se esmerava nos detalhes, inventava, acrescentava, criava e até mesmo distorcia a versão dos acontecimentos.

Encontramos, também, nesta obra, uma memória funcionando como veículo coletivo, social e individual. Funciona como identificação de uma experiência particular e/ou coletiva, a rigor, indissociáveis, deslocando-se entre espaços separados pelo tempo. O narrador é, portanto, o guardião dessa memória coletiva por ser, em alguns momentos, o único observador e, dessa forma, responsável pelo que é narrado. É portador das memórias e dos passados que reconstrói: “[...] fui o observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final” (HATOUM, 2000, p. 29).

O uso dessa memória coletiva, em *Dois irmãos*, possibilita, ainda, de acordo com Le Goff, que o tempo histórico seja manifestado por meio da recordação e da compreensão desse coletivo, já que podemos constatar a impossibilidade de ser transmitido linearmente (LE GOFF, 1992, p. 476-477). Observamos, pois, que o narrador tece uma memória historicamente viva ao lançar mão de aspectos historiográficos, como foi a imigração de sírio-libaneses no Norte do Brasil. Encontramos, assim, a inserção da ficção em um discurso baseado na história oficial brasileira.

A idéia de fragmentação também aparece em *Dois irmãos* na tradução dos espaços em branco que permeiam a composição do texto. Trata-se de intervalos visíveis para o leitor, como representação dos lapsos que surgem entre um e outro episódio do

passado. Isso acontece pelo fato de a memória humana ser lacunar, instável e maleável, como já foi mencionado. Porém, nem mesmo o que se lembra é sempre a *verdade*, ou seja, nem toda memória é uma representação verossímil, pois quando não há lembrança fiel do passado, ele é recriado, inventado. Hatoum utiliza essa idéia por pensar a ficção como uma tentativa de imaginar e reconstruir uma história que não existe mais (HATOUM, 2003a, p.4).

Por conseguinte, as histórias ali narradas simulam, ao mesmo tempo, um caráter verossímil e fictício, pois o narrador, nos momentos de amnésia, cria e inventa fatos para dar continuidade à sua narração: “Talvez por esquecimento, ele omitiu algumas cenas esquisitas, mas a memória inventa, mesmo quando quer ser fiel ao passado” (HATOUM, 2000, p. 90).

Desse modo, encontramos uma rede de histórias entrelaçadas e sobrepostas umas às outras, em que, na falta de elementos verídicos, há uma simulação pela imaginação do narrador. Trata-se de uma memória que, segundo Milton Hatoum, sofre rupturas através dos tempos e, por isso, o resgate das lembranças pelo sujeito leva a memória a apresentar um caráter imaginário e lacunar (HATOUM, 2003a, p.4).

Notamos, dessa maneira, que em *Dois irmãos*, a amnésia representa o medo de se lembrar do passado, pois este poderia, em determinado momento, desencadear fortes emoções, as quais o narrador não se julga preparado para enfrentar. Verificamos isso, por exemplo, quando Nael nos relata a morte de sua mãe:

Eu não conseguia sair de perto de Domingas. Um curumim do cortiço foi entregar um bilhete a Rânia. Escrevi: “Minha mãe acabou de morrer”.

Naquela época, tentei, em vão, escrever outras linhas. Mas as palavras parecem esperar a morte e o esquecimento; permanecem

soterradas, petrificadas, em estado latente, para depois, em lenta combustão, acenderem em nós o desejo de contar passagens que o tempo dissipou. [...] (HATOUM, 2000, p. 244).

Depois dessa menção, em que ele se refere ao processo de *lenta combustão* que lhe permite narrar, ele somente contará o episódio em detalhes ao final do livro. Isso nos mostra que, por um lado, existe certo medo de se lembrar de alguns acontecimentos, mas, por outro, eles acabam sendo lembrados por medo do esquecimento. Estamos, enfim, diante de uma relação tensa entre lembrar e esquecer, o que configura o paradoxo, pois a amnésia, que significa a ausência da memória, é que induz à lembrança. Portanto, o medo de esquecer, em última análise, é o que o leva a escrever. Assim, o narrador reprime as lembranças mais pelo sofrimento do que pela revelação que possa provocar.

Assim sendo, nos deparamos com a estrutura na qual o lembrar versus o esquecer e o escrever, em última análise, significa tencionar as lembranças, fazê-las aflorar com propósito de superar a dificuldade ou até mesmo o trauma que o fato causou. O narrador, no entanto, começa a lembrar-se dos acontecimentos depois de um certo tempo, quando, de alguma forma, já havia se distanciado dos fatos e superado as dificuldades. Assim, a reconstrução do lugar das lembranças se dá, na narrativa, a partir da superação e dos vãos do esquecimento.

Contudo, como podemos observar na passagem abaixo, o escrever é o resultado do jogo de lembrar e esquecer:

Eu tinha começado a reunir, pela primeira vez, os escritos de Antenor Laval, e a anotar minhas conversas com Halim. Passei parte da tarde com as palavras do poeta inédito e a voz do amante de Zana. Ia de um para o outro, e essa alternância – o jogo de lembranças e esquecimentos - me dava prazer (HATOUM, 2000, p.265).

Andreas Huyssen (2000) e Milton Hatoum (2003) ressaltam que a memória depende do distanciamento e, conseqüentemente, do esquecimento. Assim, para recontar essas histórias, Nael tem que se distanciar dos fatos. Como vimos, ele somente as reconta depois de um certo tempo, quando, de alguma forma, já havia se esquecido delas.

Com efeito, o que observamos é que o narrador escuta as histórias retendo-as consigo e esquecendo-as para, mais tarde, lembrar-se delas, escrevê-las e narrá-las ao leitor. A memória encontra-se, dessa forma, mediada por dois personagens: Halim e Domingas, que contam as histórias a Nael que, depois, as reconta sob a forma de narrativa.

A propósito, essa relação paradoxal entre lembrança e esquecimento, no sentido adotado por Andreas Huyssen, nos permite pensar no culto contemporâneo da memória e no modo como, nas culturas ocidentais, a mídia, a partir de recursos, como a televisão, o vídeo e a própria Internet, exerce o papel de reter a memória, desobrigando o sujeito da era pós-moderna de reter consigo os acontecimentos. Assegurado por esses recursos artificiais, esse sujeito se dá o direito de esquecer os acontecimentos; porém, o medo da amnésia faz com que ele evoque a memória, buscando lembrar-se das coisas de forma obstinada. Segundo Andreas Huyssen:

As próprias estruturas da memória pública midiaticizada ajudam a compreender que, hoje, a nossa cultura secular, obcecada com a memória, tal como ela é, está também de alguma maneira tomada por um medo, um terror mesmo do esquecimento [...] (HUYSSSEN, 2000, p. 19).

Lembremos, ainda, que, nesse novo contexto, a mídia serve, ao mesmo tempo, como compartimento de arquivo e veículo da memória pública e privada. E, embora o

universo midiático não esteja presente na obra de Hatoum, é nesse universo que se insere o homem contemporâneo, e é nesse contexto que as novas formas narrativas se produzem.

Assim, como podemos observar, Hatoum, a partir do uso dessa relação paradoxal - lembrança e esquecimento - reconstrói o lugar das lembranças e dos vãos do esquecimento com o objetivo de manter viva uma história. Vemos que a reconstrução do lugar das lembranças, desse modo, se dá a partir dos vãos do esquecimento.

Portanto, as vozes da memória não calam para não cair no esquecimento e poder lutar contra o silenciamento da história desses imigrantes que fazem parte de um discurso histórico oficial, que foi a imigração libanesa no Norte do Brasil, mais especificamente, no Amazonas. A lembrança, nessa obra, resume a tentativa de reviver o passado ao trazê-lo vivo novamente ao momento presente, recuperando a nostalgia do que foi e significou. Tal fato pode ser verificado na fala do avô Halim: “Me dá raiva comentar certos episódios. E, para um velho como eu, o melhor é recordar outras coisas, tudo o que me deu prazer. É melhor assim: lembrar o que me faz viver mais um pouco” (HATOUM, 2000, p. 71).

Dessa forma, notamos que a memória, nessa passagem, é configurada como algo positivo, mas, ao mesmo tempo, pressupõe seletividade de momentos também positivos a serem lembrados, já que Halim somente se lembrava daquilo que lhe fazia viver mais.

4.3 Cacos: ruínas da memória

A ruína é ponto de partida para se lembrar e recriar.

Milton Hatoum

A casa foi vendida com todas as lembranças
 todos os móveis todos os pesadelos
 todos os pecados cometidos ou em vias de cometer
 a casa foi vendida com seu bater de portas
 com seu vento encanado sua vista do mundo
 seus imponderáveis [...]

Carlos Drummond de Andrade

Encontramos, em *Dois irmãos*, como nos apresenta o Poeta, uma memória que também se constitui sob a forma de ruína e, pode ser lida a partir de uma rede metafórica que aponta, simultaneamente, para a idéia de fim e de começo. Assim, a casa da família aparece como representação de finitude à medida que, por um lado, se desfaz:

[...] Os azulejos portugueses com a imagem da santa padroeira foram arrancados. E o desenho sóbrio da fachada, harmonia de retas e curvas, foi tapado por um ecletismo delirante. A fachada, que era razoável, tornou-se uma máscara de horror, e a idéia que se fez de uma casa desfez-se em pouco tempo (HATOUM, 2000, p. 255).

Mas, por outro lado, também significa o começo, pois sobre a antiga estrutura é construída uma nova:

No projeto da reforma, o arquiteto deixou uma passagem lateral, um corredorzinho que conduz aos fundos da casa. A área que me coube, pequena, colada ao cortiço, é este quadrado no quintal (HATOUM, 2000, p. 256).

Enfatizamos, pois, que Milton Hatoum constrói o discurso dessa narrativa adotando, então, a perspectiva da história como ruína. Assim, acrescentamos que tal afirmação é pertinente, tendo em vista que a palavra ruína é entendida como expressão de uma trajetória centrada na destruição. Desse modo, podemos observar que Nael começa a narrar a sua história relatando a morte de Zana e a destruição da casa e da família:

[...] Então o rosto quase sem rugas de Zana desvaneceu; ela ainda virou a cabeça para o lado, à procura da única janelinha na parede cinzenta, onde se apagava um pedaço do céu crepuscular. (HATOUM, 2000, p.12).

[...] Antes de abandonar a casa, Zana via o vulto do pai e do esposo nos pesadelos das últimas noites, depois sentia a presença de ambos no quarto em que haviam dormido [...] (HATOUM, 2000, p.11).

Como mostram essas passagens, da mesma forma que a casa, a família também é destruída pela morte de seus integrantes. No entanto, Nael, um dos poucos remanescentes, reconstitui suas vidas pela narrativa. Assim, a ruína pode significar também a impossibilidade de se apagar o passado por completo. É, pois, a partir da ruína que se fundamenta a existência de algo posterior (HUYSSSEN, 2000, p. 59). Huysssen comenta essa questão ao falar sobre a *Shoah*, pois suas ruínas são provas, ainda que violentas, de um passado e da existência de um fato histórico polêmico. Podemos dizer que a ruína funciona não como algo negativo, e sim como elemento positivo, como o alicerce que dá base de sustentação para se perpetuar algo. Como afirma Walter Benjamin, o conhecimento histórico deve juntar fragmentos de um passado que se observa como ruína (BENJAMIN, 1985, p. 224). Assim, reformado, para a reconstituição do passado, é necessário juntar os fragmentos soltos, a fim de recuperá-lo a partir das ruínas.

De acordo com esse raciocínio, no romance em estudo, tal procedimento demonstra que o narrador é uma testemunha que, a partir do desmoronamento da casa e de

destruição da família, nos conta a história de Manaus, do povo em geral e a dos imigrantes, mesclada à sua experiência e subjetividade.

Assim sendo, Nael, ao lembrar-se dos acontecimentos, tece os fios de um passado esfacelado em ruínas e ausências. Ele é o produto dessas ausências. É possível afirmar, assim, a leitura do passado como símbolo da ausência e a do presente como acúmulo de ruínas. Essa ruína, porém, registra a imagem desse passado ausente, dessa falta de origem paterna, e a possibilita se escrever um presente distinto e, ainda, um discurso histórico calcado na diversidade cultural, graças ao intercruzamento e relacionamento entre grupos étnicos distintos, portadores de códigos culturais, costumes e linguagens próprios. O narrador é, portanto, o único testemunho e representante da memória histórica desses grupos e do passado coletivo que reconstrói na e pela narrativa.

Associada à idéia de ruína, encontramos, também, a imagem do museu, pois é nesse lugar onde se guardam os cacos, o que sobrou de uma história, de uma cultura, de uma tradição. O museu tem, na sociedade contemporânea, a função de preservar memórias e passados distantes. A casa de Zana, mãe dos gêmeos Yaqub e Omar, representa, dessa forma, uma espécie de museu, pois nela estão os *vestígios e rastros* do que foi e significou essa família de imigrantes libaneses na história de uma Manaus do século XX. A casa exerce, então, o papel de guardar a memória e a história dessa família com seus costumes e linguagens peculiares. Assim, as ruínas estarão ali para comprovar a existência da história desses imigrantes, desse lugar e povo.

Nesse sentido, a permanência do quarto dos fundos da casa que pertence a Nael demonstra que as ruínas dessa história, por mais que sejam modificadas, estarão presentes na formação cultural desse povo e dessa região.

De acordo com esse enfoque, a cidade, a casa e a loja, de propriedade da família, estão, também, associadas à idéia de ruína. Aliás, encontramos a representação desses espaços como símbolos da ruína, da passagem do tempo e da transformação. As três sofrem modificações devido ao processo modernizador, e as três deixam uma antiga estrutura sobre a qual será construída uma nova. Dessa forma, por exemplo, a loja de Rânia e de Halim, do princípio da história, não é a mesma do final, pois, com o crescimento do comércio local e com o progresso econômico, surge a necessidade de transformar as antigas instalações:

Rânia dirigiu a reforma da loja. Eu a ajudei a emboçar e rebocar a fachada, e ela mesma pegou nas brochas e pintou todas as paredes de verde [...] Depois da reforma, Rânia tomou mais gosto pela loja [...] (HATOUM, 2000, p. 130).

Da mesma forma, a cidade, depois da chegada da modernização, também sofre modificações significativas. Ao final do livro, a cidade do passado já não existe, mas a nova Manaus carrega, num eterno conflito, as ruínas da antiga: “[Halim] Olhava com assombro e tristeza a cidade que se mutilava e crescia ao mesmo tempo, afastada do porto e do rio, irreconciliável com seu passado” (HATOUM, 2000, p. 264).

4.4 Memória: articulação de espaços, tempos e tradições

Como nos demonstra Ricardo Piglia, que analisa o uso da memória a partir do resgate da tradição, a memória é a tradição pelo fato de constituir-se a partir de histórias de culturas populares passadas que, de alguma forma, encontramos nos rastros e vestígios do passado. A memória, ainda em seu ponto de vista, é impessoal por estruturar-se a partir de restos que um dado escritor ou narrador retoma mediante o resgate da tradição. Ainda segundo Piglia, a impessoalidade da memória fundamenta-se no fato de os escritores procurarem construir uma memória impessoal, individual ou coletiva que, ao mesmo tempo, sirva também como ponte para se escrever sobre uma tradição (PIGLIA, 1990, p.1-2).

Por outro lado, queremos enfatizar que, no caso de muitos escritores latino-americanos, como Jorge Luís Borges, por exemplo, não se trata simplesmente de escrever essa memória e, através dela, reescrever a tradição, mas de reescrivê-la, tentando relembrar a ex-tradição, aquilo que passou e que, de alguma forma, deixou vestígios. Nas palavras de Piglia:

La tradición tiene la estructura de un sueño: restos perdidos que reaparecen, máscaras inciertas que encierran rostros queridos. Escribir es un intento inútil de olvidar lo que está escrito [...] (PIGLIA, 1990, p.1).

Podemos definir la tradición como la prehistoria contemporánea, como el residuo de un pasado cristalizado que se filtra en el presente (PIGLIA, 1990, p.2).

É por isso que, segundo ele, a memória é incerta, impessoal e artificial. Com relação às duas primeiras características, a incerteza e a impessoalidade, elas ocorrem

porque não existe uma memória própria, pois qualquer escritor pode contar a história de um sujeito apoderando-se da memória deste. Também, não podemos confiar que as palavras e as histórias narradas sejam lembranças verdadeiras. Assim sendo, não devemos acreditar cegamente nelas; assim, todo o passado é incerto. Em segundo lugar, podemos afirmar que a memória não é verossímil, porque toda a narrativa vai ser construída em um espaço totalmente distinto daquele em que ocorreram os fatos narrados.

Argumentamos, pois, diante desse quadro, que a memória consegue resgatar e sobrepor tempos múltiplos, tornando-se atemporal, nos dizeres de Proust. A atemporalidade é estabelecida, assim, uma vez que o tempo se recusa a ser história linear. Como vimos anteriormente, ela é uma mistura de passado e presente, fragmentando a continuidade da reminiscência. Daí a impossibilidade de apreendermos o passado *vivo* em um arquivo, seja ele artificial ou humano, já que, em ambos os casos, somente nos é possível trabalhar com fragmentos, com representações de memória.

Nessa perspectiva, Walter Benjamin (GAGNEBIN, 2001, p. 90-91) ressalta que a memória viva, narrada a partir da experiência do sujeito e empregada na narrativa historiográfica, tem seu fim na perda e no declínio das experiências ocorridas com as guerras e a destruição. Dessa forma, a ruptura com essa experiência acarreta o surgimento de uma narração por meio das ruínas dessa narrativa, lugar a partir do qual a transmissão dos fatos e da história será estabelecida entre os *rastros e vestígios* de uma tradição perdida, como nos evidencia Hatoum em *Dois irmãos*.

Jorge Luís Borges, porém, demonstra que a memória não é uma simples representação de uma vivência subjetiva, pois “La memoria tiene la estructura de una cita, es una cita que no tiene fin, una frase que se escribe en el nombre de otro y que no se puede

olvidar” (BORGES apud PIGLIA, 1990, p. 3). Além de se apresentar em forma de citação, ela também é algo alheio, é um núcleo que permite a entrada do enigma da identidade e da cultura própria, da repetição e da herança.

É importante ressaltarmos que, no caso de Borges, a memória é vista como algo que tem a estrutura infinita e que é escrita por intermédio de outro com o objetivo maior de recontar ou resgatar uma cultura, uma identidade e, até mesmo, um fato histórico relevante.

Na mesma direção, Pierre Nora afirma que toda memória é uma “criação do passado”, uma reconstrução engajada do passado. (NORA apud SEIXAS, 2001, p.42). Ainda para esse autor a memória introduz o passado no presente sem modificá-lo mais necessariamente atualizando-o; é preciso considerar atentamente que o passado é por via de regra plural, um pulsar de descontinuidade.

Ele acrescenta também que “a memória é ativada visando, de alguma forma, o controle do passado”. Dessa forma, analisamos que reformar o passado, tendo em vista o presente, por meio da utilização de memórias significa “controlar a materialidade em que a memória se expressa” (NORA apud SEIXAS, 2001, p. 42).

No entanto, Jacy Seixas nos chama a atenção para o fato de que a falta de memória, de representações históricas de lugares habitados por ela, de ausência do tempo nos levam a ter uma memória descontínua e fragmentada ante as experiências da modernidade (SEIXAS, 2001, p.44).

Conseqüentemente, podemos observar que a memória é empregada na narrativa de Hatoum como agente que tece os fios descontínuos entre os lugares e acontecimentos, em vez de recuperá-los, resgatá-los ou até mesmo descrevê-los como realmente sucederam.

Foi Domingas quem me contou a história da cicatriz no rosto de Yaqub. Ela pensava que um ciuminho reles tivesse sido a causa da agressão. Vivia atenta aos movimentos dos gêmeos, escutava conversas, rondava a intimidade de todos. Domingas tinha essa liberdade, porque as refeições da família e o brilho da casa dependiam dela (HATOUM, 2000, p.25).

Examinando esse trecho, podemos verificar que Nael reconta alguns episódios, como o da cicatriz no rosto de Yaqub, a partir da memória da sua mãe Domingas. Dessa forma, os acontecimentos são remetidos de maneira descontínua, uma vez que, sendo relatos de outros, é impossível descrevê-los de forma verossímil.

Assim sendo, enfatizamos que a perspectiva dos olhares, nesse caso, é sempre diferente, uma vez que o fato foi visto e analisado sob ângulos distintos. Aqui, especificamente, Domingas é quem vê os fatos, retendo-os consigo e mais tarde recontando-os a Nael. O olhar de Domingas, no entanto, não é o mesmo de Nael, já que ela vivenciou o fato, enquanto Nael somente o escutou, por isso a dificuldade de contá-lo de forma coerente.

A memória, em *Dois irmãos*, tem, portanto, a função de atualizar os passados reencontrando o vivido, simultaneamente, no presente e no passado. Verificamos, também, que, através da memória, é possível preservar e reciclar uma história, uma cultura, uma identidade e uma tradição, ainda que por meio de traços e fragmentos. Tal aproximação se revela fundamental, uma vez que essa contínua travessia intercultural permeia a criação de espaços múltiplos e abertos a significantes plurais, como mostra este trecho:

[...] A história dele [Perna-de-Sapo] fora soprada de boca em boca na nossa rua, no bairro, na cidade. Uma dessas histórias que desciam os rios, vinham dos beiradões mais distantes e renasciam em Manaus com força de coisa veraz [...] (HATOUM, 2000, p.166).

O espaço da casa, por exemplo, equivale, como procuramos demonstrar, à idéia de ruína, pois é a partir da destruição dela que Hatoum dá início à sua narração. Mas, a casa também é símbolo do espaço da representação da tradição familiar libanesa, pois é nela em que os rituais, crenças, costumes e práticas sociais simbólicas referentes à cultura árabe são resgatados e rememorados. As festas e os rituais de comemorações eram festejados na casa dessa família. As partidas de gamão [taule], por exemplo, eram motivo para reuniões, festas e comilanças na casa de Zana e Halim.

Como se observa, em toda a narrativa está presente a convivência de diferentes formas de línguas e culturas distintas: “Desde a inauguração, o Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam” (HATOUM, 2000, p. 47-48). Tal procedimento possibilita que se estabeleça um elo de ligação da cultura árabe com outros grupos estrangeiros e com a população local amazonense.

Contudo, outros laços também são mantidos com outras culturas, como a italiana, a espanhola e a indígena, por serem esses grupos representantes de peso no processo identitário da formação étnica no Norte do Brasil.

No caso da cultura indígena, encontramos referências relacionadas à história de vida da *cunhantã* Domingas, mãe de Nael, que trabalhava na casa da família de Halim. Ela havia nascido em uma tribo à margem do Jurubaxi e, depois da morte de seu pai, foi levada e catequizada pelas freiras das missões de Santa Isabel. Figuram também no romance elementos relacionados a costumes dessa tribo, como o canto de Domingas em

nheengatu, o qual aprendera na infância, no rio Jurubaxi, e usava para embalar as noites do narrador que adormecia ao ouvi-lo:

[...] Só uma vez, ao anoitecer, começou [Domingas] a cantarolar uma das canções que escutara na infância, lá no rio Jurubaxi, antes de morar no orfanato de Manaus. Eu pensava que ela havia travado a boca, mas não: soltou a língua e cantou em nheengatu, os breves refrões de uma melodia monótona. [...] (HATOUM, 2000, p.240).

Ao articular experiências simultâneas e vivências étnico-culturais distintas, Nael possibilita que o discurso ficcional seja representado sob a forma disjuntiva. Essa estratégia, também, nos possibilita pensar a unidade discursiva como representação da diversidade.

O texto literário de Hatoum, como podemos observar, reflete a preocupação de muitos escritores contemporâneos, ao colocar em debate e promover, em seu discurso, uma nova forma de referir-se à memória. Em consequência, necessita de uma abordagem alicerçada na concepção de Ricardo Piglia, segundo a qual a memória é um meio para se chegar à tradição. Desse modo, resgata a tradição recuperando uma história perdida, fazendo, assim, uma releitura, uma reciclagem dessas histórias e memórias. Para isso, lança mão de novas formas de produção e de experimentações, como o faz Milton Hatoum.

Ao pensar esse novo contexto, sublinhamos, pois, que a memória em *Dois irmãos* deixa de ser linear e pessoal, passando a ser fragmentada e impessoal devido ao fato de o narrador apoderar-se das histórias de outros e da sua própria e contá-las como produto da mescla do coletivo e do pessoal. Por essa razão, cabe-nos ressaltar que a memória aparece, nessa narrativa, diretamente relacionada à idéia de releitura, pois encontramos nela uma intromissão do passado no presente, como previa Piglia.

Trata-se, no entanto, do empreendimento de representação de uma memória constituída, em *Dois irmãos*, pelo distanciamento e pela mescla de uma memória simultaneamente individual e coletiva, fecundada na multiplicidade de vivências e experiências. Vemos, então, que o tempo, ao se separar do momento da escrita em que os fatos aconteceram, pois Nael somente escreve os episódios depois de um certo distanciamento, possibilita, segundo Hatoum, a criação do espaço da invenção, que é a narrativa. (CURY, 2001 p. 2). Ainda de acordo com esse autor, “a distância temporal dá margem a muitas versões e variações de uma cena do passado” (HATOUM, 1996).

Como se pode ver, a memória já não mais aspira a uma totalidade, como era representada nas *grandes narrativas* e como propunha Walter Benjamin, no celebre texto o narrador, onde este se eleva ao sábio que tem o poder de contar as experiências retidas pela memória, isso porque, com a perda e a ruptura das experiências ocasionadas pelas guerras, surge a necessidade do empreendimento de uma nova técnica narrativa segundo a qual as transmissões das experiências serão estabelecidas por meio dos cacos de uma tradição em pedaços. Ainda nessa nova perspectiva, o tempo fica reduzido ao rastro dessa experiência, seja ela individual e/ou coletiva.

Por essa razão, a memória é empregada em *Dois irmãos* com o intuito de recuperar traços das vivências, dos inúmeros tempos e lugares idos e percorridos pelo narrador, já que o seu perambular por espaços e tempos descontínuos possibilitou-lhe a assimilação de outras tradições culturais, experiências e vivências sem, no entanto, perder o fio condutor de sua própria história.

Contudo, parece-nos importante enfatizar que, atualmente, pensar esse redimensionamento acerca da memória é afirmar a negação das experiências temporais e da história como acontecimentos passados. E como resultado desse processo, como acentua Gagnebin (2001, p.91), averiguamos que as histórias dessas experiências não podem mais ser desenroladas linearmente em uma narrativa, já que, como vimos em *Dois irmãos*, elas foram constituídas a partir dos cacos de uma experiência individual e/ou coletiva. Vejamos, pois, esta passagem:

Nos últimos anos de vida, Halim conviveu com essa paisagem sozinho no pequeno depósito de coisas velhas, entregue aos meandros da memória, porque sorria e gesticulava, ficava sério e tornava a sorrir, afirmando ou negando algo indecifrável ou tentando reter uma lembrança que estava na mente, uma cena qualquer que desdobrava em muitas outras, como um filme que começa na metade da história e cujas cenas embaralhadas e confusas pinoteiam no tempo e no espaço (HATOUM, 2000, p.183).

Em nossa visão é importante enfatizar que esse novo redimensionamento de representação, tanto da memória como do tempo e da história, empregado em *Dois irmãos*, permite que o narrador seja retratado como um colecionador de cacos ao reunir os restos, os fragmentos do passado, e recontá-los, no presente numa nova dimensão. Desse modo, o passado e o presente adquirem uma nova significação. Essa nova dimensão consente que a multiplicidade de tempos e espaços colecionados pelo narrador sejam (re)significados e reavaliados, adquirindo, assim, novos valores.

Dessa forma, é trabalhando com fragmentos, lugares diversificados e cacos, que se interpenetram como ficção e verdade, que Milton Hatoum reconstrói a tessitura

esgarçada - fragmentária e lacunar - de uma outra história que precisa ser contada e revelada.

Tal preocupação perpassa toda a narrativa em *Dois irmãos*, impossibilitando, assim, uma escrita linear. É, portanto, devido ao fato de serem as lembranças de Nael exteriorizadas em espaços e tempos diversos, que encontramos, em *Dois irmãos*, um discurso oscilante – num ir e vir - e descontínuo. Verificamos, também, que o espaço narrativo é criado a partir desse emaranhado de espaços e tempos, estando sujeito a variações, já que representa essas vivências e histórias diversas.

5

CONCLUSÃO

5- CONCLUSÃO

O estudo de novas formas de análise da memória, na literatura, especificamente, a fragmentação dela nas narrativas atuais, propicia a discussão de algumas questões que dizem respeito à identidade subjetiva e cultural, à crise e à instabilidade do sujeito contemporâneo, e à falta de linearidade histórica. Tudo isso pode ser considerado consequência da modernidade.

Isso posto, no romance *Dois irmãos*, construído a partir de um discurso fragmentado, calcado nas lacunas e nas instabilidades tanto do sujeito como do seu meio social, Milton Hatoum reflete, de forma bastante intensa, sobre essa realidade. É, sobretudo, ao utilizar uma estratégia desconstrutora da idéia de fronteira, de sujeito, de espaço, de tempo e de história, que ele nos mostra uma versão diferente do discurso histórico oficial.

Assim, ao focalizar o tema da identidade nacional e subjetiva, esse autor reconstrói, via memória, a história de um sujeito e sua relação com o meio social no qual se encontra inserido, ou seja, na diversidade cultural. A escrita de Hatoum propicia, assim, o encontro de elementos culturais vindos de horizontes diferentes. Isso nos leva à afirmação de que, em *Dois irmãos*, as tradições árabes se encontram inseridas nesse novo contexto sócio-histórico e cultural. Nesse sentido, relevamos, nessa ficção, a importância da recuperação das marcas de outras culturas e suas tradições em um lugar distinto do de origem e o seu papel na formação cultural brasileira.

Posto isso, ao observarmos as relações de convívio entre a cultura sírio-libanesa, a indígena, a nativa e a de outros imigrantes, nos damos conta de que, ao colocar esses

grupos e seus elementos heterogêneos em diálogo, o autor faz com que possamos ver a história da imigração, principalmente no Norte do Brasil, sob novos aspectos e pontos de vista teóricos. Assim, nesses diálogos encontramos os elementos que valorizam a imigração e mostram o importante papel que exerceu na formação cultural da cidade de Manaus.

Nessa linha de raciocínio, verificamos, também, que o conceito de mestiçagem, calcado na homogeneidade da nação a partir da eliminação das diferenças pelo processo de branqueamento, torna-se impreciso. Tal imprecisão se deve às constantes trocas culturais em todo o período colonial e posterior, que fizeram com que a *pureza* tornasse algo inadmissível e a hibridez uma possibilidade de análise a partir de processos de negociação estabelecidos nas diferenças interculturais, ou seja, na sua pluralidade.

A diferença cultural, por seu turno, é, então, apresentada, em *Dois irmãos* com o objetivo de transformar o cenário de articulação do Norte, reorientando, assim, sua formação através da perspectiva significativa do outro. Melhor dizendo: é na inter-relação que esse outro possibilita, a partir da sua bagagem cultural, a mistura de línguas e costumes, ou seja, a justaposição desses elementos diversificados, agora, traduzidos em processos significativos de produção cultural.

O espaço nacional, especialmente a Região Norte, então, passa a ser concebido, como averiguamos, não mais na idéia de totalização, de unidade, e sim na forma limiar de representação social marcada pela diferença. E, para esse fim, Hatoum estabelece novas possibilidades de análise e estratégias de significação na obra de ficção.

O discurso social de *Dois irmãos* evoca, ainda, os conceitos de híbrido e multicultural, calcados na realidade amazonense, no caso, na cidade de Manaus. Assim, podemos perceber esses conceitos quando o autor enfatiza, acima de tudo, o respeito à

alteridade e à valorização da diversidade, e quando questiona, a partir deles a mestiçagem no sentido de fusão, ou seja, de uma assimilação violenta.

Diante do exposto, concluímos que o uso constante de deslocamentos em espaços separados pelo tempo possibilitou a reconstrução da cidade de Manaus, bem como da Região Norte à medida que lhe foi dada uma nova identidade cultural, fundamentada no processo de miscigenação. Ora, como averiguamos, esse elemento serviu de base para todo o processo de formação dessa região; porém, nessa ficção, o espaço é retratado não mais como algo totalizador e sim como diferenciador.

Ao nosso ver, fica claro, então, que o discurso ficcional, no caso de *Dois irmãos*, quebra a hegemonia do discurso dominante – discurso do imperialismo e da superioridade do *branco*. O uso de relatos de minorias e de um narrador mestiço faz com que a narrativa tome uma nova configuração e possa ser apontada como desestabilizadora dessa totalização.

Essa forma discursiva, assim, se torna inovadora pelo fato de estar apresentada sob a forma de fragmentos de histórias e, simultaneamente, se prender a um período histórico e a uma memória sócio-histórica. A identidade nacional do Norte é, então, constituída coletivamente. É através da construção de um texto desarmônico, que desestabiliza a harmonia pela presença de vozes e relatos, que Hatoum reconstrói essa identidade pela coletividade ao assinalar as diferenças.

Tal contexto nos fez constatar, também, que o sentido de pátria é constituído, em *Dois irmãos*, como resultado da coexistência e vivência desses grupos na diversidade temporal e espacial do mesmo e do outro. A bagagem cultural histórica desses imigrantes, em contato com as presentes na Região Norte, e por serem rememoradas por essa coletividade, é marcada, no texto de Hatoum, pelo emprego de várias vozes, línguas e

tradições. Estas, em um tempo passado-presente, ao atracarem no porto de Manaus Harbour, fizeram com que esse território fosse configurado sob nova perspectiva e olhar, como nos relata o narrador.

Com relação ao enredo, verificamos que ele aparece configurado por uma dimensão episódica dos acontecimentos, pois encontramos um princípio, um meio e um final. Por outro lado, observamos o emprego de uma dimensão não cronológica dos fatos. Assim, o narrador encadeia o final ao começo, já que é um testemunho que relata os acontecimentos a partir do desmoronamento da casa.

É, pois, por essas ruínas que Nael reconstrói a sua história, juntamente com a dos outros. A ruína funciona como elemento positivo, pois serve de base para recontar os fatos. Notamos que Hatoum adota a perspectiva das ruínas em *Dois irmãos* como trajetória histórica, centrada na destruição. A continuidade histórica é, portanto, marcada pela destruição.

Já o tempo histórico é marcado pelas datas e acontecimentos, registros significativos de datas, festas e rituais comemorativos. Esse tempo é registrado em *Dois irmãos* sempre por um coletivo e/ou público e por uma memória social e/ou tradição mantida mediante registros e documentos históricos e rituais rememorados pelos imigrantes, migrantes e nativos presentes em Manaus.

Nesse sentido, vemos que a falta de uma ordem cronológica faz com que a construção romanesca se dê, em toda a narrativa, pela evocação de uma ou várias memórias a partir de uma subjetividade. Em outras palavras: a consciência presente do narrador é tecida pelos fios das sensações e imagens, depositados em um passado de lembrança, de momentos vivenciados pelo próprio sujeito e, também, pela consciência dos outros, consciência essa evocada pela sua memória.

Assim sendo, a memória do narrador contém em si as várias vozes e os relatos dos outros. Tal fato nos revela, ainda, a polifonia do discurso. A narrativa, como observamos, é tecida num jogo sutil de lembranças e esquecimentos e, por conseguinte, o movimento de lembrar versus esquecer é fomentado e gerado, então, no entrelace de uma ou várias experiências e vivências.

Observamos, pois, que o sujeito do discurso se desprende do eu cartesiano da filosofia clássica e se desenvolve na superfície da linguagem, que compõe o texto que lemos. A subjetividade é reconstruída, em *Dois irmãos*, pelas marcas diferenciais provindas dos outros, isso é, pela heterogeneidade da linguagem, como vemos, no emprego da polifonia no texto.

A narração é marcada pela junção de fragmentos não-lineares, isto é, pelos saltos e digressões espaço-temporais encontrados em toda a narrativa. Dessa forma, constatamos que a dissolução linear e temporal encontrada em *Dois irmãos* faz com que o espaço do narrado seja dado pela reunião do eu e do outro e de suas experiências, tanto coletivas como individuais.

A descontinuidade supõe, assim, as lacunas que são reconstruídas, na narrativa de Hatoum, pelo próprio sujeito que narra. O espaço da memória é, pois, recriado, lacunarmente, por mediação de vozes e fragmentos de vida, o que impossibilita a recuperação do vivido como um todo. Entretanto, as constantes oscilações e a falta de memória - a amnésia - fazem com que o narrador use de sua imaginação para continuar narrando.

Verificamos, portanto, na reconstrução dessas lacunas, desses pedaços de um quebra-cabeça, a possibilidade de construção de um novo contexto sócio-histórico e um

novo discurso, marcados não mais pela ideologia dominante, mas pelas vozes e relatos das minorias. Nesse novo contexto social, essas vozes serão configuradas de forma distinta, visando não mais à totalidade e sim às lacunas que nunca se completarão.

Mereceu também nossa atenção no estudo desse romance a questão de identidade. Assim, ao deslocar a atenção do centro para as margens, Hatoum nos obriga a repensar os fundamentos da relação entre o sujeito e a sua nacionalidade e identidade subjetiva. Pelo fato de estabelecer o lugar do narrador - um *curumim* - nas margens discursivas do texto, esse autor possibilita que o eu entre em contato com o outro.

Assim, o narrador Nael, ao se estabelecer nesse *entre-lugar*, na fronteira social entre o ser e o não ser, em convívio permanente com o múltiplo e com o diferente, propicia que tanto a sua identidade subjetiva como a identidade nacional do Norte sejam constituídas na interseção com um outro diferente e se manifestem como alteridade.

Vemos que o sujeito se distancia de si para ter a experiência do outro e para se constituir como outro. A identidade é, pois, concebida em *Dois irmãos*, a partir de fluxos de identificação que, por sua vez, por serem instáveis, desestabilizam o sujeito, culminando com a crise da identidade, vivenciada e discutida na contemporaneidade.

Concluimos, também, que, pelo fato de a subjetividade no texto em análise, constituir-se pelos outros, o indivíduo se vê cindido e fragmentado por esse outro que o constitui. Daí, é impossível falarmos aqui de identidade como categoria estanque, como na visão clássica. Ela é, assim, concebida, nesse romance, como multicultural, polifônica e híbrida.

É, no entanto, a partir do uso de uma linguagem heterogênea que Hatoum introduz o discurso do outro e promove um debate com a alteridade, sendo ela dominada pelo interdiscurso recorrente em toda a narrativa. A unidade textual é, portanto, constituída pelas

palavras dos outros, ou seja, o texto é tecido com referenciais de relatos próprios juntamente com o dos outros. A identidade subjetiva é reconstituída na interseção desses discursos.

Afinal, diríamos que Hatoum reconstitui a identidade do homem amazonense pela representação da figura do índio, do caboclo (população ribeirinha e nativos) e do imigrante, mais especificamente, do sírio-libanês, já que o amazonense é fruto da miscigenação e do seu meio. A cidade de Manaus é, portanto, resultado da justaposição e da interação entre esses diferentes modos culturais, traduzidos e convergidos para a criação de um mundo híbrido e não mais de um território, cujo produto era a fusão das etnias.

Diríamos, ainda, que, ao abordar o tema da marginalidade da terra, no que diz respeito ao trabalhador e à população de classe mais baixa, ao frisar a passagem do tempo e da destruição, Hatoum revela uma identidade amazônica de ser, de sentir e de agir em uma Manaus do século XX. Retrata uma identidade que reflete uma forma flutuante, ilha de sensação, à deriva das margens de várias histórias e culturas e dos rios do tempo, que busca um conteúdo historiográfico que não recuse as marcas da diferença deixadas pelo colonizador, como nos diz João Loureiro.

Milton Hatoum questiona, então, a partir desse cenário de reflexão, a presença e importância do outro em todo o processo de formação identitária do Norte e a falta do outro, do nativo, como elemento de fundamentação. É, no entanto, a partir do uso de um falar amazônico, por ser o narrador um mestiço, fruto do seu meio, que ele denuncia um passado de negatividades e fracassos e busca um futuro diferente, aberto a um ser e conhecer amazônico, como afirma João Loureiro.

Contudo, ao promover o encontro dos diferentes grupos culturais em uma Manaus dos anos 50, Milton Hatoum frisa a importância da dispersão e da reunião desses grupos em

novos contextos. Ele questiona a recepção da nova cultura pelo nativo e a assimilação da cultura autóctone pelo imigrante como meio de sobrevivência nesse lugar. Tais questionamentos são fatores importantes e chave para o entendimento do processo de formação, visto que, ao interagirem, nativos e imigrantes dão origem a novos elementos culturais, agora traduzidos uns nos outros, como nos coloca Burke (2003).

Entrelaçar o passado no presente, e uní-los novamente, dando continuidade a uma história de fracassos, é a forma que Hatoum encontrou para não esquecer e revitalizar um tempo histórico coletivo sob novos olhares e perspectivas. É por meio do emprego de uma estratégia que o autor busca, a partir de novas teorias de constituição do meio, como o hibridismo e o multiculturalismo, oferecer uma historiografia crítica da história brasileira, especificamente, da Região Norte.

Desse modo, o narrador, ao mergulhar no passado devido à perda irremediável da origem, tem a intenção de rastrear sua identidade em suas vivências e nas histórias coletivas e/ou individuais. Com isso, ele pretende conhecer mais de perto esse passado no intuito de encontrar algo em que se ancorar e (re)significá-lo para seguir vivendo no presente, já que a falta paterna ocasiona a sua instabilidade como indivíduo. A busca da identidade é, assim, apontada pela não-identidade.

Por fim, a história de vida desses imigrantes, juntamente com a do narrador Nael, aparece, em *Dois irmãos*, determinada não somente pela rememoração dos grandes acontecimentos históricos do passado, mas também pelos pequenos momentos e fragmentos de histórias que, de certa forma, contribuíram para o processo de formação e evolução desse sujeito e desses imigrantes.

Finalizando, podemos afirmar que o texto literário é apresentado, sobretudo, como possibilidade de restauração de memória, que se movimenta a partir de avanços e

retrocessos, dissolvendo os limites do tempo e do espaço. Estes são redimensionados pelo descentramento, à medida que se compõe o vivido pela mediação de muitas vozes e se cria um novo espaço no qual a pluralidade étnica vigora. Ressoam, nas palavras de Nael, o seu próprio fazer enquanto narrador, pois, como bem aponta Maria Zilda Cury, verificamos que no espaço da narrativa nasce sua memória e nesse espaço se escreve a história que lemos.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL-JABRI, Mohammed Abed. *Introdução à crítica da razão árabe*. São Paulo: UNESP, 1999.

ARRIGUCCI, David. Relato de um certo Oriente de Milton Hatoum. In: _____. *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras: 1999. p. 330-331.

BAKHTIN, Mikhail. O romance polifônico de Dostoievski e seu enfoque na crítica literária. In: _____. *Problemas da poética de Dostoievski*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. 275 p.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: FIORIN, José Luiz;

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p.1-9.

BASTOS, Maria Beatriz. *Metaficção historiográfica: fronteiras de discurso, margens da nação*. 1996. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

BELLEI, Sergio Prado. Introdução. In: _____. *Nacionalidade Literatura, os caminhos da Alteridade*. Florianópolis: UFSC, 1992. p.13-22.

BELLEI, Sergio Prado. Conclusão. In: _____. *Nacionalidade Literatura, os caminhos da Alteridade*. Florianópolis: UFSC, 1992. p.111-113.

BELLEI, Sergio Prado. *Nacionalidade Literatura, os caminhos da Alteridade*. Florianópolis: UFSC, 1992. cap 5, p.91-110.

BELLEI, Sergio Luis Prado. Nação, Disseminação e Viagens Antropofágicas. *Travessa: Revista de Literatura*, Florianópolis, n. 37, p.45-57, jul-dez 1998.

BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: _____. *Obras Escolhidas I*. 5.ed São Paulo: Brasiliense, 1995. p.36-49.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: _____. *Obras Escolhidas I*. 5.ed São Paulo: Brasiliense, 1995. p.114-119.

BENJAMIN, Walter. O narrador: reflexões sobre a obra de Nikolai Lesskov. In: _____. *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Lisboa: Atropos, 1992. p. 27-57.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232.

BERMAN, Marshall. Modernidade ontem, hoje e amanhã. In: _____. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.15-35

BERND, Zilá. Introdução. In: _____. *Escrituras híbridas*. Porto Alegre: Ed da Universidade, 1998. p.15-18. (Estudos em Literatura Comparada Interamericana)

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. 3.ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998 .395p

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

CASHMORE, Ellis. *Dicionário de relações étnicas e raciais*. São Paulo: Ed. Selo Negro, 1995.

CARDOSO, Sergio. O olhar dos Viajantes. In: NOVAES, Adauto. *O olhar*. São Paulo: Companhia da Letras, 1985.

CARVALHO, José Murilo. Brasil: Nações imaginadas. In: CARVALHO, José Murilo. *Pontos e Bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

COELHO, Haydée Ribeiro. Múltiplas identidades/textos peregrinos. In: VASCONCELOS, Mauricio Salles; COELHO, Haydee Ribeiro. *1000 rastros rápidos (cultura e milênio)*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.107-121.

COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário*. 2.ed. São Paulo: FAPESP: Iluminuras, 1997. 383p

COLOMBO, Fausto. *Os arquivos imperfeitos: memória social e cultural eletrônica*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CURY, Maria Zilda. De orientes e relatos. In: SANTOS, Luis Alberto; PEREIRA, Maria Antonieta. *Trocas Culturais na América Latina*. 2.ed. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000. p. 165 – 167.

CURY, Maria Zilda. Imigrantes e agregadas: personagens femininas na ficção de Milton Hatoum In: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER & LITERATURA, 9., 2001, Belo Horizonte.[*Anais...*] Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2001. 1 CD-ROM

- CURY, Maria Zilda. Navio de imigrantes: identidades negociadas. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2002. 40p.
- ELIOT, T. S. Tradição e talento individual. In: _____. *Ensaaios*. São Paulo: Art, 1989.
- FAUSTO, Boris. Imigração: Cortes e continuidades. In: SCHWARCZ, Lilia Mortiz. *História da Vida privada no Brasil: Contrastes da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- FAUSTO, Boris. Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista. In: _____. *Fazer América: a imigração em massa para a América Latina*. 3. ed. . São Paulo, EDUSP: 1999. p.315-351.
- FIDELES, Ana Claudia e Silva. *Entre Orientes-Viagens e Memórias: A narrativa relato de um certo oriente, de Milton Hatoum*. 1998. 152f. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Estudos de Linguagem - Unicamp, Campinas, 1998.
- FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In: FIORIN, Jose Luiz; BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990. p.29-35.
- FREITAS, Sonia Maria. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP/ Imprensa Oficial de São Paulo, 2002.
- GAGNEBIN, Jean Marie. Memória e esquecimento: Linguagens e narrativas. In: BERSCIANI, S.; NAXARA, M (Org.). *Memória e res(sentimento)*. São Paulo: Ed Unicamp, 2001. p 85 – 94.
- GARCIA CANCLINI, Nestor. *Consumidores e Cidadãos conflitos multiculturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- GARCIA CANCLINI, Nestor. *Noticias recientes sobre la hibridación*. Disponível em: < [http:// www.cholonautas.edu.pe/pdf/SOBRE%20HIBRIDACION.pdf](http://www.cholonautas.edu.pe/pdf/SOBRE%20HIBRIDACION.pdf) >. Acesso em julho de 2001.
- GINZBURG, Jaime. A narração fragmentária em grande sertão: veredas. *Nonada: Letras em Revista*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, ago/dez 1997, 61-71.
- GINZBURG, Jaime. Conceito de melancolia. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. Porto Alegre, v. 20, junho 2001, p.102-116.
- GONÇALVES FILHO, José Moura. Olhar e Memória. In: NOVAES, Adauto. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GRAIEB, Carlos. Milton Hatoum cria pátria entre dois mundos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 8 mar. 1995, Caderno 2.

HALL, Stuart. Controvérsias. In: HALL, Stuart; SOVIK, Liv; NOGUEIRA, Adelaine La Guardia. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. 4. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG ; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p.25-128.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. 6.ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2001.

HATOUM, Milton. Entrevista a Milton Hatoum. *Revista de Estudos Árabes*. São Paulo, v. 2, n.4, jul./dez.1994, p.59-66. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/collat/milton1.htm>> Acesso em: 31 jun. 2002a. Entrevista concedida a Aid Rameza Hanania.

HATOUM, Milton. Escrever a margem da história. *Revista de Estudos Árabes*. São Paulo, v.2, n. 4, jul./dez. 1994, p.67-72. Acesso em 31 de jun. 2002b Entrevista concedida a Aid Rameza Hanania.

HATOUM, Milton. A dor do viajante. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 abril 1993, Caderno Mais, 5.

HATOUM, Milton. A natureza como ficção. In: GROSSMAM, Judith. *O espaço geográfico no romance brasileiro*. 2.ed. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado. 1993a. 117p.

HATOUM, Milton. Bocados de vida do passado. *Folha de São Paulo*, São Paulo, maio de 1996. Jornal de Resenhas.

HATOUM, Milton. Dilema. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 03 abril 1994a, Caderno Mais. 6.

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. 8.ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2000. 266p.

HATOUM, Milton. Dois tempos. In: BONASSI, Fernando et-al. *A Alegria*. São Paulo: Publifolha, 2002.

HATOUM, Milton. *Internacionalização literária: práticas teóricas da tradução*. Conferência dada a Faculdade de Letras da UFMG em 24 de julho de 2003. (1 fita cassete)

HATOUM, Milton. Literatura e Identidade. *Remate de Males*, Campinas, v 14, p. 77, 1994a.

HATOUM, Milton. *Literatura&memória: notas sobre relato de um certo oriente*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1996a. p.7-15.

HATOUM, Milton. Narrar para não morrer (posfácio). In: RUSHDIE, Salman. *Haroun e o mar de histórias*. São Paulo: Paulicéia. 1991.

HATOUM, Milton. Na selva com Proust. *Leia*. Rio de Janeiro, outubro de 1989, p.162.

HATOUM, Milton. Passagem para um certo oriente. *Remate de Males*, Campinas, v.13, p. 165-168, 1993.

HATOUM, Milton. Reflexão sobre uma viagem sem fim. *Revista USP*, São Paulo, n.13, p.61-65, março 1992.

HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

HATOUM, Milton. *A sétima árvore*. Rio de Janeiro: Globo Rural, 1989. p. 162.

HATOUM, Milton. *Treze perguntas para Milton Hatoum*. Mensagem recebida por: tatalgueiro@yahoo em julho de 2003a.

HATOUM, Milton. Vozes da memória. *Amazonas em tempo*, Manaus, 22 out 1987, Seção Cultura.

HATOUM, Milton. Entrevista Milton Hatoum. *Revista Cult -50* . São Paulo. (1 CD-ROM) Julho de 2000a.(Entrevista concedida a Suzana Scramim)

HATOUM, Milton. O território da Identidade. *Revista Cult -50* . São Paulo. (1 CD-ROM) Julho de 2000b.(Entrevista concedida a Suzana Scramim)

HUYSSSEN, Andreas. Escapando da amnésia - o museu como cultura de massa. In:

HUYSSSEN, Andreas; FARIAS, Patricia. *Memórias do modernismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p.222-253.

HUYSSSEN, Andreas. Introdução. In: HUYSSSEN, Andreas; FARIAS, Patricia. *Memórias do modernismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p.7-21.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano Ed., 2000. 116 p.

IGEL, Regina. Aculturação e Assimilação. In: _____. *Imigrantes judeus, escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva: Associação Universitária de Cultura, 1997. p.129-162

KASSAB, Álvaro. *A pátria sem fronteiras*. Jornal da Unicamp, Campinas, v. 15, n. 163, junho 2001. Disponível em: <<http://www.jornal da unicamp.br>>. Acesso em junho de 2002.

KEMEL, Cecília. *Sírios e Libaneses: aspectos da identidade árabe no sul do Brasil*. São Paulo: EDUNISC, 2000.

KURBAN, Taufink. *Os sírios e libaneses no Brasil*. São Paulo: Sociedade Imprensa Paulista, 1933.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: _____. *História e memória*. Campinas: Ed Unicamp, 1992. p.535-553.

LE GOFF, Jacques. Passado/presente. In: _____. *História e memória*. 2.ed. Campinas: Ed Unicamp, 1992. p.203-477.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes e minorias e a luta pela Etnicidade no Brasil*. 2.ed. São Paulo: UNESP, 2001. 344p.

LIMA, Luis Costa. A ilha flutuante. In: _____. *Intervenções*. São Paulo, Edusp: 2002. p.317-323.

LIMA, Luis Costa. Documento e Ficção. In: _____. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. p.187-242.

LIMA, Luis Costa. Tempo e Linguagem. In: _____. *Intervenções*. São Paulo, Edusp: 2002. p.303-316.

LOUREIRO, Antonio José Souto. *A Grande Crise (1908 – 1916)*. Manaus: [s.ed], 1986.

LOUREIRO, Antonio José Souto. *Síntese da História do Amazonas*. Manaus: [s.ed], 1978.

LOUREIRO, João de Jesus. Por uma fala amazônica sobre a cultura. *Amazonas Suplemento literário*. [s.d.]

LUDMER, Josephina. Temporalidades do Presente. *Margens/Margines: Revista de Cultura*. Belo Horizonte, n.2, p.14 –27, dezembro 2002

MAINGUENEAU, Dominique; BARBOSA, Márcio Venício; LIMA, Maria Emília Amarante Torres. *Termos-chave da análise do discurso*. [17. ed.]. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2000 155 p

MENDES, Lauro Belchior. Primeira Aula. In: _____. *Memórias do presente: ensaios de literatura contemporânea*. 2. ed. Belo Horizonte: Pós-Lit/FALE/UFMG, 2000. p.13 – 38. (Ensaio de literatura contemporânea)

MIRANDA, José Américo. Romance e História. In: BOECHAT, Maria Cecília Bruzzi; OLIVEIRA, Paulo Motta; OLIVEIRA, Silvana Maria Pessôa de. *Romance histórico: recorrências e transformações*. 5. ed. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000. . p.17-25.

MIRANDA, Wander Melo. A poesia do Reesvaziado. *Caderno Esc. Legisl.*, Belo Horizonte, v.2, n. 4, p. 95-113, jul/dez de 1995.

MIRANDA, Wander Melo. Nações literárias. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, São Paulo, caderno 2. p. 31-38, maio 1990.

MIRANDA, Wander. O texto da memória. In: _____. *Corpos escritos*: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. 7. ed. rev. e atual. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1992. p.119-132.

MIRANDA, Wander. O texto do leitor. In: _____. *Corpos escritos*: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. 7. ed. rev. e atual. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1992. p.133-144.

MIRANDA, Wander. O texto reflexivo. In: _____. *Corpos escritos*: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. 7. ed. rev. e atual. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1992. p.101-118.

MIRANDA, Wander. Texto e história. In: _____. *Corpos escritos*: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. 7. ed. rev. e atual. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1992. p.145-157.

MONTES, Maria Lúcia. Raça e identidade entre o espelho, a invenção e a ideologia. In: SHWARCZ, Leila Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva. *Raça e diversidade*. 2.ed.São Paulo: Estação Ciência ; USP,1996. p.47-65.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Introdução. In: _____. *O sortilégio da cor*: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Selo Negro. 2003. p.17-28.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Identidade e dominação. In: _____. *O sortilégio da cor*; identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Selo Negro. 2003. p.29-50.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Trabalhando a crítica multicultural e policêntrica. In: _____. *O sortilégio da cor*: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Selo Negro. 2003. p.81-112.

NESTROVSKI, Arthur Rosenblat; SELIGMANN-SILVA, Marcio; FELMAN, Shoshana. *Catástrofe e representação*. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2000 259 p

- NUNES, Benedito. Narrativa histórica e narrativa ficcional. In RIEDEL, Dirce Côrtes. *Narrativa ficção e Historia*. Rio de Janeiro, Imago: 1987. p. 9-35.
- NUNES, Benedito. Tempo e história: introdução à crise. In: _____. *Crivo de Papel*. São Paulo: Ática, 1999. p.131-154.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. Multiculturalismo e Cultura Política: Lições Norte-Americanas e Dilemas Brasileiros. In: _____. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p.163-188.
- ORTIZ, Renato. Diversidad Cultural y cosmopolitismo. Campinas: Universidade Estadual de Campinas [s.d.] p.43-54.
- OTTE Georg. O narrador sem aura ou pensando a reprodutibilidade oral em Benjamin. *Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v.2, p.123-136, outubro de 1994.
- OTTE Georg. Remoção e citação em Walter Benjamin. *Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v.4, p.211-223, outubro de 1994.
- PAGANO, Adriana. Ficções, tradução e deslocamentos culturais: metalinguagem de escritores latino-americanos contemporâneos como teorização dos processos tradutórios. In: OTTE, Georg; PESSOA, Silvana. *Mosaico crítico: ensaios sobre literatura contemporânea*. 2. ed., rev. Belo Horizonte: Autentica: NELAM, 1999. p.65-74.
- PATARRA, Neide. *Emigração e imigração internacionais no Brasil*. 2.ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.
- PASSOS, Vinicius. As margens das línguas: literatura e fronteira em Milton Hatoum. In: CONGRESSO ABRALIC, 8, 2002; Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Associação Brasileira de Literatura Comparada/FALE-UFMG, Belo Horizonte, 2002.1 CD-ROM.
- PEREIRA, Antonieta. Nosotros. *Revista Iberoamericana*. Salamanca, v.66, p.113-119, enero/marzo 2000.
- PIGLIA, Ricardo. Memoria y tradición. In: CONGRESSO ABRALIC, 2; 1990. Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1991.
- PIZA Daniel. Milton Hatoum, um estilo construído com rigor e sensibilidade. *Estado de São Paulo*, São Paulo, março 2001. Caderno 2, 1-5. Disponível em: < <http://www.estadão.com.br> > Acesso em julho de 2002.

RIBEIRO, Darcy. O Brasil caboclo. In: _____. *O povo brasileiro: a formação e sentido do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995. p.307-338.

RIBEIRO, Darcy. O processo civilizatório. In: _____. *O povo brasileiro: formação e o sentido do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995. p.64-77.

RIBEIRO, Darcy. Sobre a mestiçagem no Brasil. In: SHWARCZ, Leila Moritz QUEIROZ, Renato da Silva. *Raça e diversidade*. São Paulo: Estação Ciência ; USP, 1996. p.187-205.

SAFADY, Jorge S. *A imigração árabe no Brasil*. 1972. Tese (Doutorado em História)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. 5.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 459p.

SANTOS, Afonso Carlos Marques. Memória, história, nação: propondo questões. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 87, p.5-12, out./dez 1986.

SANTOS, Eloina Monteiro dos. *A Rebelião de 1924 em Manaus*. Manaus: SUFRAMA, 1990.

SANTOS, Luis Alberto Brandão. A névoa multiculturalista. In: PEREIRA, Maria Antonieta; REIS, Eliana Lourenço (Org.). *Literatura e Estudos Culturais*. 4.ed. Belo Horizonte: Pós-lit/Nelam, 2000. 256p.

SANTOS, Luis Alberto Brandão. Línguas estranhas. In: BRANDÃO, Luis Alberto; PEREIRA, Maria Antonieta (Org.). *Trocas culturais na América Latina*. Belo Horizonte: Pós-lit/Nelam, 2000. 254p.

SANTOS, Luis Alberto Brandão. Literatura e História: Convergências de possíveis. In: BOËCHAT, Maria Cecília Bruzzi; OLIVEIRA, Paulo Motta; OLIVEIRA, Silvana Maria Pessoa de *Romance Histórico: recorrências e transformações*. 5.ed. Belo Horizonte:FALE/UFMG, 2000. p.45-55.

SANTOS, Luis Alberto Brandão. *Nação e Ficção – Comunidades imaginadas na literatura contemporânea*. 1996, 208f. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

SAYAD, Abdemalek. *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

SEIXAS, Jacy. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In:

BERSCIANI, S.; NAXARA, M (Org.). *Memória e res(sentimento)*. São Paulo: Ed Unicamp, 2001. p.37 – 58.

SIGNORINI, Inês. Figuras de modelos contemporâneos da subjetividade. In: _____. *Língua (gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. São Paulo: FAEP, 2002.

SILVERIO, Valter Roberto. O multiculturalismo e o reconhecimento: mito e metáfora. *Revista USP*. São Paulo, n. 42, p.44-45, 1999.

SKIDMORE, Thomas. *Raça e racionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SOUSA, Eneida Maria. Histórias de Família na América. *Revista de Estudos de Literatura*, v.2, p.51-61, out.1996.

SOUSA, Eneida Maria. Sujeito e Identidade Cultural. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, São Paulo, caderno 1, p.34-40, março 1991.

TODOROV, Tzvetan. Conhecer: Tipologia das relações com o outrem. In: TODOROV, Tzvetan; MOISES, Beatriz Perrone. *A conquista da América a questão com o outro*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p.181-198.

TODOROV, Tzvetan. La nación y el nacionalismo. In: _____. *Nosotros y los otros: reflexión sobre la diversidad humana*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1989. p.203-223.

TRUZZI, Oswaldo. *De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Editora Sumaré, 1992. 127p.

TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios. Sírios e Libaneses em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1997.

TRUZZI, Oswaldo Mario. Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista. In:

FAUSTO, Boris. *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 1999. p.315-351.

VAINER, Carlos. Estado e migração no Brasil: da imigração à emigração. In PATARRA, Neide Lopes. *Emigração e Imigração internacionais no Brasil*. 2.ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

YOUNG, Robert. Hybrity and diaspora. In: _____. *Colonial desire: Hybridity in theory, culture and race*. London: Rutledge, 1995.